Saravá, Motumbá, Makuiú, Kolofé e Asé a todos...

Na minha última estada na cidade de Londrina, estive pesquisando em alguns sebos e me deparei com o livro abaixo transcrito.

Para mim, trata-se de uma raridade, considerando que a edição é de 1957.

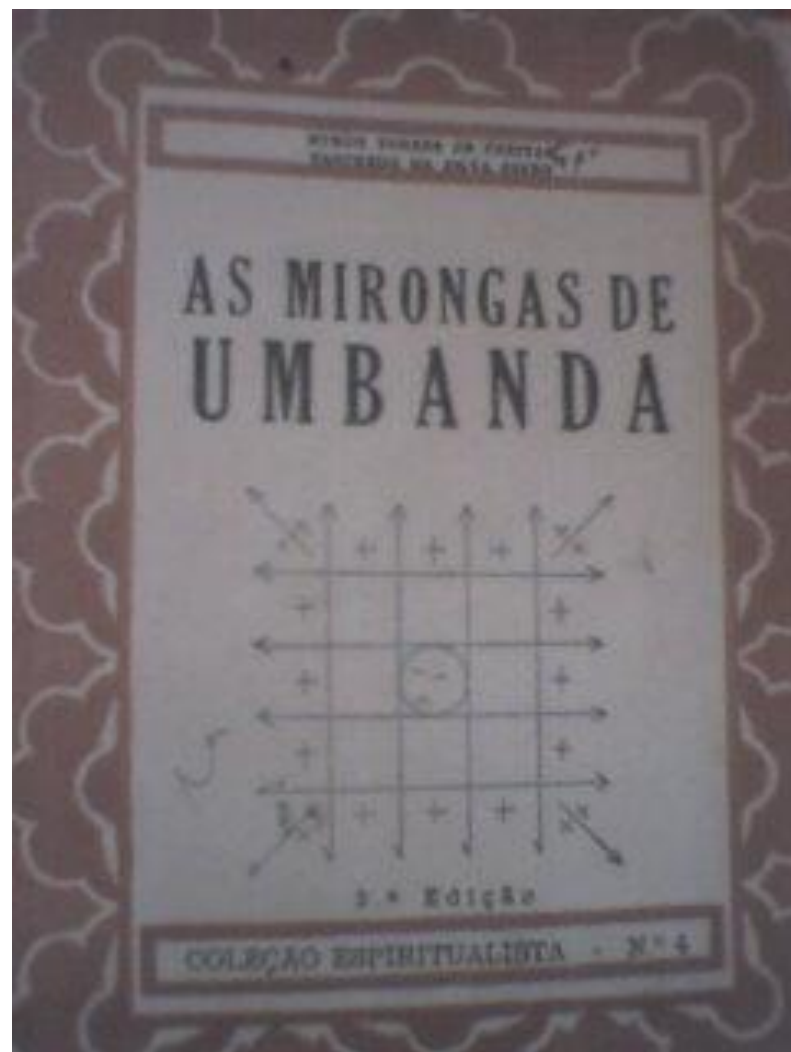
Decidi transcrevê-lo, *ipse literis*, (incluindo erros de tipografia e grafia) e disponibilizá-lo àqueles que se interessam ao estudo da diversidade que temos em Umbanda

Sempre é prudente que se considere o valor da obra dentro da Umbanda, considerando a conjuntura do momento histórico, político e social de quando foi escrita, bem como a visão pessoal do autor.

Também é recomendável que a leitura se dê tentando distinguir aprendizado do que está escrito e do que não está escrito, daquilo que é de fundamento e do que foi passado para consumo da Sociedade, sem as pechas que costumamos ver nas listas de discussão da Web, de “certo” e “errado”.

Espero que apreciem a iniciativa.

Abraços Fraternos,
Binho
Marco de 2008

AS MIRONGAS DE
UMBANDA
3.ª Edição
COLEÇÃO ESPIRITUALISTA - N.º 4

Dyron Torres de Freitas
Tancredo da Silva Pinto

As Mirongas de Umbanda

3ª Edição
Coleção Espiritualista – Nº 4

Esta obra foi aprovada e adotada oficialmente pela Confederação Espírita Umbandista

1957
Gráfica Editora Aurora, Ltda.
Rua Vinte de Abril, 16
Rio de Janeiro

Ó KOFY OLÔRÚN!

OLÔRÚN KÔÔ – BÔSSY!

A ORÊRÊ AIÊ ORIXÁ LOMAN
IÁ OCHÊ EGBEJI ORÊRÊ, AIÊ

Tradução: - "No mundo, nada está oculto a Deus".

ÍNDICE

AO LEITOR

Êste livro contém apenas um ensino externo. O conhecimento profundo deves adquirir por ti mesmo, meditando.

PRECE A ZÂMBI

Peço, rogo e imploro a Zâmbi, o Supremo Espírito do Bem, que me dê a sensação de absoluta tranqüilidade e bem-estar, a certeza de que nenhuma espécie de males terá poder sobre mim, nem hoje nem nunca: - nem a fome, nem a enfermidade, nem a miséria, nem os meus inimigos visíveis ou invisíveis, nem a morte, - e que possa dizer com a mais prfunda e absoluta fé: “Ando no meio das trevas, das traições, dos perigos e da morte, mas nem as trevas, nem as traições, nem os perigos, nem a morte me amedrontam, porque Deus está comigo”.

Prece de Prentice Mulford, adaptada para a Umbanda.

PREFÁCIO

Êste é nosso 2º volume sôbre a Umbanda. O 1º ("DOUTRINA E RITUAL DE UMBANDA") teve uma divulgação que em parte, nos surpreendeu, mas neste expomos, com maiores detalhes, numerosas cerimônias e costumes umbandistas. É claro que, tratando-se de uma religião muito antiga e muito forte, é necessário muito cuidado para não se revelar segredos do culto, que só podem ser transmitidos a iniciados de grau superior.

Estamos profundamente convencidos de que o ano de 1953 marca o limiar de um novo mundo espiritual, que se caracteriza pela decadência do materialismo e o crescente ressurgir do ideal religioso, neste planêta. Falanges e mais falanges de luz preparam ambiente para que, abandonando grosseiras ilusões dos sentidos, o homem possa se libertar das cadeias dos interêsses egoísticos e antever a redentora luz da Aruanda, lá onde habitam os grandes orixás, sob o olhar de Oxalá e diante da suprema sabedoria de Olôrún-Zâmbi.

Enfrentamos mil obstáculos, calúnias e incompreensões, trabalhamos pelo levantamento intelectual e social da Religião de Umbanda no Brasil. O pensamento que nos norteia é o de que se torna necessário combater a ação nefasta do ateísmo, quer se verifique nas camadas da população quer nas esferas de govêrno.

A neutralidade em face das religiões é uma atitude governamental sábia, prudente e democrática, mas a campanha oficial contra o sentimento religioso, visando, pelo terror, afastar do coração dos homens a crença em Deus Criador do Universo – é uma atitude condenável, sacrílega, que deve ser combatida, sem mêdo, pelos verdadeiros espiritualistas.

Finalmente, advertimos aos nossos leitores de que as cerimônias descritas em "AS MIRONGAS DE UMBANDA" não podem ser reproduzidas por quem não conhece... as mirongas de Umbanda.

Os Autores.

CAPÍTULO I

FILOSOFIA RELIGIOSA DE UMBANDA

1. Filosofia religiosa de Umbanda

2. A grande lei da Natureza

3. Os Orixás

4. Ensino transcendental:

    a) O poder de materializar as formas mentas
    b) Recordações das vidas anteriores
    c) Fazer sempre o bem
    d) O aumento do poder mental

5. A Química Astral

DEVASSAR AS TREVAS PARA GOZAR A LUZ

"A vossa vida presente não passa de uma teia de sonhos mentirosos e confusos."

"Vivestes outrora a vida verdadeira, mas depois, atraídos por um encanto, tombastes no abismo terrestre, subjugados pela carne. O vosso presente não passa de uma ilusão fatal. Só o passado e o futuro existem verdadeiramente. Aprendei a recordar, aprendei a prever."

"É mister saber devassar as trevas para gozar a luz."

"Morrer é renascer!"

"A vossa vida terrestre é uma expiação ou um ensaio de existências precedentes."

(Os Mistérios de Eleusis, na Grécia)

1 – FILOSOFIA RELIGIOSA DE UMBANDA

“Anterior e superior à Terra é o tipo divino do homem; celeste é a origem da sua alma. Mas o seu corpo é o produto dos elementos terrestres, fecundados por uma essência cósmica.”

Há duas lendas que parecem encerrar um profundo enigma cosmogônico: a Idade de Ouro e a do Pecado Original.
Conforme a lenda da Idade do Ouro, tempo houve em que o homem e a natureza se harmonizavam integralmente. Tudo era maravilhoso: a terra produzia magníficos frutos, o clima era benigno, e o homem se movimentava em um cenário de sonho, em paz consigo mesmo e com seus semelhantes. Os homens gozavam de uma felicidade tão completa que ninguém se dava conta de tal fato, por ser geral.
Mas... um dia o homem errou. Pela primeira vez, compreendeu ser um ente privilegiado e se encheu de orgulho. Daí a sua queda, o fim da Idade do Ouro, e a consciência desse erro, o Pecado Original. As duas lendas, pois, completam-se e se explicam mùtuamente.
Um pobre visionário, o “profeta da Gávea”, Laureano Ojeda, há 25 anos, mais ou menos, disse aos jornalistas cariocas que o mal da humanidade era o orgulho intelectual. Mas quem era Laureano Ojeda, um maltrapilho, sem dinheiro, vivendo aqui e acolá, dormindo ao relento, onde a noite o alcançasse, para dizer coisas que se aproveitasse? Entretanto, grande sabedoria emanava dos lábios dêsse rapaz, que o povo considerava excêntrico. A frase impressionou-nos, porque tivemos a intuição de uma chave para abrir o cofre de muitos mistérios velados ao homem comum, que não se detém para pensar nos enigmas do Universo.
Em última análise, o que provocou a queda do homem foi o orgulho. Então, os homens constituíam uma sociedade perfeita, “que não conhecia a injustiça e a desordem, e que dispunha, por isto mesmo, do mais alto poder e da mais alta sabedoria, e tinha o domínio dos elementos, exercendo uma espécie de império sôbre a Natureza”. (*)
Obra divina, o homem era perfeito, até ao dia em que, alertado pelo espírito da malícia, se tomou de orgulho; daí sua perdição, ou pecado original. Guerras tremendas foram travadas, provocadas pelos sentimentos inferiores do ódio e da ambição. Perdeu, então, o império sôbre a Natureza, e esta se voltou ao estado de caos.
A humanidade não deixou de existir, após à sua queda, mas fugiu-lhe a consciência de seu alto destino, ao mesmo tempo que deixou de dominar os elementos.
Todavia, no decurso da história desta humanidade decaída, alguns homens, iluminados por uma intuição poderosa, conseguiram penetrar o denso mistério que envolve os enigmas do Universo, a origem e o destino da alma humana. Êsses homens foram os profetas, os guias religiosos, os mestres do ocultismo, os grão-sacerdotes das seitas de Umbanda e dos cultos da Índia e da China.
Ocultistas e Umbandistas evoluídos, inspirados pelos espíritos elementais da Natureza e pelo espíritos de luz, ou orixás, podem, em determinadas circunstâncias, dominar as fôrças naturais e provocar fenômenos extraordinários, fatos maravilhosos, inexplicáveis pelo atraso científico da época.
A existência dessas fôrças sobrenaturais é uma realidade viva. Diàriamente, nos terreiros de Umbanda, os adeptos conversam com os orixás manifestados no corpo dos médiuns – homens, mulheres e até crianças de certa idade. Os umbandistas consultam os bondosos orixás sôbre problemas espirituais e materiais que defrontam no ramerrão da vida cotidiana.

(*) Farias Brito – “O Mundo Interior”.

Os seus mais íntimos pensamentos são logo conhecidos do orixá, que dá imediata resposta a suas perguntas mentais. É o fenômeno da transmissão do pensamento, que, entre pessoas vivas, tem o nome de telepatia.
Celeste é a origem da alma do homem, mas êste não conhece Deus, ao qual, os umbandistas chamam Olôrún ou
Zâmbi. Quando, no entanto, lhe é dado compreender a realidade, liberta-se do êrro e alcança a perfeição relativa.
O corpo do homem é o produto dos elementos terrestres, fecundados por uma essência cósmica, e habitado por um espírito evolutivo. É, pois, o resultado, o reflexo, de suas vidas anteriores. Tudo tem sua explicação lógica, do imenso encadeamento de fatos, atos e coisas que sucedem no Universo.
Felizes daqueles que conseguem romper os véus da ilusão e penetrar a essência íntima dos fenômenos!
Disse o Bhagavàn Sri Râmacrishna: "a consciência divina não virá enquanto houver três coisas no coração: vergonha, ódio e temor". Liberta dessas causas de êrro, a lama dos homensrecebe aluz dos orixás e atinge a Aruanda, o céu dos umbandistas, onde habitam êsses espíritos angélicos.
Não basta pedir maleme (perdão) a Oxalá, o Filho de Deus; é necessário não reincidir no êrro, purificar-se do pecado, praticar o bem, repelir os pensamentos de ódio e vingança, ajudar o irmão de fé e qualquer outro ente humano, ser bondoso com os animais.
Todos nós que vivemos nesta geração temos o dever de purificar a atmosfera espiritual para os que vierem depois.
Como dissemos em nosso livro "Doutrina e Ritual de Umbanda", fazemos parte da 5ª raça-raiz (humanidade); a 6ª raça está em vias de formação na Américado Norte; depois virá a 7ª raça, no Brasil, fechando-se o ciclo.
Chiang Sing (avatar ou reencarnação brasileira de uma princesa chinesa) reproduziu, em artigo publicado na imprensa carioca, em 21 de setembro de 1952, o que ouviu do centenário Buddha Vivo, Lha Kuo, de Sikkin, no Tibet, sôbre os tempos que se aproximam:

> "Em tempos próximos, o verdadeiro Dalai (Dalai-Lama) renascerá no Ocidente, pois assim afirmam nossas mais remotas profecias. **Então surgirá a sétima raça dourada na América do Sul...** Para além dêste ponto, minha visão se turva, mas ainda vislumbro a grande distância, um novo mundo que nasce das ruínas do passado, **à procura dos lendários tesouros que perdeu.**"

Êsses lendários tesouros, mencionados pelo venerável tibetano, são a consciência do alto destino do homem e o seu domínio sôbre os elementos naturais.
As palavras do Buddha Vivo de Sikkin concordam com a entrevista-reportagem publicada pelo "Diário da Noite", do Rio de Janeiro, em 4 de julho de 1952, sob o título: "1953 será a época prevista há 30 séculos para a vitória das religiões", e que estampamos a seguir, pelo significado esotérico:

> "Há dias a pitonisa rumaica, Madame Terfren Laila, professôra de ciências ocultas, concedeu ao "diaário da Noite", uma entrevista em que afirmou estar muito próxima uma revolução civil na Rússia Soviética, com a derrubada, num abrir e fechar de olhos, do regime comunista, seguindo-se logo o aniquilamento do partido marxista no mundo inteiro.
> A propósito dessas previsões sensacionais, ouvimos um iniciado do Ocultismo e da Umbanda, o ôgan Coema Piranga ("Amanhecer Brilhante", em língua tupi), um dos cabeças maiores da Confederação Espírita Umbandista.

Tema apaixonante

Declarou Coema Piranga que as revelações da pitonisa concordam, de modo geral, com o ensino ocultista. Aliás, no livro “Doutrina e Ritual de Umbanda”, aprovado pela Confederação, e de autoria do jornalista Byron Torres de Freitas e do “babalaô” Tancredo da Silva Pinto, a evolução e o destino das raças-raízes da humanidade constituem um tema apaixonante. Ao continente americano, por exemplo, caberá ser o berço da 6ª e da 7ª raças-raízes.

Além dêsse ponto, é fora de dúvida a muito próxima vitória do espiritualismo sôbre as idéias materialistas, cuja maior expressão política reside exatamente na Rússia Soviética.

A história da humanidade

Sabe-se que a pirâmide de Khéops, no Egito, foi construída entre 3.000 e 2.700 antes de Cristo.

Nessa pirâmide, que constitui um grande monumento de pedra da sabedoria antiga, tôdas as medidas correspondem a dedaos geográficos e astronômicos, só muito depois descobertos, e as datas históricas que haveriam de ocorrer no futuro, até o ano 2.000. O mais impressionante de tudo é a perfeita correlação entre a pirâmide de Khéops e o célebre “Livro dos Mortos”, coletânea de alegorias utilizadas pelos sacerdotes egípcios. Assim, de acôrdo com os estudiosos da matéria, para cada tracho dos corredores e para as câmaras da Grande Pirâmide, há um capítulo correspondente no “Livro dos Mortos”, no qual vem profetizada a história da humanidade.

A conculsão que se aproxima

O “Livros dos Mortos” egípcio tem a mesma importância, do ponto de vista do ensino oculto, que o **Popul-Vuh** (Bíblia do Quíchuas), o **Código Troano** (velho manuscrito maya) e o **Chilan Balam de Chumayel**, mexicano.

Conforme o simbolismo do “Livro dos Mortos” a humanidade está na 1ª passagem baixa. “Depoisdestas duas grandes guerras e da convulsão social que se aproxima, a Humanidade elevar-se-a espiritualmente, algum tempo, arrependida; depois cairá de novo (2ª passagem baixa) até o fim do século.

Fim da 5ª raça

A revelação dos videntes do Ocultismo é esta: de 1953 a 1973, a religião florescerá mais do que nunca; será a vitória do espiritualismo e haverá grande paz; de 1973 ao fim de 1999, o reinado do Anti-Cristo perturbará o mundo e será o fim da era adâmica, isto é, da 5ª raça-raíz.

Começam a aparecer em grande número os falsos profetas, dos quais nos fala a Bíblia Sagrada.

Aventureiros tentam fundar seitas religiosas, copiando e adulterando rituais tradicionais. Aparecem centros espíritas e terreiros de macumba sob a orientação de gente sem preparo, porém louca por dinheiro. Cerimônias católicas muito respeitáveis são também imitadas, até mesmo por sacristães que batizam e casam. Isso tudo está previsto, mas causa escândalo, porque o justo pode pagar pelo pecador. É necessário que os verdadeiros religiosos, sejam católicos, protestantes, kardecistas, umbandistas ou teósofistas, esclareçam seus correligionários sôbre o perigo espiritual que êsses profetas representam.

A Confederação Umbandista

Voltando ao assunto, lembremos que Nostradamus, o extraordinário vidente que viveu na França, profetizou que em outubro de 1999 a Terra afundará em trevas, deslocada de seu eixo. Em tôdas as religiões e seitas filosóficas, pressente-se o sinal dos tempos. Quanto à Umbanda, uma das mais antigas religiões monoteístas, sabe-se que, em um terreiro de Caxias, o grande "orixá" Xangô Agajô ordenou que os umbandistas se unissem e formassem uma poderosa entidade religiosa. Daí, nasceu a Confederação Espírita Umbandista. Antes disso, em um grupo esotérico nortista, um homem de espírito simples visualizou o Cristo do Corcovado, e a Divina Imagem abriu os braços e lhe indicou o caminho do Rio de Janeiro. E aqui chegando, transmitiram-lhe a mensagem de Xangô Agajô e se tornou filho de Oxalá, que é o mesmo Jesus Cristo... E surgiu o umbandista Bairotô de Aguian.

A vitória das religiões

E coema Piranga assim termina suas declarações:

O ano de 1953 será a data prevista há 30 séculos para a vitória das religiões. Os errados, os indiferentes a Deus, devem se arrepender. Quem puder, que entenda isso. Quem entender, que não apresse a eclosão da flor divinam, a rosa de Isis, que aparecia nas visões do iniciado egípcio..."

2 – A GRANDE LEI DA NATUREZA

Os materialistas julgam que o homem não é mais do que um animal. Ora, o corpo humano é composto de elementos químicos, cujo equilíbrio produz e mantém a saúde. Nenhum outro ser vivente possui a mesma constituição química do homem.. E essa constituição é tão especial que um fato de fácil observação permite seja ela evidenciada.

Em um terreno alagadiço, mas sem a menor presença de vida animal, faz-se um cercado. Deixemos passar algum tempo. Quando voltarmos, ficaremos surpresos com a exuberância de sêres animais aí existentes: cobras, lagartos, jacarés, peixes. O que nunca poderemos encontrar, nas condições dessa experiência, é o animal homem.

Há duas grandes categorias de espíritos: 1ª – os espíritos evolutivos; 2ª – os espíritos elementais da natureza. Os primeiros são os que se encontram nos sêres humanos e, cumprida a sua missão, podem viajar de um a outro astro. Com as reencarnações sucessivas, os espíritos evolutivos estão sujeitos a fases de purificação e provação.

Nos animais, encarmam-se espíritos da natureza, que não evoluem e até desaparecem, morto o corpo em que habitavam, Daí a diferença fundamental entre o homem e o animal. Esta mui nítida diferenciação, no plano espiritual, corresponde, no plano material, à diferenciação química a que aludimos acima.

Não ignoramos que êste ponto de vista contraria à crendice popular, espalhada no mundo inteiro, de que um espírito desencarnado de um homem pode se abrigar no corpo de um animal, e, conservando a memória de sua vida anterior, perseguir os homens que foram inimigos do falecido.

A evolução é uma lei divina. Todo o Universo está sujeito a essa lei que rege o microcosmo e o macrocosmo. A poeira do caminho, a massa cinzenta do intelectual, a nebulosa que é matriz de um mundo novo, a virtude do santo, o desgaste da maré na praia alvinitente, o desabrochar da rosa de Iansã, a flor centenária do lotus, a marcha da civilização através de gerações que se sucedem e ligam o primeiro homem aparecido na Terra a êste dactilógrafo. Tudo, tudo, é feito da lei da evolução.

Desde a estrêla que nasce, a uma distância incomensurável, ao mosquito que sai do ôvo depositado na folhagem, no subúrbio carioca.
Deus vê tudo, sabe tudo, determinou tudo na lei da evolução. Como diz o provérbio árabe, Deus vê a formiga prêta que, em uma noite escura, anda sôbre o mármore negro.

3 – OS ORIXÁS

A concepção da origem dos orixás não é a mesma em todos os cultos de Umbanda. Assim, por exemplo, para os Yorubas, ou nagôs, o culto dos orixás ou bacuros não é exatamente o das forças da natureza. Pensam êles que a maioria dos orixás era, em sua origem, sêres humanos privilegiados que possuíam poderes sôbre as forças da natureza e que, ao invés de morrer, se transformaram em pedras, rios, árvores ou lagoas.
Daí a grande quantidade de lendas nagôs sôbre a vida humana dos orixás, à semelhança das figuras da mitologia grega e romana. Os orixás deixaram descendentes diretos, os quais, segundo Pierre Verger, continuam o culto dos seus antepassados divinizados.
Nota-se, entretanto, que a tese nagô de sêres privilegiados, porém, humanos, que controlavam as fôrças da natureza, concorda singularmente com a teoria filosófica da existência anterior de homens que dispunham de domínio sobre os elementos naturais. É a hipótese da decadência da humanidade atual, que sucedeu a outra incomparàvelmente mais forte sob o ponto de vista espiritual.
Roger Bastide interroga: “Em que medida êsses antigos reis e feiticeiros divinizados viveram e existiram, ou são a projeção, no passado, de simples imagens estabelecidas pela religião?”
Nós, todavia, acreditamos firmemente que os orixás são imateriais, são espíritos de luz que nunca se encarnaram em sêres humanos, que nunca tiveram existência terrena, e que se manifestaram mediante “aparelhos” de sua escolha, isto é, “filhos de santo”.

4 – ENSINO TRANSCENDENTAL

a) O PODER DE MATERIALIZAR AS FORMAS MENTAIS

O Mahatma Kut-Humi, em carta dirigida à Sociedade Teosófica, escreveu o seguinte:
- Com a ciência exata afirmais que existe uma só energia cósmica e não vêdes diferença entre a energia gasta pelo viajante que afasta o mato que obstrui seu caminho, e o sábio experimentador que gasta uma quantidade de energial igual, pondo em movimento um pêndulo. Nós, ao contrário, sabemos que há todo um mundo de diferença entre os dois. O primeiro dissipa e malgasta inùtilmente uma fôrça; o outro a reencontra e a guarda. É claro que não me ocupo aqui da utilidade relativa dêsses dois atos, mas sòmente do fato de que um põe em ação uma fôrça cega sem transmutá-la numa fôrça potencial superior de dinâmica espiritual, como faz o outro. A idéia que desejo, pois, inculcar, é que o resultado da intelectualidade mais elevada num cérebro científico, é a evolução de uma fôrça sublime de energia espiritual, que na ação cósmica produz consequências ilimitadas, enquanto que o cérebro que trabalha automàticamente retém e conserva para si uma certa quantidade de fôrça bruta, improdutiva para o indivíduo ou para a humanidade. O cérebro humano é um inesgotável gerador de fôrça cósmica da quantidade mais refinada, extraída da energia bruta ou básica da natureza, e o adepto-completo se constitui centro dessa mesma fôrça, centro de onde irradiam as potencialidades que engendraram correlações através das eternidades futurasTal é a chave do mistério que lhe permite projetar e materializar dentro do mundo visível as formas que na sua imaginação construiu por meio

da matéria cósmica inerte do mundo invisível. O adepto não cria nada de novo, e sim utiliza e manipula os materiais que a Natureza tem em reserva em tôrno dêle, materiais que, através das eternidades, passaram por tôdas as formas.

b) RECORDAÇÃO DAS VIDAS ANTERIORES

A antiga e mística ORDEM ROSA-CRUZ, conhecida em todo o mundo, é uma fraternidade não sectária, dedicada à investigação e ao estudo dos princípios elevados da vida tal como se encontram expressados no homem e na natureza. A sede do seu Templo Supremo Internacional é no Parque RosaCruz, em San José, Califórnia, E.U.A.
A Ordem Rosa-Cruz edita uma revista, “EL ROSA-CRUZ”, em espanhol. Do folheto que recebemos, extraímosos dados a seguir. Os Rosa-Cruzes têm acesso aos arquivos mais antigos, aos manuscritos mais esclarecedores e ao maior número de Escolas de Mistérios. Possuem filiais na América e em outros continentes e dispõem de mestres, instrutores e ajudantes especialmente treinados. Essa revista contém em cada um de seus números importantes estudos assinados, entre outros, por Ralph M. Lewis, Raymund Andrea, Rodman R. Clayson emuito intrutores. Êsses estudos e artigos tratam da concentração e das leis místicas; do desenvolvimento das faculdades internas; de certos princípios fundamentais, como o da compensação e o da reencarnação; das vibrações dos números, côres e da música; das leis da criação mental, etc.
O departamento editorial da ordem Rosa-Cruz editou, também em espanhol, o magnífico livro ‘EL DOMINIO DEL DESTINO COM LOS CICLOS DE LA VIDA”, de autoria do dr. Spencer Lewis, F.R.C. O livro apresenta em forma racional as maravilhosas manifestações místicas dos Ciclos da Vida. Tratando das Lições Kármicas do Passado, diz o folheto de propaganda dêsse livro: “Pela análise de seu caráter atual pode-se fazer um interessante esbôço das mais relevantes lições kármicas que você recebeu no passado, em suas encarnações anteriores. Isto lhe fará compreender porque hoje tem certas idéias, desejos e ambições tão fundamente enraizados no mais profundo de sua alma. Também lhe dará uma segunda visão do que você FOI ou FÊZ em outras épocas.
Luzes como estas são um farol que conduz até às remotas datas de ONTEM e se aplicam ao presente para compreender o sentido das veemências e paixões que hoje agitam e comovem sua vida. Esta é uma extraordinária fase da informação que contém êstes Ciclos.

c) FAZER O BEM SEMPRE

“A idéia do bem é sempre mais forte do que a do mal. É esta uma das grandes leis da natureza. A pedra angular do encanto ou influência mental, que uma pessoa pode exercer sôbre as outras, está precisamente nesta idéia expressa pelas seguintes palavras: “desejo ajudar-te por qualquer maneira que possa para te ir formando, desejo ajudar-te para que possas melhorar a tua saúde e os teus negócios particulares e alcances o lugar que realmente te pertence ou a posição em que teus talentos possam brilhar mais.
Nutrindo bons sentimentos em relação aos nossos semelhantes, atraímos uma parte das poderosas fôrças ocultas do mundo invisível e isso é suficiente para nos livrar dos ataques de nossos inimigos. Daí o ensinamento de Jesus Cristo: faze o bem àqueles que te odeiam. A prática do bem atrai elementos invisíveis de poder e de fôrça construtiva, enquanto fazer o mal sòmente pode desencadear elementos de destruição, que se voltarão contra nós.
O homem bom é uma fonte de saúde e alegria, desarmando os maus espíritos, os perversos e invejosos.
Há uma grande correlação entre o corpo e a mente. A mente impura estraga o sangue e o sangue impuro gera doenças. Assim também, o bom êxito de nossas iniciativas depende da natureza dos nossos pensamentos.

O verdadeiro umbandista procura sempre fazer o bem. O “choque de retôrno” é uma realidade.
Um umbandista, por exemplo, pede um favor a Exu. Ora, Exu é o agente mágico universal, o intermediário entre os orixás e os homens. Tanto faz o bem como o mal. Porque Exu não carrega a culpa dos maus... Se pedimos o bem, êle nos atenderá e isso servirá para o nosso espírito. Mas se pedirmos que faça o mal a um nosso inimigo, Exu nos atenderá mas a responsabilidade pelo malefício não será de Exu, porém nossa. É necessário pois, o máximo cuidado nos pedidos que façamos a Exu. Uma vitória de momento pode nos custar muito, com o decorrer do tempo. Os ventos voam, a água corre...
Muita coisa que acontece neste mundo tem sua explicação no princípio do choque de retôrno. Vemos um homem atingir o ponto máximo de sua carreira e de repente, sem motivo aparente, cair das alturas a que subiu.
No íntimo de sua consciência, êle sabe muito bem o que está pagando. A lenda de Pedro Cem (cem milhões) é expressiva. O pobre coitado andava pelas ruas, lamentando-se: “Uma esmola para Pedro Cem, que já teve, hoje não tem”.
Os latinos diziam: “**Sic transit gloria mundi**”: Assim passa a glória do mundo.

d) O AUMENTO DO PODER MENTAL

É hoje ponto indiscutível que a mente pode atuar à distância. A comunicação do pensamento do espírito desencarnado para um indivíduo vivo tem o nome de **transmissão**. O orixá ou “cacarucai” põe na cabeça da pessoa determinada idéia. Se a intercomunicação se faz entre dois indivíduos vivos, não importa a distância, tem o nome de telepatia.
Diz Anthon Zeraschi, em “As Chaves Ocultas do Poder”, que: -“Não pode haver dúvida de que nossa fôrça psíquica cria no éter um movimento, que se transmite ao longe, como todos os movimentos etéreos, tornando-se perceptível a cérebros que estejam em harmonia com o nosso. A transformação de um ato p´siquico em movimento etéreo, e vice-versa, pode ser análoga ao que ocorre com o telefone, onde a placa receptora que é idêntica à placa que se acha na outra extremidade, reconstrói o movimento sonoro transmitido, não mediante o som, mas pela eletricidade.”
Sendo o cérebro um dínamo, um transformador de energia, que circula em ondas e correntes, se encontra um fio, segue a linha de menor resistência.
Os ocultistas utilizam os seguintes processos para aumento do poder mental: 1 – sugestão; 2 – o poder dos olhos; 3 – o poder do contato. Os sacerdotes egípcios ensinavam o modo de dar maior expressão aos olhos.
Quanto ao tato, é aconselhável, quando se apertar a mão de alguém, lançar nisso tôda a fôrça do espírito e do sentimento... Ao mesmo tempo, deve-se centralizar a mente neste pensamento: “Você gosta de mim”, e dirigí-lo para a pessoa que se cumprimenta. Reconhecendo êsse poder do tato, os umbandistas usam o cumprimento de mão a mão, acompanhado de toques secretos, que servem para identificar os irmãos da seita. Isso, ao mesmo tempo, aumenta a fôrça mental de ambos e provoca uma grande corrente de simpatia.
Sabe-se que a fôrça mental atravessa todos os espaços, está imanente em tôdas as coisas e se manifesta em uma variedade de formas, graus e fases. O que é necessário é dirigir essa fôrça para a prática do Bem, do Justo e do Verdadeiro. Aumentá-la, sim mas para que sejam aliviados os sofrimentos físicos e morais.

5 – A QUÍMICA ASTRAL
(Uma Grande Mironga)

Os astros são constituídos de elementos químicos.
Hoje em dia, a Ciência oficial pode determinar, com precisão, por meio de análise espectral, quais os elementos de que se compõe um astro. Trata-se de um ramo novo da Química, entrosado com a Astronomia: **a Astro-Química**.
Cada elemento químico tem sua luz própria, ou, em outros têrmos, emite uma radiação de determinada côr.
Por meio de um instrumento de alta precisão, o espectroscópio, decompõe-se um raio de luz em suas côres constituintes. Sabe-se, assim, quais os elementos químicos existentes no astro de onde veio a luz.
Até aí a Ciência oficial, que nos merece o maior respeito, pela influência benéfica que exerce sôbre o progresso da humanidade.
Agora, a Umbanda. Cada orixá domina um elemento químico, com a sua côr própria. É a Química Astral, ou a Química no plano espiritual, que nos ensina isso.
Em livro anterior, "Doutrina e Ritual de Umbanda", já explicamos a função e o significado dos pontos riscados dos orixás. Êsses pontos podem ser riscados com a pemba branca ou da côr correspondente à do orixá.
Os pontos riscados de cada orixá podem ou não se combinar com os de outro, conforme coincida ou não a missão dos respectivos orixás. Se a missão de um não coincidir com a do outro, queimados os pontos riscados, pode se verificar um resultado maléfico.
Suponhamos, por hipótese, que uma pessoa mande fazer um "trabalho" para o mal, utilizando uma falange de espíritos das trevas com a finalidade de provocar doença e desespêro na casa de um inimigo. Procede-se assim: - risca-se o ponto de Exu Malê, que é o dono dos espíritos das trevas, atrasados, combinado com o de Omolu, que é o que traz a doença. Bota-se a pólvora (tuia) nesse ponto riscado, com todos os preparos, num dia indicado pela fase da Lua. Faz-se, assim, um ponto de fogo em intenção aos desejos de quem encomendou o "trabalho". Queimado o ponto, forma-se uma falange má no astral, que vai direta à casa do inimigo do consulente.
Os entendidos no assunto, quando, por acaso, sentem cheiro de vela, flôres, charuto, parati, sem que êsses materiais estejam perto, tratam de encruzar a porta e "despachar" para diante o que apareceu.
Ora, as falanges entram e saem por onde entram e saem os sêres humanos. Assim, se houver no meio da porta ou na cabeceira da cama um copo d´água, as falanges não podem atravessá-lo. Encruzando a porta, devolve-se as falanges para onde vieram. Pode acontecer, no entanto, que as falanges não sejam destinadas à pessoa, mas a outrem, mas a precaução é sempre conveniente.
Outro exemplo, para o bem. Uma pessoa tem de ir a determinado lugar, em missão perigosa, e necessita de proteção espiritual. Porcede-se assim: - risca-se como acima descrito, o ponto de Ogun Megê com Exu Tirirí, pedindo proteção para a pessoa aludida.
Querendo, porém, que a missão seja mal sucedida, queima-se o ponto de Exu Tirirí com Exu Malê, porque as missões dos dois são diferentes.
Querendo que o indivíduo encontre uma mulher que o prejudique e desencaminhe, risca-se o ponto de Pomba-Gira, Exu malê e Exu Tirirí.
Querendo que os caminhos da pessoa fiquem fechados, que tudo lhes seja difícil, queima-se o ponto de Exu Tranca-Gira com o do Exu contrário ao que se quer fazer.
Daí as influências benéficas ou maléficas, produzidas pela queima ou uso dos pontos riscados, juntamente com a pólvora. Há duas espécies de pólvora: puras e temperadas com pimenta, etc. Queima-se também pólvora na mão, em intenção a pedido, tudo acompanhado de palavras mágicas apropriadas.

É claro que a Ciência oficial desconhece ou não toma conhecimento da Química Astral dos umbandistas.
Mas para o crente, o que importa é que seja satisfeito em seus pedidos.
Não se brinca com as fôrças ocultas. Quem não estiver preparado, não se atreva a tentar reproduzir os "trabalhos" que acima descrevemos, em linhas gerais. Pessoas inexperientes, mas audaciosas, têm se dado mal com a **baca-tuia**, o trabalho com pólvora. Explosões e incêndios têm servido de lição a centros sem orientação firme e cuidadosa.
Lembrem-se do ensino da Bíblia: "quem com ferro fere, com ferro será ferido". O Bem e o Mal têm a mesma fôrça. Mas procuremos fazer sempre o bem, para que acabemos bem.
Todos os verdaderios iniciados de Umbanda são obrigados a conhecer o Bem e o Mal, para que possam se defender. Há muita gente que deseja seguir o culto com a intenção de fazer o mal. Outros com a intenção de "receber" os orixás. O que importa todavia, é conhecer as **mirongas de Umbanda**.
Pode-se ser um grande babalaô sem nunca "receber" os orixás. O que é necessário é conhecer bem as cerimônias do culto. Saber a atuação dos 4 grupos de espíritos elementais da natureza: do ar, da água, da terra e do fogo.
As falanges respeitam o campo de ação umas das outras, no mar, na terra, no ar, etc. "Trabalho" depositado no fundo do mar só pode ser desfeito por uma falange que trabalhe também no fundo do mar. Assim, o fogo destrói tudo o que foi feito em terra, mas não no mar.
O conhecimento dos segredos da Natureza é a ciência do babalaô. Saber "**olhar o invisível**" é a sua missão terrena.

CAPÍTULO II

ORIXÁS DE UMBANDA

...; a terra está cheia de bondade do Senhor.

Psalmos, 33,5.

1. OS ORIXÁS

Tratando da semana do culto, Manoel Querino menciona o seguinte:

Segunda-feira – Omolú
Têrça-feira – Nanã
Quarta-feira – Iansan e Xangô
Quinta-feira – Oxóssi e Ogún
Sexta-feira – Oxalá
Sábado – Yemanjá e Oxun

Manoel Querino, todavia reconhece que essa distribuição é adotada apenas por uma parte dos terreiros da Bahia. A verdade é que a semana aceita em todo o Brasil é a que damos na página 53.
Vamos, agora, citar alguns detalhes relativos aos orixás. Há muitas lendas sôbre os orixás, emprestando-lhes paixões humanas. Mas os orixás são espíritos angélicos, que nunca encarnaram.

OXALÁ – Oxalá é o Obatalá, da trindade primitiva. Chamam-no de Olissassa, em Gêge. Oxalá é denominação nagô. Em nagô alguns o invocam ora como Orixá-Babá (Santo Pai) ora como Babá-Ôkê (Grande Pai). Em Angola: **Cassumbecá**. Alguns dizem: **Cassité** (chefe, cabeça maior).
OLÔRÚN – O Senhor Supremo, Deus, em Nagô. Em Angola: Zâmbi; em Congo: Zâmbi-ampongo.
BESSÉN – denominação gêge de Oxún-Marê
OSSÃE – Divindade da fôlha. Corresponde ao Caipora (tupi) que só tem uma perna.. Ossãe nunca se manifesta.

IRÔCO – Divindade da árvore. Diz-se que Irôco aparece à noite, num bambuzeiro, aumentando e diminuindo de tamanho. Dá consultas, prevê o futuro e diz o que deve ser feito. Faz-se cerimônia no **pé de Lôco**, que é a gameleira branca.
XANGÔ – Quando o orixá baixa no terreiro todos os presentes se curvam, estendem as mãos para o chão e exclamam: "**Caô, cabecilhe**", cuja tradução é a seguinte: "**Olhamos e curvamos a cabeça".**
IFÁ – É da trindade divina de Umbanda. Corresponde ao Espírito Santo. É representado por dois vasos, contendo cada um 16 frutos de dendê que apresentem sòmente quatro olhos ou sinais de orifício. O babalaô sacode os frutos nas mãos, de um lado para outro. Os frutos vão caindo, um a um. À medida que caem, o babalaô vai traduzindo o que significam e no fim, resume a profecia do Ifá. As mulheres não podem trabalhar com os ifás, mas apenas com o jôgo de búzios.
EXU – Denominação nagô do agente mágico universal. Chama-se **Alvaiá** em Angola. Em Kêtu: **Embarabô**. Em Congo: **Bombonjira**. Em Gêge: **Legbá**. O sincretismo Gêge-Angola deu os seguintes pontos de Exu:

1. Exu Barabô

Embarabô ê mmôjubá
Embarabô ê mmôjubá
Já mandei levar ebó

2. Exu Tiriri

Inã inã môjubá
Exu môjubá

IANSAN – Iansan é orixá de fôrça espiritual para as tempestades e os casos sentimentais. É muito procurada uma pedra de Iansan que cura – o **iagongô**, Basta aplicá-la na região afetada do doente.

2. ORIXÁS DO NAGÔ, DO GÊGE, DO CONGO

A "COLEÇÃO RECÔNCAVO", DE Salvador, editou em 1951 uma excelente monografia de Pierre Verger, sob o título "Orixás". Na concepção nagô, os orixás são imateriais, são fôrças que só podem se manifestar e expressar através de certos sêres de sua escolha, os **iaôs**, os "filhos de santo".
Por se tratar de matéria de alto interêsse, da parte dos que se dedicam ao estudo e prática da Lei de Umbanda no Brasil, transcrevemos, na íntegra, o que diz Pierre Verger sôbre os orixás do Nagô, na Bahia.

EXU

Chamado familiarmente "O compadre". Mensageiro dos outros Orixás, malévolo e fàcilmente irritável. É simbolizado por um montículo de terra no qual estão fincado ferros, lanças e tridentes. Devido seu caráter e suas condições de mensageiro dos outros Orixás, para assegurar suas boas braças, recebe os sacrifícios antes que ninguém.
É erradamente sincretizado com o diabo, pois Exu, convenientemente tratado, trabalha para o bem. Suas contas são pretas e vermelhas. Seu dia, segunda-feira. Gosta de receber

sacrifícios de bodes e galos, preferentemente prêtos. Devido ao seu sincretismo com o diabo, raramente se manifesta abertamente numa Filha de Santo.

OGÚN

Divindade do ferro, dos ferreiros, dos guerreiros, dos agricultores e de todos os que trabalham ou utilizam o ferro. Manifesta-se geralmente como guerreiro. Simbolizado por ferramentas de 7, 14, 16 ou 21 peças. Sincretizado com Santo Antônio. Suas contas são azuis-escuras. Seu dia é têrça-feira. Gosta de feijoada e inhame assado com azeite. É irmão de Exu e de Oxôssi. Dança com espada, fazendo mímicas guerreiras e de combate. Saúda-se gritando: Ogun-yê!

OXÔSSI

Divindade dos caçadores. É simbolizado por arco e flexa. Sincretizado com São Jorge. Suas contas são verdes. Seu dia é quinta-feira. Gosta de Axoxô, milho cozido com fatia de côco. Dança com arco e flexa numa mão, e na outra o **eruke** (espécie de espanador feito de rabo de boi). Sua dança é a mímica de uma caçada. Saúda-se gritando: Okê!

INLÊ

Há outra espécie de Oxôssi; chamado **Ibualama** ou **Inlê**, casado com Oxun. Dança com um **amparo** de três pernas em cada mão e com êles se castiga.

LOGUNÊDÉ

Filho de Inlê e de oxun. Simbolizado por seixos do rio. Sincretizado com S. Expedito. Suas contas são verdes-amareladas. Seu dia é quinta-feira.
Êste orixá tem a particularidade de ser durante seis meses homem, comer carne e ser caçador, e durante seis meses mulher, viver em águas e comer peixe. Saúda-se gritando: Logun!

AGUÊ

Forma de Oxôssi de uma nação vizinha aos nagôs e que se encontra nos candomblés gêges. Êste Oxôssi vive perpètuamente nas matas e por isso é o intermediário de **Ossain**, a divindade das fôlhas, que nunca se manifesta em iaôs. É filho de **Mawu** e **Lissa** (Oxalá).

OMOLÚ OU ABALUAIÊ

Divindade da bexiga e das doenças. Sincretizado com São Lázaro ou São Roque. Suas contas são vermelhas e pretas ou pretas e brancas. Seu dia é segunda-feira. Gosta de pipocas e de Aberém, massa de milho branco assado em fôlhas de bananeiras. Dança ao rítmo denominado **Opanigé**, o rosto e o corpo coberto de palhas e o xaxara, lança e gancho na mão. Sua dança é a mímica dos sofrimentos, das doenças, convulsões, coceiras, tremores de febre e do andar de corcundas deformadas. Saúda-se gritando: **Atôtô**.

NÃNÃ

Mãe de Omolú. A mais velha das divindades das águas. Sincretizada com Santa Ana. Suas contas são brancas, vermelhas e azuis. Seu dia, a têrça-feira. Gosta de **caruru** sem azeite,

porém bem temperado. Dança com dignidade, levando **ebiri** na mão. Saúda-se gritando: Salúba!

OXUMARÊ

É o arco-íris. Simbolizado por cobras de ferro. Sincretizado com São Bartolomeu. Suas contas são verdes e amarelas. Seu dia, a têrça-feira. Gosta de guguru e de feijão com milho, cebola, azeite e camarão. Dança mostrando o céu e a terra, levando nas mãos as cobras de ferro. Saúda-se gritando: *Ao Boi-Boi!*

XANGÔ

Divindade do trovão e do raio. Simbolizado pela "pedra de raio", machados de pedra e o **ochê** (machado duplo). Sincretizado com Sâo Jerônimo. Suas contas são brancas e vermelhas. Seu dia, quarta-feira. Gosta de **amalá** (carurú). Sacrificam-se-lhe carneiros, galos e cágados. Dança com dignidade viril e guerreira, pois era rei dos Yorubás. Saúda-se gritando: Kavo Kabiesile.
Há outras qualidades de Xangô: Airá, que veste de branco e não come azeite, por ter um pacto com Omolú, e **Ogodô**, que dança com um **ochê** em cada mão.

DADÁ

Irmão mais velho de Xangô. Cultua-se com o **Adé de Banhani** ou **corão de Dadá**.

YANSÃ OU OYÁ

Espôsa de Xangô, divindade dos ventos, das tempestades e do rio Niger. De temperamento forte, sensual e autoritário. É o único Orixá capaz de enfrentar os Eguns ou espíritos dos mortos. Sincretizada com Santa Bárbara. Suas contas são roxas. Seu dia, quarta-feira. Gosta de **acarajé** e não suporta abóbora. Sacrificam-se-lhe cabras. Dança agitando os braços como que enxotando almas ou com alfange e um **Eruexim** de rabo de cavalo. Saúda-se gritando: **Epa Hei!**

OXUN

Segunda mulher de Xangô. Divindade do Rio Oxun, faceira e vaidosa. Simbolizada por seixos do rio, pulseira de metal e Abebé. Sincretizada com Nossa Senhora das Candeias e Nossa Senhora Aparecida. Suas contas são amarelas-ouro. Seu dia, o sábado. Gosta de **mulucu**, feito de cebola, feijão fradinho, sal e camarão e de **adum** feito de fubá de milho com mel de abelhas e azeite de cheiro e **peté**, inhame com camarão e cebola. Dança com **abebé** na mão, fazendo mímicas de quem se banha no rio, penteia os cabelos, alisa as faces, põe colares e pulseiras, olha-se no espelho e sacode os braceletes que lhe enchem os braços. Saúda-se gritando: **Ora Yeyêo!**

OBÁ

Terceira mulher de Xangô. Divindade do rio Obá. Desce muito raramente e nesse caso briga com Oxun, porque, conforme a lenda, foi induzida malignamente por ela a cortar uma das suas próprias orelhas e a cozinhá-la com os alimentos de Xangô a fim de aumentar o seu amor, tendo, ao invés, grangeado seu repúdio.

YEMANJÁ

Divindade do mar e da água doce. É mãe dos outros orixás. Simbolizada por pedras marinhas e conchas. Sincretizada com Nossa Senhora da Conceição. Seu dia é o sábado. Suas contas são transparentes como o cristal. Gosta de ebó de milho branco com azeite,

cebola e sal. Dança com o Abebé na mão com movimentos interpretativos das águas. Saúda-se gritando: **odoia!**

OXALÁ

Divindade da procriação. O grande Orixá é simbolizado por pedacinhos de marfim dentro de um anel de chumbo. Sincretizado com Nosso Senhor do Bonfim. Seu dia é a sexta-feira. Suas contas são brancas. Gosta de comida branca, acassá, ebó de milho sem azeite nem sal, que lhe são proibidos, ori (limo da costa) com água. Sacrifincam-lhe animais brancos, catassol e conquém.

Em sua forma de **Oxalufán** dança curvado como um velho alquebrado, corcunda, apoiando-se num cajado de metal branco, cuja extremidade superior termina em forma de um pássaro.

Em sua forma de **Oxaguian** é um guerreiro vestido de branco que leva espada e escudo e uma mão de pilão amarrada à cintura. Saúda-se gritando: **Epa Babáe! e Eké hé!**

ORIXÁS DO GÊGE

Em nosso livro "Doutrina e Ritual de Umbanda", descrevemos em linhas gerais os Orixás ou **voduns** do culto Mina-Gêge. Os Gêges pròpriamente ditos denominam seus orixás de voduns, que têm semelhança com os orixás de Nagô. Variam os nomes, conforme se verá da seguinte comparação:

Nagô	**Congo**
Exu	Legbá
Ogún	Gú
Oxôssi	Aguê
Omolú	Azoani ou Sakpate
Xangô	Sobô ou Badê
Oxún	Aziri
Oxalá	Olissassa

ORIXÁS DO CONGO

A nação do Congo pratica rituais muito parecidos com os do Nagô. Os seus orixás, denominados **inkissis**, são os seguintes, comparados com os nagôs:

Nagô	**Congo**
Olôrúm	Zâmbi
Exu	Bombonjira (masculino)
Exu	Panjira (feminino)
Ogún	Roximucumbi
Oxôssi	Kibuco Motolombo
Omolú	Kingongo
Nãnã	Rodialonga
Yemanjá	Dandalunda
Xangô	Zaze
Yansã	Kaiongo
Oxún	Kissimbi
Assain	Katende
Oxalá	Lemba Di Lê

3. SEMANA UMBANDISTA

O dia 31 de dezembro de 1952 foi uma quarta-feira, dia de Xangô; a lua cheia ocorreu às 16 hs. E 45 minutos. Assim, o dia 1º de janeiro de 1953 foi uma quinta-feira, dia de Oxôssi. Nesse dia, deviam ser feitas obrigações para Oxôssi.
Mas na noite de 31 de dezembro para 1º de janeiro, o povo carioca fêz obrigações para Yemanjá, encheu as praias, acendeu velas, atravessou a baia de Guanabara jogando flôres ao mar. Ora, as obrigações para Yemanjá se realizam quando a maré está cheia, porque a enchente traz o que bom e a vasante leva o que não presta.
Antigamente, os umbandistas tinham o seu calendário próprio, diferente do europeu. O calendário de Umbanda era baseado nas fases da lua. Quando se completavam 13 luas-novas, eram fechados os terreiros. Começavam então as festas pagãs, e, nesse período não baixava nenhum orixá, pois tais dias eram considerados aziagos.
Com o sincretismo havido entre a Umbanda e o Catolicismo, começaram os adeptos do Omolocô a fechar os terreiros no dia de São Sebastião, 20 de janeiro, reabrindo-os no sábado de Aleluia ou no dia de São Jorge, 23 de abril.

4. ENTIDADES AQUÁTICAS

Os espíritos elementais, que não são humanos nem da categoria dos orixás, ocupam o ar (silfos), a água (ninfas), o fogo (salamamdras) e a terra (gnomos).
No mundo inteiro, onde quer que se encontre um rio, um lago, um trecho do mar, o povo julga ver ninfas, ou sereias ou nereidas. É uma crença universalmente espalhada.
A Umbanda possui também suas entidades aquáticas. Não são espíritos elementais, como os citados, mas verdadeiros orixás.Na mitologia nagô, por exemplo, **Obá** é a divindade do rio Obá; **Nãnã** é a mais velha das mães d´água; **Yansan** é o orixa do rio Niger; **Oxún**, do rio Oxún. Finalmente, **Yemanjá**, a poderosa Yemanjá, é o orixá do mar e da água doce.
Em muitos pontos do Brasil, houve o cruzamento de indígenas com africanos, daí surgindo os curibocas. Essa mistura de raças deu como resultado um interessante sincretismo religioso, que se torna mais evidente na parte relativa às entidades aquáticas. A **yara**, por exemplo, foi adotada pelos umbandistas, porque a sua função espiritual é semelhante à de Yemanjá.
No Maranhão, como em geral na região amazônica, pratica-se a pagelança, sobrevivência ameríndia. É conveniente lembrar, a propósito, que os babalaôs tupis têm o nome de pagés ou piagas, feiticeiros e curandeiros. Como nessa região há muita água, grandes rios e mares agitados, com praias muito extensas e várias tribos de índios, o espírito religioso adotou o **Reino do Encantado**, isto é, dos habitantes sobrenaturais do fundo dos rios e do mar, com a Yara, o rei Itacolomi – **rei do fundo** - e numerosas outras entidades aquáticas. Na extensa e alvíssima praia dos Lençóis, no litoral oeste maranhense, aparecem, montadas em cavalos marinhos, numerosas entidades aquáticas.
Em Pernambuco, o culto dessas entidades deu **Dona Janaína**¸ Rainha do Mar, da falange de Yemanjá.
No Paraná e Santa Catarina, o culto de Umbanda é denominado **São Gonçalo**, o santo do caboclo violeiro, de perneira e chapéu. **São Gonçalo de Aruanda** é uma mistura de Umbanda, culto ameríndio e práticas católicas. Por este imenso Brasil, nota-se a influência da Umbanda, nos curadores, rezadores, que conhecem os mistérios da Umbanda.
Fora do Brasil, em muitas tribos do Peru e do Equador, os pagés "ingerem o cozimento do cipó Caçado, **prodigiosa trepadeira que faz ver tudo o que a pessoa deseja**". Aí a flora medicinal é tão adiantada e eficiente que os leprosos se curam mastigando fôlhas de Urucu.

5. O SINCRETISMO CATÓLICO

O sincretismo católico-umbandista foi obra dos próprios escravos. Raça dominada, conduzida ao Brasil a ferro, nos navios que faziam o tráfico humano, os africanos seguiram as leis históricas que presidem as relações entre os povos. Quando dois povos diferentes passam a viver conjuntamente, produz-se uma série de acomodações e adaptações, tanto da parte do vencedor como do vencido.

O africano não abandonou as suas crenças religiosas. Simplesmente, procurou acomodar a situação e o processo mais inteligente foi exatamente o de comparar as qualidades de seus orixás aos dos santos católicos. Tomaram como base o santo mais adorado do lugar; daí, algumas alterações verificadas no sincretismo, especialmente na Bahia e no Rio de Janeiro.

Os senhores achavam graça no sincretismo, e, considerando os africanos ignorantes, consentiam na prática bem disfarçada de seus cultos. E assim, graças à inteligência dos sacerdotes africanos, as suas antiquíssimas e sábias idéias religiosas puderam sobreviver até hoje, apesar da intolerância de uma ou outra autoridade policial atrasada. É que a Umbanda é uma das mais antigas religiões da humanidade, e contra ela não adianta a burrice de um simples mortal.

No Rio

Oxalá Alufan	Senhor do Universo
Oxalá Guian	Jesus Cristo
Yemanjá	N.S. da Glória (15 de agôsto)
Oxun	N.S. da Conceição (8 de dezembro)
Oxun da Cobra Coral	N. S. de Nazaré
Yansan	Santa Bárbara (4 de dezembro
Xangô	S. Jerônimo (29 de setembro)
Xangô Obomi	S. João (24 de Junho)
Nãnã	Santa Ana
Omolú	S. Lázaro
Oxôssi	S. Sebastião (20 de janeiro)
Ogún	S. Jorge (23 de abril)
Beiji	S. Cosme e S. Damião (27 de setembro
Exu	S. Antônio da Pemba (18 de junho)

Na Bahia

Oxalá	Nosso Senhor do Bonfim
Yemanjá	N.S. da Conceição
Oxun	N.S. das Candeias e N. S. Aparecida
Yansan ou Oyá	Santa Bárbara
Xangô	S. Jerônimo
Oxumarê	S. Bartolomeu
Nãnã	Santa Ana
Omolú ou Abaluaiê	S. Lázaro e S. Roque

Logunêdê	S. Expedito
Oxôssi	S. Jorge
Ogún	S. Antônio

Como se vê, a diferença mais notável é quanto a Oxôssi e Ogún. Enquanto no Rio, Ogún é equiparado a S. Jorge, na Bahia é S. Aantônio. Oxôssi, que, no Rio, é S. Sebastião, na Bahia é S. Jorge.
Yemanjá e Oxún são comparadas a Nossa Senhora, sob diversas invocações. Os nagôs, ao que parece, consideram Oxún "faceira e vaidosa!", concepção que diverge da adotada no Omolocô do Rio, para o qual Oxún é o símbolo da "dona de casa".
Na verdade, o sincretismo não passa de um fenômeno histórico, sem influência alguma na filosofia religiosa de Umbanda.
Onde há coincidência é quanto aos Senhor do Universo, Deus, e seu Filho. Nesse ponto, tôdas as religiões coincidem. Só há um Deus e um só Filho de Deus. Deus é Deus. Tem êle, na Umbanda, os nomes de Zâmbi, Olôrún; Zâmbi, no Omolocô; Olôrún, no Nagô. Chamam-no também Oxalá Alufan, sendo Jesus Cristo o Oxalá Guian, isto é, Oxalá Novo. Enquanto os santos católicos e os orixás são entidades espirituais diferentes, Jesus Cristo é a mesma pessoa espiritual de Oxalá Guian (ou **Oxaguian**).
Quem tiver vocação para os estudos religiosos, analise bem o significado oculto da visita dos 3 Reis magos (um africano, um europeu e um asiático) a Jesus Cristo, em seu nascimento.

6. OXALÁ-GUIAN – JESUS CRISTO

Em livro anteiro, já mostramos a unidade fundamental das idéias religiosas. Acima dos preconceitos de raça, cor, grau de civilização, usos e costumes, levanta-se, indestrutível, a crença redentora em Deus Supremo, Criador do Universo.
Apresentada sob esta ou aquela roupagem intelectual, simples ou complicada, a tradição religiosa tem sido resguardada por espíritos iluminados, que transmitem, de geração a geração, as verdades eternas sdobre a criação dos mundos e o destino da alma humana.
Nos terreiros de Umbanda, por exemplo, sincretizam Jesus Cristo com Oxalá Guian (ou Oxaguian). Êsse sincretismo é muito diferente da comparação entre os orixás de Umbanda e os santos católicos. Os orixás participam da natureza dos anjos, enquanto os santos foram espíritos de luz que encarnaram, tiveram uma existência terrena. São, pois, entidades espirituais diferentes.
Oxalá Guian, Oxalá novo, é porém, o mesmo Jesus Cristo, o ser divino qaue os povos esperavam.
Eduardo Schuré, em seu livro chave, "Os Grandes Iniciados", escreve: - "Uma vaga esperança animava os povos. No excesso dos seus males, a humanidade inteira preessentia um salvador. **Havia séculos já que as mitologias sonhavam com uma criança divina**. Nos templos, falava-se misteriosamente dela; os astrólogos calculavam a sua vinda delirando; as sibilas vociferavam, proclamando a queda dos deuses pagãos. Os iniciados tinham anunciado que um dia o mundo seria governado por um dos seus, por um filho de Deus." – Tal é o sentido esotérico da bela lenda dos reis magos, vindos do fundo do Oriente para adorar o menino de Belém.
Ora, dos três reis magos, um era branco, o outro prêto, o terceiro amarelo, originários, respectivamente, da Europa, da África e da Ásia. Isso liga a criança divina, o Messias, a esperança dos povos africanos que n´Êle viram o Oxalá novo, baixado do céu, da Aruanda, para ajudar os filhos de Umbanda.

Contemplando as multidões de doentes, paralíticos, leprosos, loucos, infelizes de tôda as espécies, Jesus pensou consigo: “Para que servem êsses templos, êsses sacerdotes, êsses hinos, êsses sacrifícios, visto que não podem dar remédio a tôdas estas dores?” E, segundo Shuré imagina, do seu coração saiu êste grito profundo: “Pai Celeste!... Eu quero saber! Que quero curar! Eu quero salvar!”
Consciente de sua missão redentora, Jesus procura os Essênios, seita israelita, que guardava a tradição esotérica dos profetas, e que possuía dois centros principais, um no Egito e outro na Palestina. Foi na ordem dos Essênios que Jesus Cristo recebeu a iniciação superior do 4º grau, apenas concedida no caso de missão profética, desejada pelo irmão e confirmada pelo conselho dos Anciães. Esta missão profética ninguém podia atribuí-la: o irmão “devia por si mesmo encontrá-la, visto que tal era a lei dos iniciados – nada pelo exterior, tudo pelo interior”. O chefe da ordem apresentou a Jesus o **cálice de ouro**, que encerrava o **vinho da vinha do Senhor**, símbolo da inspiração divina.

7. QUANDO O ORIXÁ CHEGA...

Quando o orixá chega, pede licença cantando êste ponto:

Dá licença, ê gente
Dá licença, ê
Dá licença quando eu chega no reino
Dá licença eu de Aruanda

Resposta, dada pelo babalaô:

Licença tem, bacuro de Umbanda
Bacuro de Umbanda, licença tem.

Então, o orixá canta:

Eu vim saravá
Zâmbi Calunga
Eu vim saravá
Pelo dia de hoje
Eu vim saravá

Depois, o ogân canta 3 pontos para o orixá que chegou. O orixá canta 3 pontos para o orixá dono do terreiro, depois 3 pontos para salvar o dono da casa, e em seguida 3 pontos salvando os presentes.
A sessão continua na forma do costume, conforme descrito.
Quando não se sabe qual o orixá que acaba de “arriar”, o ogân de atabaque canta êste ponto:

Tem mironga
Tem mironga
Tem mironga
Na barra de sua saia
Gente
O galo canta na terra
O pinto pia na grota

Diz Umbanda tem mironga
Na barra de sua saia
Gente

Se, não obstante, o orixa não se revela, o ogân tira êste outro ponto:

Gente,
Quando eu chega no reino
Todo mundo quer saber
Minha nome.
É quizua Mamãe Perê
Zacutara maleme
Tem mironga
Tem mironga

Persistindo a atitude da entidade, o recurso é despachá-la, na forma do ritual.

8. OGÚN NA GUERRA DO PARAGUAI
(O ponto cantado de HUMAITÁ)

Quando o Brasil declarou guerra ao Paraguai, dominado pelo ditador Francisco Solano Lopez, formaram-se diversos batalhões de voluntários em todo o país, especialmente nos Estados onde havia maior percentagem de descendentes africanos. Entre parêntesis: a guerra do Paraguai influiu muito na evolução social do elemento afro-brasileiro. Faziam parte dêsses batalhões sacerdotes dos cultos africanos, recrutados, às vêzes à fôrça, em bom número, no Maranhão, na Bahia, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, além de outros Estados.
No dia da passagem e batalha de **Humaitá**, os primeiros a sabverem da vitória das armas brasileiras foram os terreiros, onde o orixá Ogún Megê baixou e transmitiu a boa notícia, em 1867.
No mesmo dia da vitória, ainda ignorada aqui, Ogún tirou a seguinte **corimba**, que muitos cantam sem conhecer o que significa:

No campo de Humaitá
Venceu-se a guerra, meu Pai
Ogún, com seu cavalo de côr
Ogún Megê
Ogún Yara

Venceu-se a guerra, meu Pai
Ogún, com seu cavalo de côr

E assim foi anunciada a vitória dos brasileiros no Passo de Humaitá, festejada nos terreiros com grande entusiasmo. Até hoje, depois de quase um século, canta-se êste ponto:

Humaitá, Humaitá
Ó Rei de Umbanda
Ogún já venceu demanda.

Os sacerdotes africanos ajudaram o triunfo brasileiro, com a proteção de Ogún. Depois da guerra do Paraguai, muitos escravos obtiveram alforria, o que contribuiu para a emancipação final. Os terreiros ganharam prestígio com tais acontecimentos.

9. ORIXÁS E FALANGES

OXALÁ

Oxalá Alufan (chefe)
Oxalá Guian
Oxalá Alamin

OGÚN

Ogún Mege (chefe)
Ogún Rompe-Mato
Ogún Dilê
Ogún Yara
Ogún Dinae
Ogún Delodê
Ogún Timbiri

XANGÔ

Xangô Agajô (chefe)
Xangô Alafin
Xangô de Ouro
Xangô Obômi

OXÚN

Oxún Eubandá (chefe)
Oxún da Cobra Coral
Oxún Marê

IANSAN

Iapopô (chefe)
Inhatopé

OXÔSSI

Oxôssi Arranca-Tôco (chefe)
Oxôssi Urucaia

OMOLÚ

Xapanan (chefe)
Caraé
Omolúajô

10. LAVAGEM DOS PERTENCES DO ORIXÁ

Anualmente, o terrreiro procede à cerimônia da lavagem do otá e dos pertences do orixá ou dos orixás. Assistimos em 1952 a êsse deslumbrante ritual no terreiro do babalaô Cacheado (Maurício Álvaro Duarte), denominado “Centro Espírita Africano “Nossa Senhora da Glória”, no Parque Tietê, em Caxias. Maurício efetuou a lavagem, em seu **roncó**, dos pertences de todos os orixás, ocasião em que se verificou uma série de mirongas.

Na Bahia, na 1ª sexta-feira do mês de setembro, o chefe do terreiro, acompanhado pelas suas filhas de santo, vai à fonte mais próxima, para o fim de, ainda muito cedo, apanhar a

água necessária à lavagem dos pertences de Oxalá. Realizada a cerimônia, o **otá** é recolhido ao **pegí, au seu pepelê** individual.
Em seguida, sacrifica-se um caprino, que é preparado juntamente com o inhame novo, não sendo usado azêite de dendê (epô), que é substituído por ori (limo da Costa). O ritual é o da "comida do santo", distribuída pelos presentes, conforme o preceito.
Passado três dias, iniciam-se as festas, com o cerimonial que já descrevemos. O chefe do terreiro, com um pequeno cipó, usado na seita, bate nas costas dos filhos de santo e dos presentes, livrando-os, assim, das más influências espirituais e abrindo-lhes os caminhos.
A lavagem dos pertences de Oxalá, o principal santo do terreiro, marca o início de grandes comemorações.
Finalmente, no dia 1º de janeiro realiza-se a grende festa de **a-i-ê**, de confraternização geral, pedindo-se aos orixás que dêem feliciada para todos os filhos do terreiro e para todo o mundo.

CAPÍTULO III

CERIMÔNIAS E COSTUMES UMBANDISTAS

1. Abertura e Fechamento do Terreiro
2. Como é formado um Terreiro
3. Fechamento do corpo
4. A umbanda, as autoridades e as outras religiões
5. O quimbandeiro
6. Os riscos cabalísticos e a origem do alfabeto
7. Confirmação de anjo-da-guarda
8. Reservar a cabeça
9. As iabás
10. Os doces das baianas
11. Preceitos do nascimento
12. Suna ou Dijina de Iniciados
13. A Visão da Camarinha
14. Obrigação a Yemanjá
15. A vassourinha de Exu
16. O Oxôgun
17. Incompreensões e quizílias
18. Conselhos Práticos
19. Como evitar epidemias
20 Vissungos
21. O místério das Pedras Vivas
22. Mucanda Cangongo
23. A festa do ongombe
24. Fundação de um Terreiro
25. A Linha das Almas

"As religiões antigas abundavam de mágicas e milagres. Certas pessoas conseguiram penetrar os mistérios da Natureza terestre e realizar determinados atos que pareciam quebrar as leis naturais estabelicidas. Tôda religião, mesmo a mais avançada, recorre à magia, para se comunicar com os semi-deuses e obter seus favores."

1. ABERTURA E FECHAMENTO DO TERREIRO

Explicamos a seguir como se abre e se fecha um terreiro, em uma sessão comum. O leitor verá o desenho de um abacé (terreiro), com o pingo e a cruz, sendo esta para fechar e aquêle para abrir o terreiro.
Inicialmente, todos os presentes são defumandos, ao som de palmas e dos atabaques. Canta-se a seguinte corimba (ponto cantado):

Banda chêrou
Como chêra
Banda chêrou
Como chêra (bis)

Terminada a defumanção, a **cota** encarregada dêsse serviço sai de costas pela porta da rua, para despachar, enquanto outra cota encruza a porta com um copo d´água e fica esperando o regresso da primeira. Esta, ao voltar, recebe o copo d´água, bebe um pouco e joga o resto para trás. Enquanto isso, os presentes cantam:

Encruza, encruza
Encruza na fé de Zâmbi. (bis)

A seguir, as cotas vão apanhar em frente ao estado (altar) uma bandeja, contendo: velas, cerveja preta ou branca, vinho branco ou virgem, pemba de Oxalá, mungue (sal), cimá (cinza), etc.
Uma delas conduz a bandeja, outra apanha a bebida, passando a encruzar, desde o **estado** até o abacé, terminando na porta da rua. A corimba é a seguinte:

Saraganga, saraganga
Me abra o terreiro
Me feche a porta. (bis)

Para fechar o terreiro, a cerimônia é ao contrário (da porta da rua ao **estado**), com esta corimba:

Saraganga, saraganga
Me feche o terreiro
Me abra a porta. (bis)

Continuando: - depois, o **ogan** (ou a **mãe pequena**) vai até à porta da rua, salvando Exu com estas palavras: **Exu inhaca, Exu inhaca, Exu ê!** Depois, cruza os braços, sopra a cinza ou a pólvora (**tuia**) que conduz nas palmas das mãos. Enquanto isso, o **cambono colofé** vai despachar Ecu, no seu assentamento ou na encruzilhada de Exu-Tranca-Gira, com parati, charuto, etc., para fechar os caminhos aos maus.
Terminadas essas cerimônias, canta-se:

Saravá Umbanda
A gente saravá (bis)

Todos então saúdam o **estado**. Passa-se a cantar de 3 a 7 pontos para cada Orixá, sendo o primeiro ponto para Exu e Pomba Gira.

Encerrado o ritual de abertura do terreiro, que é quando completo, o babalaô toca o **adejá** (campainha) dando ordem para o início das danças. Os cabeças maiores e as sambas vão ao **estado** fazer o **adobá**, ou saudação de licença.
Só então os orixás se manifestam nos **cavalos** (médiuns) que escolhem. As danças sagradas se prolongam por horas e horas, até o amanhecer. Os orixás manifestados dançam conforme o costume de cada qual e muitas vêzes realizam feitos prodigiosos, demonstrando a sua imensa fôrça espiritual e o seu poder sôbre a Natureza.
Para o fechamento do terreiro, a cota arruma novamente a bandeja, enquanto a outra encruza os cantos da casa, fazendo no centro do abacé uma cruz maior, com todos os apetrechos contidos na bandeja, exceto parati e cinza. A vela é acesa na porta da rua e apagada na frente ao estado, não com o sôpro e sim com os dedos molhados. (Na abertura do terreiro, a vela sai do estado e é acesa fora da casa).
Há muitos curiosos que entram e saem dops terreiros, na mais completa ignorância do que assistiram. Todos os presentes às cerimônias umbandistas devem estar com o corpo limpo. Para se purificarem dos vestígios de relações sexuais, devem tomar banho de ervas. É por isso que é proibida a entrada de mulheres menstruadas. Quem não estiver com o corpo limpo, pode cantar e bater palmas a noite inteira, que nada aproveitará e nem poderá ingressar no recinto reservado às grandes cerimônias. Assim, observando minuciosamente tôdas as fases do ritual, pode-se dizer:

- A Umbanda tem mironga.

2. COMO É FORMADO UM TERREIRO

Chama-se **terreiro** o lugar onde dançam sambas e cambonos. Tem também o nome de **abacé**. **Sambas** são as dançarinas do culto. **Cotas** são as servidoras dos orixás. Onde está o santo católico – santuário. Onde está o santo africano – o **otá**. O lugar onde estão os otás – **pegí**. O nome **pegí** é nagô, e **gongá** é omolocô (Angola). Chama-se **balguidar** o lugar onde está assentado o otá.
No pegí, gongá ou **roncó**, estão assentados todos os orixás ou **bacuros**. Quem trata do sacrifício dos animais é o **pegí-gan**, auxiliar do **babalaô** (em nagô, o auciliar do babá-de-orixá, chama-se oxôgun). Só há uma pessoa que tem mão de faca, isto é, licença para sacrificar os animais. Quem cozinha a comida do orixá é a **iabá**. A **jabonan**, ou mão pequena, é a encarregada das sambas e das cotas e da ornamentação do abacé.
Depois que o indivíduo se inicia tem o grau de **cambono**. Depois passa a **cambono de ebó**. A sua missão é saber as encruzilhadas de cada Exu, que é o agente mágico universal. Exu recebe o mal de quem dá e o transmite a outrem. Na encruzilhada, só se coloca o que não presta. Algumas pessoas, no entanto, colocam na encruzilhada oferenda para abrir ou fechar os caminhos. Não há necessidade disso, porque os umbandistas conscientes fazem suas oferendas na casa de Exu e só despacham na encruzilhada o ebó, isto é, o que não presta, de acôrdo com os dias reservados.
Vamos explicar os lugares onde mora Exu:
Exu Tiriri – em encruzilhada de cabeceira.
Exu Barabô – em encruzilhada de estrada de ferro ou onde há 3 ruas cruzadas.
Exu Lalu – em encruzilhada aberto nos 4 lados.
Exu Berebê – na última encruzilhada antes do mar.
Exu Tranca-Gira (ou Tranca Rua) – em caminhos fechados.
Exu Lêbá – em montes.
Exu Malê – em 7 encruzilhadas ou caminhos (muito difícil).

Para Exu, dá-se frangos ou bode. Para Pomba-Gira, pomba preta, franga preta. Isso, de modo geral. Entraremos depois nos detalhes.
Antes de abrir o terreiro, o primeiro a despachar é Exu. Pega-se um frango prêto, cujas asas não estejam cortadas nem doentes, uma pomba ou galinha nas mesmas condições, passa-se o frango ou a galinha no abacé todo, depois canta-se a corimba própria para a cerimônia. Então o **oxôgun** mata o frango no lugar onde Exu está assentado. E dá-se pomba ou galinha preta a Pomba-Gira.
O corpo da ave é entregue à iabá, que vai preparar o **mi-ami-ami**, o **corear** de Exu. O **mi-ami-ami** é composto de azeite de dendê (**epô**), da farinha (efun) de pimenta da costa ou comum (li icúm). Depois de preparada essa comida, é distribuída entre os presentes, ficando apenas no assentamento as asas, a cabeça, a cauda e os pés. A pessoa come, sem rir, e faz seus pedidos, sentada no chão (Ver nosso livro "Doutrina e Ritual de Umbanda").
Dá-se paratí e charuto no assentamento de Exu, marcando-se dia para dar destino ao ebó.
Quando se trata de passar o frango vivo na pessoa (muginga), a cerimônia é outra, ao contrário da precedente. É para tirar o mal da pessoa e deixar na encruzilhada. A cerimônia tem seus cantos e seu ritual próprio.
Como cada orixá tem seu subalterno, ou empregado, que é um Exu, se, por exemplo, o terreiro é de Ogun Megê, primeiro se dá **menga** a Exu Tiriri, e segundo para maus espíritos (kiumbas), ao mal visível e invisível, evitrando que o **onibân** (polkícia civil) e o **matangulo** (soldado a cavalo) estraguem a festa ou então fazendo com que venham em paz, pois sua ira ficará cortada. O objetivo é evitar que os kiumbas perturbem a festa.
Antes de tudo, preparam o defumador com as ervas pertencentes ao orixá dono do gongá, encruzam o terreiro com as bebidas usadas no ritual, e depois tiram a corimba para Exu ou Pomba-Gira. Em seguida, cantam 3 ou 7 corimbas para cada orixá.
Após essa cerimônia, as sambas se dirigem ao "estado" a fim de pedir licença ao babalaô e ao atabaque para dançarem. Aí então começa a festa.
Como cada Exu é subelterno de um orixá, passemos a explicar a missão própria de cada Exu, conforme suas 7 falanges. Eis por que o umbandista feito tem de ser primeiramente cambono de ebó. Aqui temos:

Exu Malê – dono das trevas, senhor do mal
Exu Lalu – dono das almas dos kiumbas
Exu Tiriri – senhor da guerra
Exu Barabô – dono do comércio
Exu Tranca-Gira – dono dos caminhos (fecha ruas, caminhos, porteiras)
Exu Berebê – dono das pescarias, do litoral do mar
Exu Lebá – dono das serpentes e das encruzilhadas dos montes

Cada uma dessas falanges compreende numerosos elementos, fora a parte feminina, que é a de Pomba-Gira.
Quando o orixá julga que deve dar um benefício monetário ou melhorar a situação de alguém, manda tirar um ponto conhecido por **daí-me iodé**. O orixá manda reunir 4 sambas, cada uma das quais segura uma das pontas de um **alá**. Canta então êste ponto:

Daí-me iodé, odé ô!
Ô dá cossi.

Todos os presentes colocam moedas ou cédulas dentro do alá, e o orixá entrega o resultado da coleta à pessoa que quis beneficiar. Tratando-se de pessoas necessitada, o orixá entrega

o dinheiro depositando-o aos pés do beneficiado, a fim de que o mesmo, quando melhorar, devolva a quantia em dôbro.
Pode acontecer, no entanto, que a coleta seja, não para socorrer um necessitado, mas para retribuir um serviço que o orixá tenha julgado bom.
Esta cerimônia ainda se usa nos terreiros antigos. Hoje em dia, há muita exploração por aí.
Conhecemos um velho que cantava:

Catô, catô
Botô na samburá
Isso é dinheiro
Que eu vá guardá

Muitos chefes de terreio vão enriquecendo, sob a capa do orixá ou do cacarucai, pois a Umbanda ajuda aos que necessitam.

3. FECHAMENTO DO CORPO

Trata-se de uma cerimônia de grande responsabilidade. A pessoa que vai dirigir êsse serviço deve conhecer perfeitamente as mirongas de Umbanda e os segredos da Natureza.
Passamos a descrevê-la, pelo menos na parte que pode ser publicada. É necessária muita cautela, pois alguns curiosos, sem instrução suficiente, cometem erros gravíssimos.
Realiza-se esta cerimônia em uma sexta-feira grande, isto é, em sexta-feira que caia num dos quartos da lua nova, em hora "aberta" – 18 ou 24 horas.
O candidato compra uma roupa branca, virgem.
Antes da cerimônia, o candidato toma um banho de "erva quinada", denominada "**isman da lua**", e bebe um pouco da seiva da referida erva. Depois, em local apropriado, fica completamente despido, a sua roupa de uso é tirada e queimada, as cinzas são lançadas no rio de água corrente ou no mar, na hora da vasante.
Com um punhal virgem, faz-se cisuras na testa, na nuca, nas costas, no peito, nas juntas dos braços, nas palamas da mão, no joelho e nos pés do pacientem tudo acompanhado dos pontos próprios para a cerimônia. As pessoas que firmam os pontos durante a cerimônia ficam em local diferente.
Após esse ritual, passa-se no paciente ungüento que vem da Costa d´África (lugar denominado Lagos). É utilizado o seguinte material: alguidar de barro ou tijela de louça, velas de cêra benta, um punhal virgem, sangue de Cristo (vinho), vinagre, pemba, sal, defumador, etc.
Ao terminar a primeira fase da cerimônia, o paciente veste a roupa branca nova. É-lhe proibido ter relações sexuais enquanto se executa o ritual.
Na sexta-feira seguinte, se fôr lua nova, faz-se a confirmação. Na presença de todos, o candidato fica deitado de costas, com os braços abertos, tendo em volta 5 velas acesas, em forma de "círculo de Salomão". O babalaô inicia a cerimônia, após tirar os pontos cantandos próprios, acompanhado pelos presentes.
De costa para o paciente, o babalaô joga 27 punhais em tôrno do candidato, sem atingí-lo, pois todos devem cair de pé.
Inicia-se então outra fase. O candidato fica de pé, enconstado em um tabique de madeira, com os braços abertos. O babalaô, de costas, joga os punhais, que vão ficar cravados no tabique, em volta do candidato, sem ofendê-lo. Palmas e cântigos acompanham o desenrolar da cerimônia. Terminada esta, o candidato distribui sangue de Cristo a todos os presentes.
O babalaô apresenta então o paciente à lua, quando termina o ritual.

Os presentes devem tomar banho de descarga, antes da cerimônia.
Faz-se também o fechamento do corpo das crianças, ao nascerem ou ao completarem 7 anos, porém com outro cerimonial.
Esta cerimônia de fechamento de corpo exige muita fé por parte do candidato e muita competência do babalaô, sob pena de acidentes terríveis. A pessoa que se submete a êsse ritual fica ligada ao espírito da natureza, que lhe dará grande intuição. Tôdas as sextas-feiras, deve cumprir os preceitos e instruções que o babalaô lhe recomendar, após o fechamento do corpo, do contrário está sujeito a graves acontecimentos.

4. A UMBANDA, AS AUTORIDADES E AS RELIGIÕES

Não pretendemos fazer propaganda derrotista, mas, a verdade é sempre a verdade. E a verdade é que a religião de Umbanda tem sido a mais perseguida no Brasil.
Concordamos em que talvez, em parte, os umbandistas não tenha sabido esclarecer as autoridades sôbre os fundamento de sua religião. Mas o fato indiscutível, concreto, é que muitas autoridades policiais não dispõem da necessária isenção e cultura para separar o joio do trigo.
Sob o ponto de vista da organização hierárquica, a Umbanda ainda não conseguiu o que há muito tempo, em nosso país, fortalecem o catolicismo, o protestantismo e o espiritismo kardecista. Sòmente em 1950 é que foi fundada a CONFEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA, mas até hoje, sem hostilizá-la diretamente, a autoridade pública finge ignorar sua existência, não obstante estar legalizada na forma da lei.
Por outro lado, certos chefes de terreiro, que fazem da religião um rendoso meio de vida, não querem se filiar, mesmo porque não foram realmente **iniciados** de acôrdo com o ritual antigo, e preferem improvisar cerimônias e ritos arranjados para fins comerciais.
Elementos interessados no enfraquecimento da idéia religiosa, de cumplicidade com pessoas que têm o dever funcional de zelar pelas instituições, tentaram, em fins de 1952, no município de Duque de Caxias, um golpe espetacular, nìtidamente comunista, contra aquela organização umbandista, mas nada conseguiram, a não ser armar escândalo em jornais desprevenidos e sensacionalistas.
Não somos partidários de idéia esdrúxula de se entronizar um Papa da Umbanda, mas deve haver uma entidade civil que a autoridade pública considere representativa dos umbandistas.
Há tempos, o Templo Iniciático Joevah (sic), situado no Distrito Federal, anunciou o aparecimento de um livro intitulado "**Exu a nova máquina de fazer dinheiro**".
Por que êles não se preocupam com a religião dêles e deixam a dos outros em paz? Sem dúvida, há terreiros improvisados, sem responsabilidade religiosa, que fazem da seita um meio de vida.
Mas o que é que Exu tem com isso? Exu é o agente mágico universal. Trabalha conforme lhe pedem, para o bem e para o mal, por que a responsabilidade espiritual é de quem pede o serviço. Exu não é diabo dos católicos ou o satanaz dos israelitas. Há uma falange de Exu que sòmente trabalha para o mal, mas as outras fazem o bem.
O livro dos israelitas do Templo Iniciático deveria intitular-se "**Satanaz – a antiga máquina de fazer dinheiro**". A verdade histórica é esta: - explorando o mêdo ao diabo, há muitos séculos sacerdotes de várias religiões vêm acumulando grandes riquezas, e não uns miseráveis cruzeiros...
Há, ainda, outros aspectos do problema. Certos delegados de polícia, em pequeno número, aliás, impedem que os terreiros se legalizem, a fim de "protegê-los" mediante o pagamento mensal de 100 a 300 cruzeiros. Soubemos mesmo, por informação que nos parece fidedigna, que sòmente em um município perto do Distrito Federal, a coleta mensal das

“licenças verbais” para funcionamento de terreiros é de Cr$ 58.000,00. Nessas condições, é lógico que a êsses maus policiais não interessam prestigiar a Confederação Espírita Umbandista.
Outro grande motivo de perseguição é o **curandeirismo**, velha instituição da humanidade, em todos os povos,. O que é que a doutrina de Umbanda tem com isso?
Todavia, encaramos o assunto sob um prisma mais elevado. Se alguém é dotado de poderes espirituais para aliviar, mediante sugestão, as dores alheias, porque impedí-lo de dar **passes**?
Vejamos, por exemplo, o caso dêsse bondoso sacerdote católico, o padre Antônio, de Urucânia. Acaso estaria êle exercendo medicina ilegal? Não. Apenas utilizava, em benefício de seus semelhantes, o poder de curar que Deus lhe concedeu.
Aconselhar alguém a beber chá, desta ou daquela erva consagrada pela flora medicinal, será por ventura um crime? Não. O que constitui crime é manter um laboratório sem licença da autoridade competente, fabricar remédios e vendê-los. Receitar, vender beberragens, isso, sim, constitui crime.
O poder curativo é um dom natural. Não deve ser confundido com a prática de curandeirismo.
Lembrem-se sempre da missão divina de Jesus Cristo. Lembrem-se de seus pensamentos acêrca das coisas exteriores, das pompas externas, sem conteúdo interior:
“Para que servem êsses templos, êsses sacerdotes, êsses hinos, êsse sacrifício, visto que não podem dar remédio a tôdas estas dores?”
Ao lado da assistência espiritual, Jesus queria que os sacerdotes aliviassem os sofrimentos físicos, minorassem a miséria que aflige a humanidade. A Lei de Umbanda manda cuidar não apenas do desenvolvimento espiritual do crente, mas de sua saúde corporal e de seu desejo de felicidade. Nenhuma outra religião se aproxima mais do ensino de Jesus Cristo (Oxalá Guian) do que a religião de Umbanda!

5. O QUIMBANDEIRO

Muita gente se engana com as palavras **macumbeiro, mandingueira e quimbandeiro**.
A Umbanda, como tôdas as demais religiões, compreende duas partes: o ensino secreto, reservado aos iniciados, e o culto externo, público.
Não há Umbanda negra nem Umbanda branca. Umbanda quer dizer **linha de chão**m e compreende hoje os cultos Nagô, Gêge, Omolocô (ou Angola), Malê, Congo, Cabinda, Benguela, Caçange, Costa d´África.
Ao iniciado, ensina-se os dois caminhos: o do Bem e o do Mal. Aos que, por qualquer motivo, desejam seguir a linha do Mal, dá-se o nome de quimbandeiros, ou feiticeiros, pertença, a qualquer Nação que pertencerem.
Há ainda o **curador**, que não entende nada do culto, porém, conhece as virtudes das ervas; o **rezador**, que conhece o ritual e também o segredo das ervas.
Cada qual segue sua vocação, a tendência que norteia suas atividades mais importantes. A vocação é fortalecida pelos conhecimentos que o indiívíduo vai adquirindo, na prática de sua profissão. Assim, por exemplo, acontece na Medicina. O povo compreende que não é possível um médico examinar 20 ou 30 pessoas e acertar todos os casos. Daí a preferência, que se vem acentuando, pelos médicos espíritas, que conhecem os males do corpo e os da alma.
Travamos relações, há anos, com um curador afamado, de nome Gino, residente em Barra do Piraí. Um dia fomos à sua casa, movidos pela curiosidade. Chegamos á conclusão de que se tratava de um rezador e curandeiro, mas do culto africano nada entendia. Possuia uma pequena lata, em cuja bôca rezava e onde dizia “ver as coisas”. Convidaram-nos a

assistir a um trabalho na mata. Dirigimo-nos a um grande cruzeiro no meio da mata, e onde havia caveiras e velas acesas. Quando abriram os trabalhos, os médiuns saíram correndo, acompanhados de uma pessoa que conduzia, à frente do grupo, uma vela acesa. Na volta, vinham com a bôca sangrando, cheia de raízes e fôlhas, e mastigavam as raízes em um alguidar ao pé do cruzeiro, gritando alucinados.
Perguntamos que culto era aquêle. Responderam-nos que era a "linha das Almas". Desconheciam totalmente os cultos africanos e os seus orixás, dizendo que trabalhavam com os espíritos das selvas. Terminado o serviço, deram as raízes aos consulentes, dos quais, diga-se a verdade, muitos ficaram curados.
Assim também, com a defumação das ervas, paralíticos andavam, as mazelas saravam, etc. Os jornais da época não publicavam notícias de tais fatos, em virtude da perseguição reinante na época. Pessoas iam do Rio comprar raízes e remédios em Barra do Piraí, atraídas pela fama de Gino.
Ora, se os kardecistas vissem isso, logo diriam que se tratava do "baixo" espiritismo. Como, porém, classificar de "baixo espiritismo" a prática da caridade? Os "guias" da selva ajudavam os sofredores e muitos ficavam curados. Para assistir aos trabalhos de Gino era necessário alguma coragem. Impressionava profundamente ver regressar da mata aquêles médiuns com a bôca sangrando, cheia de raízes.
Para se conhecer todos êsses cultos, é necessário mui tempo e saber distinguir as linhas e as origens de cada culto, pois, do contrário, a confusão é grande.
O Omolocô é uma espécie de círculo, onde se reunem as 7 linhas de Umbanda. Dentro do Omolocô, conta-se o nagô, o gêge, o cabinda, o cacange, etc. Eis porque o povo aprecia mais o Omolocô, onde há mais liberdade. Ficou a Angola com os têrmos usados em outras Nações. Já o Nagô, o Ketu, o Malê, não se misturam ins com outros, tendo cada um sua linguagem própria. Mas todos se compreendem mais ou menos e sabem a que Nação pertence determinada pessoa.
Conforme o ponto cantado, sabe-se no Omolocô de que culto se trata.
Quando uma pessoa vai pedir um "serviço" a um quimbandeiro, se êste possui altar de santos (alguns têm **budun**) primeiro acende uma vela de cêra no altar para o seu anjo da guarda, e uma de espermacete no chão, riscando os pontos com a pemba, Então, o quimbandeiro pergunta ao consulente o que quer. Êste dá a resposta solicitada. O quimbandeiro acende a vela que está no **estado** e diz: "**Agô, Oxalá, saramin**".
No ponto riscado em baixo, diz: "**Coripemba! Oia tempo, amuangaia. Ô min, quêdara, meu Pai. Amuangaia, coripemba! Exu Lêbá**"
(Tradução: "Licença, Senhor, salva-me dos meus pecados. Ó Espírito do mal, toma conta do pedido. O que êle pede para o Mal pode voltar. O que vai com o tempo, pode voltar com o tempo. Não tenho nada com isso, meu Pai. Ó Espirito do Mal, toma conta do caso. Vem, Exu Lêbá!")
Todo êsse cerimonial é feito para tirar a reponsabilidade espiritual do quimbandeiro, que é simplesmente um instrumento. O consulente deposita o dinheiro no chão. O choque do retôrno atinge apenas o que mandou fazer o mal, volta para dar satisfações de sua tarefa. O consulente que não sabe dar destino à falange fica com a carga.. O feitiço vira contra o feiticeiro. Exu Lêbá é o encarregado da falange atrasada, do Espírito das Trevas.
Antes de tudo isso, o quimbandeiro vai jogar os búzios para saber se o seu anjo da guarda é o mesmo da pessoa que vai ser atingida pelo mal. Se fôr, o quimbandeiro não pode fazer o trabahlho e assim envia o consulente a outro quimbandeiro. Muitos quimbandeiros, por ambição ao dinheiro, não tomam essa precaução e acabam em situação precária.
Um dia, fomos procurados por um conhecido locutor de rádio, que nos disse: "Não acredito nessas coisas, mas tenho agora de recorrer a tudo. Mas, digam-me uma coisa: se isso é verdade, porque o quimbandeiro não ganha no "bicho" e na loteria, enriquecendo de

vez”? Respondemos que cada indivíduo tem uma missão a cumprir, e todos não podem tere o mesmo destino. Os babalaôs que trabalham para o Bem e sofrem uma injustiça, recorrem ao seu anjo da guarda. Não fazem justiça pelas próprias mãos, mas deixam que o caso seja julgado pelos orixás.
Muita gente se inicia na Umbanda para aprender o mal. Será o seu prejuízo. A Umbanda protege os seus filhos, mas os que cumprem com os preceitos. A Umbanda não pode realizar milagres a tôda hora e violar as leis naturais, em proveito dêste ou daquele. Os filhos de Umbanda dispõem de defesa contra o mal e auxílio do seu guia espiritual. Nunca esquecer que a finalidade da religião é tornar o homem melhor, aproximá-lo espiritualmente de Deus e dos orixás, dos espíritos de luz em geral.
Tratando-se de previsão do futuro, o incauto pode ser vítima de “curiosos” que nada entendem das mirongas de Umbanda e apenas querem extorquir dinheiro alheio.
A adivinhação é feita, no Massurumí, por meio da areia, que é apanhada e jogada dentro de um recipiente qualquer, em movimento contínuo, que revela a sorte do consulente.
No Nagô, o “jôgo de búzios” chama-se **delogun**; há de 16 a 20 búzios. No Omolocô, jogar búzios é **zamburar**, considerando-se o mar como o maior reino psíquico, que pode revelar o futuro da pessoa.
Conhecemos terreiros onde o chefe não conhece o verdadeiro significado do jôgo de búzios, nem siquer sabe distinguir o sexo dos búzios. Outros fazem adivinhação por meio do copo d´água, servindo-se simplesmente da intuição. Quem preside a adivinhação, o ifá, é Oxalá.
Descrevendo feitiçõs e crendices em S. João da Chapada, Diamantina, Minas Gerais, onde há muitas sobrevivências bantus, o autor de “O Negro e o Garimpo em Minas Gerais”, apresenta casos interessantes, que passamos a resumir, **data venia**. Êsses casos se incluem, de modo geral, no ofício dos quimbandeiros.
Faz-se defumatório de fôlhas de guiné às sextas-feiras. Essa planta queima-se às portas das casas ou dentro delas, como preservativo contra mandingas e coisas feitas. Se, por exemplo, uma moléstia qualquer não desaparece com os remédios corriqueiros, leva-se ao curandeiro uma coisa qualquer pertencente ao doente, com a qual êle prepara uma “garrafada”. Assim também, para fazer e desfazer noivados, impedir ou favorecer casamentos, ocasionar discussões ou trazer a paz à família, forçar a vinda de pessoas ausentes, pôr alguém na miséria ou elevá-lo à fortuna, o curandeiro dispõe de garrafadas especiais.
Há, no dizer popular, duas espécies de feitiçarias: 1ª – a **moamba**, coisa feita ou mandinga contra o indivíduo, em sua pessoa ou seus bens. A 2ª é a **mandraca**, “espécie de poder superior, talvez hipnótico, que um indivíduo adquire, ou com auxílio de orações fortes, “rezas brabas”, ou “tomando parte” com o capeta (fazer pacto com o demônio). O mandraqueiro tem poderes diretos e sobrenaturais sôbre as pessoas, objetos e até sôbre os elementos. Por meio de palavras e gestos cabalísticos faz com que alguém “pateteie”, evita que armas de fogo detonem, abre portas, malas ou gavetas, ainda que trancadas a sete chaves (mas se a porta estiver com taramela, não se abrirá, porque a taramela, fechando em forma de cruz, “quebra” o seu poder), apaga incêndios de longe, conjura tempéstades, anda na chuva sem se molhar, conjura a ação maléfica dos raios, etc. De alguns dizem que “viram” cupim, árvore ou o que quiserem”.
Há um processo para neutralizar o poder do feiticeiro. Consiste em atraí-lo para um local, numa sexta-feria, em tôrno de um fogaréu de palha de alho, fôlha de guiné, quebrando-lhe nas costas ovos chocos e dando-lhe uma surra de pau de fumo.
Para fazer chover, há muitos recursos. Um dêles é o de “contrariar” os santos. Leva-se um santo de uma igreja para outra, trocando-se com outro, em uma espécia de permuta, isto

tudo sob forma de procissão, com rezas e cântigos. Enquanto não chover, os santos não voltarão para seus altares antigos.
Em seu citado livro, Aires da mata Machado Filho inclui um pequeno vocabulário da “língua de banguela”, sobrevivência Bantu. Em nosso livro anterior, “Doutrina e Ritual de Umbanda, dissemos que os **bantus** (Congos, Cabindas, Benguelas, Angolas, Macuas) vieram principalmente para o Rio, Minas Gerais, S. Paulo, Pernambuco e Maranhão.

6. OS RISCOS CABALÍSTICOS E A ORIGEM DO ALFABETO

O alfabeto moderno foi inventado pelos fenícios. Antes, porém, do algfabeto atual, houve outros, e podemos citar o egípcio, o chinês, o sânscrito, o hebraico, etc. Mas o fenício foi o escolhido, por sua simplicidade.
Como se sabe, a linguagem completa do homem primitico constava de formas simbólicas e geométricas. Cada palavra representava uma idéia. Era a escrita ideográfica.
Ora, os umbandistas tinha, há milhares de anos, a sua escrita ideográfica. Povos profundamente religiosos, os africanos tinha o seu alfabeto de fundo religioso.
O que é um **ponto riscado** senão a expressão escrita de uma idéia? Cada ponto riscado possui sua significação própria. Cada orixá possui seu ponto riscado individual. Cada falange de orixá, idem. Êsses pontos riscados, cruzados uns com outros, constituem mensagens que o umbandista sabe compreender, sem necessidade da palavra falada.
Exemplifiquemos: se um quimbandeiro se julgava ofendido, mandava convidar o ofensor, que, ao chegar, encontrava riscado o motivo da queixa, o **ponto de demanda**. O ofensor pode aceitar a demanda. Se não confirmava a demanda, riscava, por sua vez, o ponto de paz. Ninguém falava, mas todos se compreendiam pelos pontos riscados.
Essas práticas milenares continuaram no Brasil. Se o ofensor confirmava a demanda, cantava o seguinte ponto:

Ó manbero, ó manbero, é manbero
Ô ganga
Fôlha por fôlha lá no mato tem,
Ô ganga

Tradução: “Sabido por sabido aqui também há; fôlha por fôlha lá no mato tem, ó chefe de terreiro”.

Se, ao contrário, desejava a paz, o ofensor cantava:

“Mano com mano
Vamo combiná
Malungo de Umbanda
Vamo combiná.”

E asism se firmava a harmonia geral. Os ogâns de terreiro tinham a obrigação de saber interpretar os pontos riscados. A Umbanda tem mironga. Êsses pontos riscados constituem uma das **mirongas**.

7. CONFIRMAÇÃO DO ANJO-DA-GUARDA

A cerimônia da confirmação do anjo-da-guarda é muito séria, e está sujeita a muitos erros. Pessoas que se julgam muito sabidas consideram os umbandistas como muito superticiosos. É que os umbandistas conhecem a fôrça dos poderes ocultos de que todos nós dispomos, em maior ou menor grau..

Quando alguém, para resolver qualquer dúvida, deseja fazer a confirmação do seu anjo-da-guarda, transmite o seu pedido ao chefe do terreiro. Êste convida 7 babalaôs, que se reúnem para proceder o "jôgo dos búzios", por meio do qual Orixá diz a verdade e resolve a dúvida que aflige o consulente.
Feito o **delogun**, o ogân do estado sai do pegí e vai comunicar o resultado ao ogân do terreiro. Êste, então, manda bater os atabaques e canta os pontos do anjo-da-guarda confirmado.
Servem-se as bebidas correspondentes ao anjo-da-guarda. Todos os presentes batem palmas em honra à confirmação. É um espetáculo cheio de beleza, mas no qual só intervém pessoas escolhidas, na hierarquia da seita.

8. RESERVAR A CABEÇA

As expressões "fazer a cabeça", "reservar a cabeça" são de uso freqüente nos meiso umbandistas. Com efeito, a cabeça é a parte nobre do corpo humano. É nela que o umbandista recebe seu orixá, que, tomando conta do "cavalo", manifesta a sua vontade, dá os conselhos necessários, pratica a caridade.
Os umbandistas, por êsse motivo, não gostam que qualquer pessoa ponha a mão em sua cabeça; O barbeiro que corta o cabelo pode estar, na ocasião, com o corpo sujo, ou "carregado", e isso prejudica o médium.
De um modo geral, homens e mulheres com o corpo sujo de relações sexuais constituem elementos de pertubação, se, nesse estado, dá injeção em alguém, arrisca o doente a piorar. O corpo "sujo" é um veneno.

9. AS IABÁS

As iabás, conforme já dissemos, são as cozinheiras do culto. A manutenção de um terreiro ocupa muita gente, pois cada qual tem sua função própria. O chefe do terreiro, o babalaô, além de determinar o que deve ser feito, ainda preside às grandes obrigações.
As comidas dos orixás são preparadas com muita limpeza. Têm grande poder alimentício e são temperadas com o condimento adequado.
A verdadeira bebida do culto é o **aluá**. Prepara-se o aluá com milho, fubá de arroz ou outra substância que dê fermentação. É queimado para dar côr, havendo o aluá branco e o escuro. O aluá contém gengibre, que lhe dá um sabor especial.
Com o evoluir dos tempos, foram sendo adotadas outras bebidas, como a cerveja preta e a cerveja branca, o champagne. O vinho e o parati já vêm de longa data.
Os ossos do animal sacrificado não podem ser quebrados, porém separados pelas juntas. Depois de servida a comida, os ossos são reunidos, recomposto o esqueleto, sem as carnes e despechado tudo para o lugar conveniente.
As iabás têm uma ou duas **cotas**, suas auxiliares no serviço doméstico.
O material em que se prepara a comida de santo não é o mesmo da cozinha comum. São panelas de barro e colheres de pau. Tudo é feito em local separado da cozinha comum. Sôbre a panela, coloca-se uma tampa de barro. Em cima desta coloca-se uma bandeja com

copo d´água virado. Sôbre o copo, há uma vela acesa. Sob essa armação, é que ferve a comida do santo.
A comida feita na panela de barro e muito mais saborosa do que a feita na panela de metal.
O pão feito no forno queimado a lenha também é melhor.
Pronta a comida, só é servida quando o babalaô dá ordem para ser arriada. Come-se sempre à noite, observado o ritual descrito em nosso livro anterior.
Exige-se da iabá muitas qualidades morais e um grande asseio corporal.

10. OS DOCES DAS BAIANAS

Do canhenho de uma baiana:

Cuscus

Material necessário: - meio litro de leite de vaca, meio côco ralado, 1 prato de tapioca do Pará, acúçar, 1 colher de chá de erva doce e leite de meio côco da praia.
Mistura-se o côco e a tapioca. Ferveve-se o leite com a erva doce e açúcar à vontade. Coa-se sobre a mistura do côco com a tapioca. Meia hora depois, põe-se para cozinhar dentro de um cuscuzeiro. O cuscus tem de cozinhar com o calor da água quente.
Quando estiver cozido, deve-se desenformar num prato, furar com garfo e regar com o leite de côco. Ficará um bom cuscus.

Acarajé

Deve-se pôr de môlho, na véspera, o feijão fradinho. No dia, descascar o feijão graõ a grão e ralar numa pedra áspera ou passar na máquina de moer carne, o mai fino possível.
Temperar a massa com sal, cebola batida e camarões secos descascados e bem moídos.
Bate-se bem a massa.
Tira-se a massa às colheradas, fritando em azeite de dendê bem quente. Serve-se frio, com o môlho próprio. Êste môlho é obtido misturando camarão sêco descascado com pimenta malagueta sêca e moída ou socada, com sal e cebola batida, fritando-se tudo no azeite de dênce, em panela de barro.

11. PRECEITOS DO NASCIMENTO

No lento evoluir da humanidade, é interessante observar-se como certos usos e costumes vão sendo substituídos ou abandonados. Essa mudança não se opera, todavia, ao mesmo tempo em todos os lugares. Sempre há sobrevivências que permitem a pesquisa dos fatos.
Antigamente, por exemplo, quando nascia um menino, a mulher observava um resguardo de 40 dias, prazo que era diminuído para 30 dias se se tratava de menina.
Os pais convidavam seus amigos e parentes para beber o "mijo" do recém –nascido, isto é, um vinho apropriado. Êsse costume não se verifica mais no Rio, porém está em vigor no norte do país e no interior dos Estados.
A criança, ao nascer, era defumada com alfazema, mirra, benjoim e incenso. Êsse costume é de fundo religioso. O próprio Jesus Cristo, que, para os umbandistas é Oxalá Guian, recebeu presentes de defumador dos 3 Reis Magos. Destinava-se o defumador a livrar do mal aquêle que nascia neste planêta carregado.
Ao completar um mês de idade, a criança era apresentada à lua cheia. Havia, também, a observância do **ciclo setenário**. Aos 7 dias (crise do umbigo), aos 7 meses, e aos 7 anos, tinha-se com a criança cuidados especiais.

Aliás, entre os hindus, a idade de 7 anos é de um grande significado, pois marca a transição entre a vidência e um novo estado psíquico. Até os 7 anos a criança vê coisas que o adulto sem mediunidade não percebe. Diz-se que a criança "mente" quando afirma que viu isto ou aquilo.
Se a criança apresentava fraqueza nas pernas, custava a andar, passavam-lhe baba de boi. Os homens abandonam usos e costumes que têm fundamento, mas não podem destruir o poder da Natureza. Os ciclos se repetem com a mesma eterna regularidade. Tudo acontece no prazo determinado. Assim, cada espécie animal tem o seu período certo de vida, em têrmos médios. Contra os ciclos naturais, a ciência nada pode.
Durante a gestação, a criança está sob a influência de um espírito da Natureza. Quando nasce, e recebe o sôpro vital, é entregue a um espírito evolutivo. O cerimonial do defumador e do vinho é exatamente para saudar o espírito que chegou, para cumprir a missão que lhe foi reservada.

12. SUNA OU DIJINA DE INICIADOS

Durante as cerimônias de iniciação, quando se realiza o ritual da "obrigação" de cabeça", o neófito recebe o seu nome na seita, que o indentificará nos terreiros. Êsse nome é a **suna** ou **dijina**, que se realiciona com o anjo-da-guarda do iniciando. Em geral, a suna é suficiente para indicar o orixá do filho de Umbanda.
Vamos dar abaixo uma relação de **dijinas de iaôs** (mulheres) e **iabaôs** (homens), iniciados nas mirongas de Umbanda, no culto Omolocô, pelo babalaô Tancredo Silva:

Nome Civil	**Suna ou dijina**
Jeanette Artur de Sá	Alafin (rei de ouro)
Doralice Soares	Eubandá (eu sou em toda a banda)
Anita Silveira dos Santos	Asabá (vivo sôbre as ondas do mar)
Dulce Soares	Vichê cofé (filha da fé)
Pedro Augusto Ferreira	Ogún Dilê (conselheiro da banda)
Dulcinéa da Silva	Gaia (flexa)
Maria Augusto de Oliveira Carvalho	Axanpanã (voa pelos eguns)
Francisca da Silva Lourenço	Ogun Megê (rei da guerra)
Paula Cabral Pinto	Ébirin (ornamento e arma de Nãnã)
João da Silva	Acôajô (vê tudo em cima da pedra)
Wenisfrete de Souza	Zagaia (bodoque)
Orminda da Conceição Costa	Kissimbi (mãe das minas d´água)
Yêda Soares Gomes	Oiá (filha do vento e da tempestade)
Olga Francisca da Mata	Inhatopé (rainha dos bambuzais e dos campos)
Lourdes Medeiros	Oxé (arma de Xangô Agojô)
João Dias Barbosa	Obomi (Xangô Menino)
Paulino da mata	Amorodé (amor pelo culto)
Byron Torres de Freitas	Aguian (Oxalá Novo)

13. A VISÃO DA CAMARINHA

Quando alguém faz assentamento de orixá e entra na camarinha para ali permanecer 3 ou 16 dias (êsse período varia, de acôdo com o ritual adotado – omolocô, nagô, cabinda, etc.), fica completamente em repouso absoluto, deitado, comendo muito pouco, a fim de,

enfraquecendo o corpo, fortalecer o espírito e transpor o plano inferior para um plano superior, até a sala de Nãnã, onde receberá a orientação espiritual necessária.
O corpo fica semi-morto, alimentando-se apenas com a comida do ritual. A orientação recebida do orixá não pode ser revelada a pessoa alguma. Quando se sai da camarinha, sai-se atordoado, como que atuado por aquela fôrça invisível que se recebeu nesses dias decisivos. Depois, o iniciado será submetido a um longo treinamento nas práticas do culto e irá subindo de grau em grau, na hierarquia de Umbanda.
Antes de entrar na camarinha de iniciação, o neófito já passou por muitas provas preparatórias. Primeiramente, foi verificado o seu grau de mediunidade. O babalaô vai então zamburar os búzios, o que revela a vontade do orixá em ser feita a obrigação da cabeça do candidato. Nada se faz no terreiro de Umbanda sem ordem do orixá, confirmada no jôgo dos búzios. Depois que o orixá manda fazer a obrigação, marca-se o dia e a lua para ser começada a obrigação.
Sabe-se que este é um mundo de provação e purificação. A cerimônia é para livrar a pessoa das más influências, visíveis e invisíveis. A pessoa passa a ter ligação com um orixá, a quem consulta e faz pedidos, que serão atendidos no que fôr possível.
Todos os “filhos de santo” fazem um juramento sagrado, por ocasião do seu transporte a um plano superior, na camarinha.
Feita a obrigação, o babalaô fica responsável pelos **otás** do pegí onde o iniciado foi feito. Joga-se o delogun para se saber o que há com o filho de santo ausente. Faz-se obrigação sempre que possível, para que o iniciado não tenha atropelos na vida. Em compensação, os iniciados assumem o compromisso de manter o pegí, com o auxílio possível.
O neófito está se preparando. O jôgo de búzios já mostrou qual o seu anjo-da-guarda, quais os orixás seus protetores.
Compra-se a roupa do ritual, inteiramente nova. A camarinha é separada do pegí. Nenhum raio de luz pode penetrar na camarinha, que fica interiramente às escuras. Arma-se um alá (toalha grande) bordado com os pontos riscados do orixá da obrigação. Debeixo do alá, estende-se uma esteira nova, sôbre a qual repousará o iniciado. A iluminação da camarinha consta de uma vela de cêra virgem ou de lamparina de azeite de mamona branca.
Horas antes de ingressar no recinto sagrado, o iaô (candidato à iniciação) toma um banho de descarga, pois na camarinha não pode entrar mulher menstruada ou homem com o corpo sujo de raleções sexuais. Depois, toma um pouco de óleo de mamona, para evitar as necessidades fisiológicas.
O padrinho e a madrinha da cerimônia estão presentes, em suas vestes do ritual. São ambos vichês de Umbanda, isto é, têm obrigação feita na lei, passaram pelas mesmas provas do afilhado.
Já então, o terreiro regorgita de convidados de alta categoria na seita. Chefes de outros terreiros – tatas, babalaôs, gangas, e pegí-gans, ogans, cambonos, etc. A cena é maravilhosa, de uma grandeza extraordinária.
Começa a cerimônia. Vestido de branco, acompanhado pelo padrinho e pela madrinha, o iniciando se despede dos cabeças maiores, das pessoas de sua família e de todos os presentes, e, num silêncio impressionante, é conduzido ao santuário. Descolço, salva o santuário, vai ao pegí, sempre ladeado pelo padrinhos.
No pegí, o iniciado se ajoelha defronte do balguidar onde está o **amací**. Canta-se a corimba própria para assentamento de orixá: três pontos para o orixá que vai ser assentado, três para o assentamento. Aí, o babalaô procede ao assentamento.
Quando acaba essa cerimônia, a madrinha coloca no iniciado a guia do orixá.
Tôdas essas cerimônias são realizadas com as palavras do ritual e o defumador correspondente.

Depois de receber a guia, o iaô bate cabeça defronte do otá, em reverência. O babalaô toca o **adejá** (campainha) e manda **adidé** (levantar). Então o iaô se ajoelha, toma a benção ao babalaô, à madrinha e ao padrinho, dentro do ritual, com as mão encruzadas. É levado à camarinha, onde fica sob os cuidados do cambono ou da cota, se fôr homem ou mulher.
Na camarinha, já defumada, há uma campainha com a qual o iaô chama o cambono ou a cota.
Tanto a entrada como a saída da camarinha se realizam à meia noite.
É preciso notar que as menores cerimônias na Umbanda são acompanhadas de pontos cantados próprios.
No dia seguinte à entrada do iaô, às 16 horas canta-se para o orixá da obrigação e defuma-se o terreiro. São 3 ou 7 pontos, acompanhados pelos atabaques e as palmas dos presentes.
O iniciado não toma café e sim chá, preparado pela **iabá** (cozinheira do culto).
A mesma crimônia se repete ao meio dia, às 18 horas e à meia noite, até completo o ciclo inteiro da obrigação.
No 2º dia, à meia noite, realiza-se a obrigação maior, que não pode ser revelada aos leitores. O cambono vai buscar o iniciado na camarinha e o coloca defronte do otá. Só entram no pegí o babalaô, o pegí-gan e o iniciado. O cambono da obrigação se retira e vai ao terreiro avisar ao ogan para que cante os pontos próprios da obrigação maior.
Nem o iniciando sabe as palavras proferidas na ocasião da grande cerimônia. Só depois, quando atingir o grau de babalaô, é que saberá.
No 3º dia, à meia noite, dá-se **obí** e **orobô** à cabeça, para dar força ao iniciando. Na saída da camarinha, há uma grande festa. Muita gente é convidade. A madrinha e o padrinho vão buscar o iaô. Êste, deixando a camarinha, bate cabeça defronte do otá, toma a benção ao padrinho e à madrinha e ao babalaô, bate cabeça no santuário. Ao sair da camarinha, o iaô é coberto pelo alá, juntamente com o padrinho e a madrinha. Os presentes atiram sôbre o iaô fôlhas de mangueira e cajá e batem palmas. À frente do cortejo, segue uma cota conduzindo uma toalha, para que o iniciado bata cabeça diante dos chefes de terreiro, salve seus irmão de seita. Depois, senta-se em uma cadeira especial, para receber os cumprimentos dos presentes.
Nessa ocasião é arriada uma comida de santo e dado aluá a todos os presentes. A festa continua até de manhã cedo, no meio das manifestações dos orixás, e das corimbas.
Uma obrigação dessa natureza custa muito dinheiro. Durante os dias em que se realiza, todos os presentes comem e bebem a custa do iaô.
Depois disso tudo, passado o período de resguardo (4º, 5º, 6º e 7º dias), é que o iniciado vai começar a aprender as **mirongas** de Umbanda!.
No 2º dia (obrigação maior), o iniciando perde o seu nome civil e recebe a **suna** ou **dijina** do seu anjo-da-guarda.
A iluminação da camarinha e do local dos otás é de azeite de mamona branca ou de vela de cêra. Em nossa seita é proibido usar vela de espermacete para fazer o **ebó** (despacho).
A obrigação do iniciando dura 7 dias, no omolocô. Compreende: no 1º dia, o assentamento; no 2º, a matança; no 3º, a quebração do **obi;** no 4º, 5º, 6º e 7º dias, o resguardo (não apanhar sol na cabeça, não ter relações sexuais, etc.).
No nagô, raspa-se e pinta-se a cabeça do iaô. No omolocô, faz-se a coroa, que é muito firme. Quem não sabe dirigir a cerimônia, pode causar até a obcessão do iniciando. Tôda a mironga da Umbanda está na cerimônia do assentamento.
No Congo, costumam raspar a cabeça, deixando no centro uma coroa circular.
Já se vê que ninguém pode se considerar **vichê de Umbanda** sem passar pelas provas de iniciação.
O filho de Umbanda tem dois nomes: o civil e o religioso. Por exemplo, um iniciado umbandista recebeu o nome de **Otô de Aguian**, na seita. Essa **suna** ou **dijina** (nome) quer

dizer: **filho de Oxalá Guian.** O povo de Umbanda, há séculos, esperava Oxalá Guian. No omolocô (Angola), o Deus Supremo é Oxalá Alufan, ou Zambiapongo. No nagô, é Olôrún. Oxalá Guian é o Oxalá novo esperado. Quando Êle veio ao mundo, uma estrêla mostrou o local de seu nascimento aos Reis Magos que o foram adorar. Na vida civil, deram-lhe o nome de **Jesus Cristo**. Êle é o filho de Deus, o Oxalá Guian que a Umbanda esperava, para ensinar que todos os homens são livres e iguais perante o Senhor do Universo!...
Para compor a suna, utiliza-se o primeiro nome civil, o pré-nome. Assim, o iniciado de quem tratamos ficou com a seguinte suna: **Bairotô de Aguian**. Na vida civil, é um advogado e jornalista que, depois de estudar o culto ameríndio, o esoterismo, o kardecismo, o ocultismo em geral, a teosofia, interessou-se pela Umbanda, por motivo de lações de sangue, pressentiu a Verdade e quis passar pelas provas da iniciação umbandista. Não desejava escrever como intruso e sim como filho da seita.
Damos mais algumas sunas interessantes: Zazezaze-mambembe, Tia Maria Bambochê, Gaia, Fabico Durumilá. Na África atual, existem ainda o Rei de Ketu, Adewori O Rei Adeyemi, 42° **Alafin** da Nigéria.

14. OBRIGAÇÃO A YEMANJÁ

Os antigos babalaôs, quando iam fazer uma obrigação a Yemanjá, preparavam flôres, fitas e sabonetes.
Eram escolhidas 3 ou 5 pessoas e levavam o presente a Yemanjá. Alugavam uma embarcação. Esperavam quando a maré estava na preamar para vazante.
Em litro ou jarro, traziam um pouco de água do mar, colhida quando a maré ainda estava enchendo. Diziam:

> **Olodê** – água venho buscar – pr´a meu canzó lavar – para dar-me oré para zacutá minha.
> Tudo com aba, ojareu, ô minha Mãe – por todos os filhos da minha Banda.

Entregavam o presente a Yemanjá e traziam a água do preamar, pois a maré enchente trás o bem e o maré vazante leva o mal. Davam banho na pessoa doente e iam despachar o resto do banho, dentro de uma garrafa branca, com pentes. O ebó era despachado na maré vazante.
Se havia alguém doente da pele ou de coceiras, pegavam a lama do mangue, esfregavam-na no doente, conservando-a assim durante 3 dias, passavam água do mar, depois água da terra (massa) e despachavam tudo em 3 embrulhos: 1º a água do mar era despachada na vazante; 2º com a água da terra faziam um ebó para Exu, com parati, mi-ami-ami; 3º deixavam o unguaia (parati) na encruzilhada. No terceiro dia, passavam **muginga** no **arecô** (corpo).
Essas cerimônias são feitas pelo otô-oxogum, que mata animais de 2 pés.

A pessoa que pretende algum benefício de Yemanjá encaminha-se para a beira do mar e aí bate palmas três vezes e diz:

“Yemanjá, se a senhora me ajudar no que desejo, eu vos dou um presente.”

É assim que Manoel Querino descreve um pedido a Yemanjá, com ligeira alteração na prece.
Atendida a súplica, o crente volta ao mesmo lugar com o presente que prometeu. Êsse ritual assume grenda importância hoje em dia, especialmente nas cidades litorânes como Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Há presente riquíssimos, levados em barquinho garridamente enfeitados de flôres. Enorme multidão se aglomera à beira-mar, entrando

numerosas pessoas descalças n´água. De ano a ano, aumenta no Brasil a devoção à Rainha do Mar.
O presente a Yemanjá se compõe de pentes para o cabelo, sabonetes finíssimos, favas brancas, frascos de perfumes, fitas e um leque. Temos visto **ebós** a Yemanjá preparados com um cerimonial magnificente, como o faz o babalaô Maurício, de Caxias, Estado do Rio. Os umbandistas, ao se encerrar o pote que contém os presentes, dão **adobá**, batem cabeça e lançando moedas no pote, fazem seus pedidos a Yemanjá.
As pessoas que moram à beira dos rios e lagos, quando necessitam de um benefício de Yemanjá, dirigem-se à margem do rio e aí fazem seus pedidos à poderosa Mãe d´água. À noite, ela aparece em sonhos e ordena o que convém fazer-se.
Conhecemos um "filho de santo" que, duas semanas depois de fazer uma oferenda a Yemanjá, recebeu a mensagem da Rainha do Mar por intermédio de uma mocinha, filha de estrangeiros e que nada entendia de Umbanda. A mocinha sonhou que uma linda moça saia do meio do mar, a meio corpo, com os cabelos soltos, e se dirigia em direção ao filho de santo, que se encontrava (no sonho) à beira da praia.

15. A VASSOURINHA DE EXU

Roupas de "santo" não se lava com sabão e sim com a "**vassourinha de Exu**". A vassourinha de Exu serve também para fazer o "mau olhado", tirar quebranto, etc.
Esta erva é de grande utilidade. Há épocas em que se encontra bem visçosa, em outras desaparrece a sua vitalidade, ficando murcha, sem fôlhas. Quando está viçosa, muitas pessoas a utilizam para lavar a cabeça, pois dá vigor e beleza aos cabelos. Quando, porém, está murcha, produz a calvície.
A vassourinha de Exu faz espuma como o sabão. Torna a roupa bem limpa. Sua fruta é pequenina e amarela e pode ser comida.
A nossa flora medicinal é riquíssima, mas não sabemos aproveitá-la convenientemente.
A Umbanda é depositária de muitos segrêdos dos antigos. Veja-se, por exemplo, o caso do poder curativo da água. No pegí há sempre umas talhas ou moringas, contendo água da chuva (ôminho), apanhada de acôrdo com o dia do orixá. Depois de consagrada, na forma do ritual, tem grande poder para aliviar os males dos que padecem.

16. O OXÔGUN

Oxôgun é a pessoa que sacrifica os animais nas grandes cerimônias do culto. O oxôgun sacrifica sòmente animais de 4 pés e o otô-oxôgun animais de 2 pés. O otô-oxôgun é ajudante do oxôgun.
A cerimônia do sacrifício dos animais é interessante, Tratando-se de pombo, galinha, etc., o otô-oxôgun torce lentamente o pescoço da ave até que morra. O animal de 4 pés (bode, cabra, etc.(é sacrificado com as duas patas dianteiras voltadas para a frente, não podendo o animal berrar, colocando-se um punhado de capim em sua boca. Enquanto o animal estiver mastigando o capim, faz-se o sacrifício.
Após à matança, tira o **aché**. Para a cerimônia, coloca-se o animal sôbre um pano vermelho e prêto, que também o envolve pela parte de cima. Um alguidar de barro recebe o sangue da vítima, que é cercada de velas acesas, de qualquer tipo.
Os animais são lavados antes da cerimônia e não devem estar doentes. Denomina-se **obé** a faca própria para a matança.
O ritual da matança pode ser feito com duas intenções: para o bem ou para o mal, pois no culto precisa-se conhecer a lei de eqüidade. Sòmente o oxôgun e o otô-oxôgun estão preparados para efetuar a matança.

No culto Nagô, **kelê** é a pessoa encarregada de raspar e pintar a cabeça dos **iaôs**, a fim de assentar o **obori**. O pessoal da matança é obrigado a estar em condições, isto é, com o corpo limpo. Se o animal berrar ou esparramar sangue pelo chão, a matança não serve.
O ritual do sacrifício é acompanhado de pontos cantados, como êste:

Aguê chororô no paô
Aguê chororô

Ou êste outro, no omolocô:

Reco-reco
Reco-reco
Olha o reco-reco.

Nem tôdas as pessoas podem assistir às cerimônias. Sòmente as que forem escolhidas.
Depois da matança, tira-se os pés dianteiros, a cabeça, o rabo, que são entregues ao oxôgun, para completar a cerimônia. O corpo do animal é, então, entregue à **iabá** (cozinheira) para preprararação da comida.

17. INCOMPREENSÕES E QUIZÍLIAS

Na época em que as autoridades confundiam Umbanda com bruxaria, a responsabilidade dos babalaôs perante seus convidados era muito maior. Nos dias de festa, a principal preocupação era segurar o terreiro contra o visível e o invisível. Assim, depois da recepção aos babalaôs convidados, o chefe do terreiro pedia-lhes que **zamburassem os búzios**, para se certificarem de que podiam brincar sossegados, sem a intervenção da polícia. Era motivo de grande vergonha para o babalaô se se verificasse a intervenção, quase sempre violenta, dos agentes policiais. Os comentários corriam de bôca em bôca e o mínimo que acontecia ao babalaô era ser considerado displicente, em virutde do descuido havido.
Hoje, já não acontece isso. Raramente, uma ou outra autoridade, desejosa de cartaz nos jornais, para fins políticos, entende de perturbar a vida das associações religiosas. Só mesmo os repórteres "focas", novatos no "metier", ainda confundem Umbanda com as práticas do curandeirismo.
Além disso, muitas atitudes podem ser explicadas pelo que se denomina de "quizília".
Há duas espécies de "**quizília**": a que acompanha a criança ao nascer, isto é, a do anjo-da-guarda; a outra, a da obrigação no culto.
Assim, há pessoas que têm horror a sangue, à galinha e outros animais; outras não podem comer determinada comida ou carne ou peixe; outras não podem aspirar certos perfumes ou loções; outros não podem ir a cemitério ou fazer velório; outras não podem fumar ou beber certas bebidas. Isso tudo é quizília, que a ciência oficial conhece sob o nome de "**alergia**", palavra hoje muito em moda.
Acontece, às vêzes, que a quizília de nascença não se manifesta até à data em que a pessoa daz "obrigação de cabeça". Se a quizília de nascença se apresenta depois da obrigação, passa a aser quizília do Orixá. O babalaô tem de explicar ao iniciado a quizília do seu anjo-da-guarda e as cerimônias correspondentes.
Há pessoas que não podem sentir o cheiro de qualquer defumador. Cada defumador pertence a um Orixá. Se se der a certa pessoa um defumador que não é o do seu anjo-da-guarda, não haverá o efeito desejado. A química astral tem suas **mirongas**. Certas falanges são invocadas com a **fundunga** (pólvora), que também serve para afugentar espíritos perseguidores.

As quzílias explicam muita coisa...

18. CONSELHOS PRÁTICOS

Já mostramos que a unidade do sentimento religioso teve sua origem na própria unidade fundamental da natureza humana. Em outras palavras, as idéias religiosas que nos parecem mais dessemelhantes apresentam traços comuns, pontos de contacto notáveis. A sabedoria antiga nos legou um vasto acervo de conhecimentos, adquiridos através dos séculos, com a observação dos fenômenos da natureza terrestre e da influência dos astros.
Baseados nas pesquisas do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, proporcionamos aos leitores umbandistas os seguintes conselhos práticos:

1º - a ocasião favorável para se começar o que deve durar muito tempo é quando a Lua está em Tauro, Léo, Escorpião ou Aquário (constelações);

2º - para se acabar logo uma tarefa, o comêço deve ser quando a Lua estiver nas constelações de Áries, Câncer, Libra ou Capricórnio;

3º - para que um ato fique em segrêdo, a ocasião favorável é 8 horas antes ou 8 horas depois da Lua Nova;

4º - para que um ato seja conhecido e comentado, deve ser feito 8 horas antes ou 8 horas depois da Lua Cheia;

5º - as plantas curativas (erva-euê-macaia) devem ser colhidas quando as hastes estão cheias de seiva, perto da Lua Cheia, e com preferência de madrugada.

19. COMO EVITAR EPIDEMIAS

A Natureza parece indecifrável, mas certas pessoas iniciadas nos mistérios antigos, conhecem alguns dos seus segrêdos. Os fenômenos da Natureza se realizam na época própria e são precedidos de sinais reveladores.
O homem procura imitar a Natureza, mas não o consegue como deseja.
Os sacerdotes antigos da Umbanda já sabiam quando a Natureza ia espalhar epidemias e pragas pelo mundo e tratavam de despachar **OMOLU**, para o mal não atingir seu povo.
Aqui no Brasil, por exemplo, quando Omolu baixava e anunciava que ai haver uma epidemais, despachavam-no com milho-alho. Faziam sua pipoca, com azeite de dendê, etc.
Se, por exemplo, era tempo de febre, arranjavam uma garrafa d´água, vinho branco, palha de milho e um pão. Levavam o doente para junto de um pedra e lá passavam a palha de milho pelo seu corpo; e depois colocavam a palha em cima da pedra, dizendo as seguintes palavras:

“Esta palha é para você se deitar”

Em seguida, bebia um pouco d´água e colocava a garrafa com o resto do líquido junto da palha de milho, dizendo:

“Esta água é para você beber”

Depois, fazia o mesmo com o pão, dizendo:

“Êste pão é para você comer”
“Fica tudo aí para o primeiro que vier.”

Terminado o despacho, o doente era conduzido para casa, encruzado, e então tomava o remédio necessário.
Isso, quanto os afro-brasileiros. Os índios, na época em que os cientistas lutavam para debelar a febre palustre, defumavam, para evitar a entrada do mosquito, e passavam pelo corpo um medicamento mal cheiroso, com base no **urucu**. Dormiam pendurados nas rêdes, longe do chão, costume êsse que ainda é praticado pelos nortistas.

Na flora brasileira, há muitas ervas curativas. Um oficial do Serviço Geográfico, abrindo picada a facão, nas fronteiras, foi mordido por um mosquito. No momento, cortava um cipó,de cuja extremidade saia um líquido branco e leitoso. Instintivamente, passou a mão impregnada dêsse líquido no lugar atingido. Tempos depois, notou que não mais nascera pêlos na parte do rosto molhada pelo aludido líquido.

20. VISSUNGOS

Os **vissungos**, ou cantos populares, não fazemparte pròpriamente do ritual, mas alguns dêsses cantos podem ser utilizados no terreiro. É o caso dos cantos da manhã e do meio-dia.

CANTO DA MANHÃ

Purrú! Acoêto? – Caveia?

Galo já cantou, rê rê
Cristo nasceu
Dia ´manheceu
Galo cantou.

Galo já cantou, rê rê
Cacariacô.
Cristo no céu
Galo já cantou.

CANTO DO MEIO-DIA

Andambí, ucumbí u atundá
Squerendê,
Ucumbi a uariá
Andambí ucumbi u utundá

(O cantador avisa a cozinheira de que o Sol já está muito alto, e é hora, pois, do almôço.)

21. O MISTÉRIO DAS PEDRAS VIVAS

Dizia o genial alemão Goethe que há entre o céu e a terra mistérios que a nossa vá filosofia ignora. Com a sua poderosa mentalidade, Goethe pressentiu a existência de fenômenos inexplicáveis, de casos assombrosos, de enigmas tremendos. A sua imaginação de poeta vislumbrou alguma coiusa além do visível aos nossos grosseiros sentidos.
De forma elegante, exprimiu êle o que era do conhecimento dos sábios e sacerdotes antigos. A Natureza esconde bem os seus segredos e apenas os iniciados conseguem a explicação sobrenatural de fatos surpreendentes.
É o caso das **pedras-vivas**, que parecem contrariar tôdas as leis naturais. Entre essas pedras vivas, destaca-se a **pedra de Sevá**, que é encontrada na fronteira entre o Brasil e o Peru.
Pesada como chumbo, a pedra de Sevá é cabeluda e se alimenta de ouro e prata. Não dissolve nenhum outro metal. Arrepia-se tôda quando, ao lhe oferecer ouro ou prata, a

pessoas faz o seu pedido. Outra particularidade é que a pedra de Sevá se reproduz, dando origem a outra semelhante. Além disso, morre, caindo-lhe os cabelos, como se fôsse um ser humano.
Por tôdas essas qualidades excepcionais, a pedra de Sevá é zelosamente escondida de olhares indiscretos ou profanos. Dá muita felicidade ao que a possui, mas deve ser bem tratada, sob pena de acarretar calamidades.
Há, no mercado, imitações da pedra de Sevá, mas não tem a fôrça da verdadeira.
Outra pedra-viva é a **pedra-barômetro**. É de côr encarnada e branca, porém muda de côr quando está para chover ou vir tempestade. Quando vai acontecer alguma desgraça ou contrariedade ao seu possuidor, fica embaciada. Só falta falar.
O assentamento desses pedras-vivas é feito no algodão.

22. MUCANDA CANGONGO

Segundo a maioria dos pesquisadores, a circunscisão é um rito de iniciação dos povos de Angola. Significa a consagração, por sacrifício sangrento, da vida sexual a que o jovem vai ser admitido.
Foi introduzida na África pelo judeus e difundida pelos egípcios. Na tribo "quioca", a circunscisão é um rito de iniciação na vida sexual e na vida social.
Começa de Maio a Agôsto, na primavera, em noite de Lua Nova, e dura de dois a doze mêses, conforme as tribos. A idade dos candidatos varia de 8 a 18 anos.
Durante a **mucanda** (ritual de circunscisão), o rapaz recebe a orientação do que vai necessitar no campo material e espiritual. Quem revela os segredos da mucanda será condenado à morte.
As mães entregam os filhos, que dentro de um ano regressarão "para serem recebidos ao som alegre das **gomas puitas de climguvos**". Nesse dia, faz-se o maior batuque da lunda. Então, aos rapazes é dado conhecer e experimentar os prazeres do amor. Já podem escolher mulher, porque já são homens!
Os meninos ou rapazes despedem-se da senzala, ao som do batuque, são entregues aos parentes que os acompanham na mucanda. Então o soba (chefe da tribo) declara em altas vozes que vai ter início a sagrada cerimônia da circunscisão!
Ao entrarem na bamba – **local da circunscisão** – os rapazes perdem seu nome. Depois da mucanda, recebem outro, definitivo.
Durante as cerimônias da mucanda, são chamados **ovindandas**. Os ovindandas (em número de 50, em geral) entram na **bamba** acompanhados:

a) pelo **quimbandas**, curandeiros, médicos operadores;
b) pelos **muquixes**, símbolos dos espíritos que velam pela mucanda;
c) por um parente de cada ovindanda, seu companheiro, enfermeiro, guial espiritual e educador, nos 12 meses de aprendizagem na Escola da Vida.

Depois da entrada na bamba, no meio de barulho infernal, música e gritos, os quimbandeiros, ajoelhados juntos aos ovindandas, fortemente agarrados pelos ajudantes do operador, praticam a circunscisão, usando, para êsse fim, de uma faca muito afiada, especial para o ato, conforme descreve um escritor português.
Os tan-tan dos tambores e os gritos dos homens abafam os gritos de dor dos ovindandas, para que os outros candidatos não os escutem.
Nas senzalas além da floresta, muito longe, as **gomas** e **chifugos** tocam sem cessar, para anunciar a todo mundo a realização da cerimônia sagrada da **mucanda**.
Á medida que se vão fazendo as operações e depois dos quimbandas desinfetarem o local da incisão com cinza e farinha de mandioca, o que faz estancar o sangue, os parentes dos

ovindandas, um após o outro, tomam conta dos operados que são logo conduzidos para longe da **bamba**.
Depois da operação, os circunscidados bebem **bemba**, um calmante de sabor muito agradável. Os rapazes operados passam a noite ao ar livre, deitados no chão, sob a cacimba que cai ineinterruptamente até o romper da aurora, acompanhados sempre pelos parentes, aos quais, segundo revela o escrito citado, não é permitido dormir naquela noite, para que não descurem os serviços de assistência e enfermagem aos circuncidados.
É de notar que há duas espécies de circunscisão: a simples ou comum, e a completa, destinada aos que desejam seguir a vida de sacerdotes.

23. A FESTA DO ONGOMBE

Os sociólogos denominam **zoolatria** o culto prestado a certos animais. Mesmo entre os Egípcios, com sua alta civilização, prestava-se homenagens especiais, de fundo religioso, ao **boi Ápis**.
No Brasil, ainda se observam sobrevivências toêmicas ligadas ao boi (**ongombe**, em africano). Sôbre os assuntos, escreve o mestre Artur Ramos: “Não aconteceu a mesma coisa, porém, com o totemismo de procedência bantu, principalmente o **totem do boi**, que sobreviveu de maneira decisiva, no Brasil, reforçado por temas anólogos do folclore caboclo dos vaqueiros de influência ameríndia, em certos pontos do nordeste e centro brasileiros. O tetemismo do boi é largamente disseminado entre vários povos bantus, onde, em algumas tribus, toma um aspecto francamente religioso. Os Ba-Naneca têm uma cerimônia especial, por ocasião das colheitas, quenado prestam um verdadeiro culto a um boi a que chamam de Geroa. Êste boi é conduzido processionalmente nesses dias, e festejado com cântigos e certos instrumentos especiais a êle consagrados”.
O coronel Salustiano Correia, assim descreve a festa do Boi Geroa (branco e prêto), que é acompanhado por outro boi, chamado **Xicaca** e por uma vitela, a **Tembo-onjuo**: “No tempo ou no fim das colheitas, de julho a agôsto, que é quando para êles termina o ano, e com o aparecimento da manova, é conduzido processionalmente o Boi Geroa e seus companheiros, Xicaca e Tembo-onjuo, desde a residência de Mueno-Hambo até à do Hamba, distância que nos Gambos é de umas sete léguas, servindo-lhe de cortejo um numeroso acompanhamento de donzelas enfeitadas na cabeça com grandes enfiadas de bagos de várias sementes, e de homens com as caras pintadas de um barro branco a que dão o nome de **peio**, e que significa felicidade. Na residência do Hamba, primeiro o Mueno-Hambo, depois aquêle, chegam à bôca do Boi Geroa o pó de uma casca de árvore bastante amarga e que dão, por isso o nome de **bungarulo**; se o boi lambe, é um bom agouro, e o Mueno-Hambo recebe logo tôda a sorte de felicitações e obséquios de tôda a gente; se o não lambe é mau presságio, e nesse caso o Mueno-Hambo deve pagar com a vida aquela predição funesta”. Segue-se, depois, o discurso do maioral do povo e uma dança em honra das mulheres.
Diz o autor de “O Negro e o Garimpo em Minas Gerais” que, entre as tradições religiosas locais em S. João da Chapada, Diamantina, conserva-se até hoje a do “Boi do Divino”. No dia da festa do Divino, os criadores oferecem bois que são mortos e a carne distribuída entre o povo, em nome do Divino. No Maranhão, ainda vigora a festa do Bumba-meu-Boi, durante os festejos juninos, com fogueiras, cânticos, representações cênicas, etc.

24. FUNDAÇÃO DE UM TERREIRO

A fundação de um terreiro, **abacé** ou **pegí**, é cercade de uma série de formalidades muito longas e minuciosas.

Conforme já dissemos, o último grau da hierarquia sacerdotal na Umbanda é o de **babalaô, babaorixá, tata** ou **ganga**, de acôrdo com a nação ou a linha. A aprendizagem do babalaô dura muitos anos e prossegue mesmo depois que ele recebeu o grau superior, o **decá**. Todos nós morremos aprendendo.
Depois que o candidato a babalaô recebeu a **mão de faca**, a **mão de búzio** e realizou as **sete cerimônias secretas**, então ele têm licença para abrir o seu terreiro próprio.
O primeiro assentamento que faz, no seu terreiro, assentamento de pedra (**batequé** ou **otá**), é o seu próprio, isto é, do seu anjo-da-guarda. No terreiro, há, geralmente, o santuário católico e o assentamento africano, conforme dissemos em livro anterior.
Sòmente após fazer sete iniciados, o babalaô passa a ser considerado **chefe de terreiro**, Os sete iniciados terão a categoria de "cabeças maiores" do terreiro. Juntamente com o babalaô, cabe-lhes providenciar os recursos necessários à manutenção do terreiro, que aliás, é custosa. Há dias marcados para as sessões: sessões da diretoria, sessões de desenvolvimento, dias de consulta.
Nessas sessões, os filhos do terreiro receberão tôda a assistência espiritual.
Se acontecer falecer o babalaô, os cabeças maiores se reúnem, jogam os búzios e decidem afinal sôbre o destino do terreiro. O **delogun** resolve quem deve tomar conta do terreiro.
Um aviso, porém, deve ser consignado: - quem pensar que pode ficar rico à custa do orixá, está enganado.
Cada qual deve se conformar com aquilo que receber, cumprindo a sua missão, embora com sacrifício.
Os umbandistas sempre conheceram as leis da natureza, tanto faz em uma casa de sapê como em um palácio. A aprendizagem de babalaô é longa, difícil, e exige vocação, mas conduz o indivíduo à sabedoria, que não se adquire só nos livros.

25. A LINHA DAS ALMAS

O chefe da Linha das Almas é Dom Miguel, que no sincretismo católico-umbandista, corresponde ao arcanjo São Miguel.
A Linha das Almas, da Umbanda, é a legião de todos os espíritos dos cultos africanos. Possui grande fôrça, porque trabalha em tôdas as linhas. Os **eguns** e os **cacarucais** constituem os elementos dessa linha.
Nessa linha, não se usa o jôgo de búzios, mas o espelho psíquico e a raiz de ervas, como a guiné, o milhomem, etc.
Na Linha das Almas, não baixam orixás, mas espíritos desencarnados e espíritos da Natureza, que não são orixás. Os seus apetrechos são: tijela branca, rosário, crucifíxo e cachimbo (caximbi).
Quando arriado, o espírito da Natureza bate e geme no peito. Não fala. Dá fortes gritos.
Êsses espíritos são chamados para **sakaanga**, isto é, para desfazer o mal, e destruir malefícios enterrados. Praticam também operações invisíveis.
Nessa linha, faz-se defumador forte, de guiné, pau d´alho e outras ervas. Tratam seus parceiros de **kamba** (homem) e **mucamba** (mulher). Êsses protetores sempre trabalham com a vela acesa na frente, pois os seus "cavalos" às vêzes não abrem os olhos. Os elementais, ou espíritos da Natureza, quando manifestados na terra, perdem sua visão.
Trabalham com o vinho (Sangue de Cristo) ou erva quinada, servindo esta também de garrafada de remédio. Os elementais sempre se acompanham de 3, 4 ou 9 almas.
O ponto riscado é o dos gráficos anexos, com vela e copo. O punhal denomína-se "ponteiro".
Existem, hoje, vários terreiros de Omolocô cruzados com as Linhas das Almas. Quando o iniciado vai fazer obragação na Linha das Almas é **coroado**. Usa vestes brancas.

Damos, abaixo, os principais pontos cantados na Linha das Almas:

1. (para abrir os trabalhos)

Ah, é Dom Miguel
Dom Miguel das Almas
É Dom Miguel
É Dom Miguel
Quem abre caminho
É Dom Miguel
Dom Miguel das Almas

2.

As almas santas benditas
Venham me ajudar
As almas do Livramento
Venham me ajudar

3.

Ô Divino, ô Divino
Ô Divino, ô Divino
Que venha me ajudar.

4.

São Benedito Foi cozinheiro
Hoje êle é santo
De Deus verdadeiro.
Aruê, minha São Benedito
São Benedito, valei-me nesta hora.

CAPÍTULO IV
OS CULTOS AMERÍNDIOS

OS CULTOS AMERÍNDIOS
(A LINHA DE JUREMA)

Ypirungáua ramé intimahá pituna;
Ara ánhum opain ara opopé.
Pituna okeri oikó jwipe.
Intimahá sooitá; opain mahá onheen

Tradução do nhencatu: "No princípio não havia noite; havia sòmente dia em todo tempo. A noite dormia no fundo das águas. Não havia animais; tôdas as coisas falavam".

A! xé ánga... hu emoté i Yara.
(A minha alma engrandece o Senhor)

OS CULTOS AMERÍNDIOS

Em nosso livro anterior – "Doutrina e Ritual de Umbanda" – demos um esbôço sôbre os cultos ameríndios.
Observamos, nos terrreiros que trabalham com os caboclos índios, um quase completo desconhecimento dos costumes brasileiros, de sua linguagem e de suas idéias religiosas.
Isso acontece porque os médiuns não se desenvolvem, por falta de quem os treine para a missão que receberam. Em um terreiro onde estávamos de visita, em Embariê, no Estado do Rio, baixou um índio, que, por absoluta incapacidade do médium, nem sequer correspondeu à nossa saudação em língua tupi.
No intuito de ajudar êsses nossos irmãos, passamos a lhes ministrar algumas noções sôbre os costumes e o modo de vida dos índios brasileiros, acrescidas de um pequeno vocabulário do **nheêncatu**, isto é, da língua boa ou geral, compreendida mais ou menos por tôdas as tribos tupis.

1. OS AMERÍNDIOS

A 12 de outubro de 1942, o navegante genovês Cristóvão Colombo, a serviço da Espanha, desembarcava na ilha Guanahani, no Oceano Atlântico, e descobria um novo continente – a América.
Assim rezam as crônicas. Antes dêle, entretanto, outros navegadores estiveramo no continente americano. É de crer mesmo que houvesse um certo intercâmbio entre o nosso continente e os demais. 500 anos antes de Colombo, os vikings, nautas noruegueses de fama, chegaram à América. O viking Leif. Erokson, acossado por forte tempestade, desembarcou em uma terra estranha que produzia trigo e vinha selvagem. Leif deu-lhe o nome de Gode Vinland (o Bom País do Vinho).

Séculos depois, os espanhóis encontraram na América vários povos, alguns atrasados, outros desfrutando uma respeitável civilização. Dêstes últimos, destacam-se os Aztecas no México, os Quíchuas no Peru (Incas eram apenas os reis e príncipes), e os Mayas na península de Iucatan. As civilizações azteca e incaica, embora superiores às dos outros povos americanos, eram de caráter diferente. O império do Peru abrangia as atuais repúblicas do Equador, da Bolívia e do Chile, na época do descobrimento. A monarquia dos Incas nasceu no vale de Cuzco que ficou sendo a capital dêsse império de adiantada constituição social.
Os conquistadores ibéricos tudo destruíram. Cidades inteiras foram arrasadas; centenas de milhares de americanos pereceram às mãos dos guerreiros de Pizarro.
Quem eram os homens que habitavam a América pré-colombiana. Seriam autóctones? Teriam os seus antepassados vindos das ilhas da Oceania? Descenderiam de mongóis que porventura atravessassem o estreito de Behring, passando com facilidade pelas ilhas que ficavam situadas nesse estreito?
Há também quem pense haver a América povoado os demais continentes, tendo sido o berço da humanidade.
Por nós, adotamos o ponto de vista das Ciências Ocultas, isto é, achamos que a América, especialmente o Brasil, foi o berço da 1ª raça-raiz de características idênticas às do homem atual. Essa 1ª raça-raiz corresponde à 3ª raça-raiz do Ocultismo, visto como as duas primeiras eram constituídas de sêres espirituais.
Passemos agora à descrição do tipo americano. A coloração média da pele é cobreada, às vêzes côr de canela. Mas o Anambés, tupis do baixo Tocantins, apresentam côr branca. Na época do descobrimento, havia aqui na América, segundo diz o general Couto de Magalhães, duas raças: uma, que é tronco, a vermelha, cuja existência remota a muitos milênios; a outra, cruzada com raças brancas. É interessante como a opinião dêsse cientista coincide com a do Ocultismo.
Fìsicamente, os cabelos dos americanos são "longos, lisos, negros, rígidos. As sonbrancelhas e os cílios são espêssos, mas a barba, os bigodes e os pêlos da superfície do corpo são raros. Os olhos, pequenos, e as pálpebras ora oblíquas, como entre povos asiáticos, ora horizontais, como entre os europeus. As arcadas superciliares são mais desenvolvidas do que no tipo mongol. O nariz, algumas vêzes asiático, é às mais vêzes forte, proeminente, recurvado e mesmo aquilino. As narinas, dilatadas. As maçãs são salientes, o rosto é arredondado ou triangular, os maxilares são pesados, a bôca é grande, os dentes são verticais e um pouco sujeitos à cárie".
Êsse é o tipo geral. Os ameríndios, qualquer que seja o clima, apresentam uma semelhança de conjunto, de contextura das partes do corpo, diferindo especialmente na estatura e na corpulência. Os Bororós, os Carajás e os Caiapós são os mais altos. Os Auetós, os Parecis, os nauquás e os Iamamadis, são os mais baixos.
A resistência física do ameríndio é notável.

Consideremos a vida social dos ameríndios, particularmente a do selvícola brasileiro, o habitante do **Pindorama** (nome tupi do Brasil).
O prof. Max Schmidt, citado por A. J. de Sampaio ("Biogeografia Dinâmica") studa em "O Direito dos Selvagens Tropicais da América do Sul", a
Organização jurídica da população. "Dominam, mais ou menos cruzados, os três princípios sucessivos, na evolução da humanidade:

a) o **totemismo**. Divisão da tribo em vários grupos (totens). Um homem de um totem não pode casar-se com mulher do mesmo totem, havendo casos de acôrdo entre alguns totens, para que o casamento entre êles se realize. **Cada totem toma o nome de**

uma ave e a considera sagrada, admitindo que os que morrem se transmudam em tais aves.

b) o **princípio patriarcal**. "É grande o poder do chefe no seio da família, na sua cabana; o filho que se casa torna-se independente ou passa para a família do sôgro". Todavia, ainda hoje há no Amazonas uma tribo onde o regime vigente é o do matriarcado.

c) o **princípio territorial**. Nas aldeias, cada chefe de família é chefe de sua choupana; os chefes de família escolhem um para chefe de aldeia (tucháua), que representa esta nos atos externos.

Internamente, dirige os plantios e tôda a economia comum, as pescarias, a caça, os acampamentos e as trocas ou negócios para a comunhão.

Em uma tribos há hereditariedade do cargo de chefe, em outras, não; no Xingu, se é herdeira, a chefia passa ao irmão da viúva, até que a herdeira se case e o marido desta passa a ser o chefe; em algumas tribos há subchefe.

O feiticeiro ou **pagé** limita mais ou menos o poder do chefe, dirige as cerimônias da puberdade e, de regra, dá nomes aos meninos; perambula pelas aldeias e toma parte nas assembléias que decidem negócios, partidas de caça e pesca, expedições de guerra ou execuções."

Havia tribos ainda nômades, errantes, enquanto outras já possuíam residência fíxa. As cabanas eram às vêzes de forma alongada e outras de forma circular. As portas eram baixas, de tal modo que só se podia entrar curvando-se ou arrastando-se sôbre as mãos. Havia, no entanto, casas bastante grandes para alojar oitenta ou cem pessoas. Diversas famílias habitavam sob o mesmo teto.

Sôbre as relações entre os indivíduos datribo, o cavaleiro Pinto, muito viajado no "hinterland" bransileiro, informa: "A idéia dos naturais do Brasil é que se alguém cultivou um campo, deve gozar sòzinho de seu produto, sem que outrem possa pretendê-lo. Tudo o que um indivíduo ou um família consegue na caça ou na pesca pertence de direito a êsse indivíduo ou a essa família, sem que seja obrigado a partilhar com quem que seja, excepto com os caciques ou com algum parente doente. Se alguém da aldeia entra em suas cabanas, pode sentar-se e comer sem pedir permissão, mas isso é consequência de seu princípio geral de hospitalidade; porque eu jamais me apercebi de que êles partilhassem a colheita de seus campos ou o produto de sua caça, o que teria podido considerar como resultado de qualquer idéia de comunidades de bens".

Quando alguém abandona um terreno que cultivou, outra pessoa pode ocupá-lo.

2. DANÇAS GUERREIRAS E RELIGIOSAS

Nas danças guerreiras ou religiosas, os índios costumam se embriagar. Dizem: "**Xá ú putari cauin"** ("eu quero beber cachaça"). Mas as mulheres não podiam tomar parte na festa. Preparam o licor cauin – extraído, no Brasil, da mandioca. Servem-nos aos convidados e tomam cuidado com os parentes, quando êste caem embrutecidos pelo alcóol. Tal a função das mulheres em tais festas. Há tribos, entretanto, em que as mulheres podem beber.

"Tratando de "A vida dos índios Guaicurus", Emílio Rivasseau dá um depoimento interessante. A mulher, embora em tôdas as tribos lhe estejam atribuídos os trabalhos mais duros e mais penosos, não perdeu sua natural sentimantabilidade. O casamento na tribo é a união livre e voluntária, embora às vêzes possa resultar das conveniências. As mulheres, além de tatuagens no corpo e o rosto, usam colares, pulseiras, penduricalhos e fiversos brincos, com os quais se enfeitam. São as mulheres que vão procurar tôda a lenha e buscar água. Fabricam diversos utensílios de cerâmica. Tratam da roça, que para plantar, quer para fazer a colheita.

Todo membro da tribo deve obediência passiva ao cacique, ou capitão, e também ao pagé ou **piaga**, que é o padre, o médico e o feiticeiro.
Gilberte Freire, citado por Estavão Pinto ("s Indígenas do Nordeste") enumera os seguintes complexos culturais indígenas, que influiram na vida econômica e social do povo brasileiro:
a) o uso da rêde; b) a lavoura e o preparo de certos alimentos, como o aipim, o milho (e seus sucedâneos), o cará, o inhame, o amendoim, o gerimu, o mamão, o ananaz, o caju, inúmeras nozes e castanhas silvestres, e, sobretudo, a mandioca de que se fabricava o cauin, ou cauaba, a farinha de água, a farinha sêca, ou de guerra, a carimã, a papa, o mingau, o beiju, o bolo de macapatá, a tapioca, a passoca, que se misturava ao peixe ou carne pilada; c) o moquém, amixira; d) a moqueca, a pimenta; e)a indústria extrativa das resinas, gomas (o breu, a copaibarana, a almécega, a imburana), tanino (o angico, a jurema), corantes ou tintoriais (o pau-Brasil, o urucu, a tatajuba, a chica, o genipapeiro, o axuá), óleos, fivras téxteis (o tauari, a embira, o algodão, o tucum, a piassava, o caragotá); f) os materiais de construção (o cipó, o sapê, as palhas); g) as drogas e mezinhas, a saber, o jeticucu, ou batata de purga, a ipecacuanha, o caapiá (malvarisco dos portuguêses), o tataracu (fedegoso ou crista de galo), a copaíba, a erva-santa, o camará, o guarquim ou erva-moura; h) o gôsto pelo banho de rio; i)os utensílios de uso doméstico, como sejam os balaios, os samburás, as gamelas, as cuias, a esteira de pipiri, as quartilhas, as peneiras, o pilão, os potes de água, as rapadeiras de côco, o girau; j) a coivara; k) os intrumentos de caça e pesca (a igara ou ubá, o bodoque, o juquiá ou côvo, a arataca, o pari, o curral, o tinguí, o mundéu ou arapuca, o fojo, a tarrafa, a fisca, o jerecá; l) a disposição das choças; m) muitas lendas, supertições, folguedos e danças populares; n) o costume de a mulher não aparecer aos estranhos; o) os têrmos incorporados na nossa língua; p) finalmente a imprevidência e tristeza do brasileiro.

3. A SAUDAÇÃO EM TUPI E OS GÊNIOS PROTETORES

O chefe de terreiro da Linha de Jurema deve preparar os "médiuns" que recebem oc "caboclos" tupis ou tapuios. Êsses "caboclos" foram, geralmente, velhos **pagés** ou **piagas**, cuja função na tribo era correspondente à de **babalaô**.
O princípio superior, na religião dos selvagens brasileiros, é **Tupã**, correspondente a Zâmbi ou Olôrún. Há ainda três divindades superiores: **Guaracy** (o Sol), criador de todos os viventes; **Jacy** (a Lua), criadora de todos os vegetais; e **Perudá** ou **Rudá**, o deus do amor, encarregado da reprodução dos sêres criados.
Cada um dêsses três tem a sua falange de deuses menores; cada um dêsses deuses menores dispõem, por sua vez, de sua falange própria. No final, cada lago ou rio, cada animal ou vegetal, tem seu gênio protetor, sua mãe. O Sol é a mãe dos animais, A lua e a mãe dos vegetais.
Todos êsses espíritos são benéficos. **Jurupari** é, como Exu, não pròpriamente o Satanaz, mas um agente mágico. **Anhanga** protege os animais terrestres contra os índios que desejam destruí-los inùtilmente. **Curupira** é o molequinho que fuma. **Cahapora** é descrito como um homem colossal, de corpo peludo, montado em um porco do mato, e que atraia a infelicidade para quem o olhasse. **Guirapuru** é o espírito protetor dos pássaros. **Boitatá** protege os campos contra aquêles que os incendeiam.
Quando baixa em um terreiro de Jurema um caboclo ou pagé saúda os presentes da seguinte maneira:

Iané coema (Bom dia).
Iané caruca (Boa tarde).

Iané pitúna (Boa noite).

Isto, conforme a hora em que se manifesta. Os presentes respondem:
Indaué (desejo a mesma). Pergunta-se: **Maitá reçaçáu** (como passa?) A resposta: **Ce catundé** (Bem). **Reiké reuapica. Áhata remunhã reikó?** (Entre e assente-se: o que está fazendo?) **Xá uíre ne pire** (Venho ter com você).
Pergunta-se: **Indé reçó ãna?** (Você já vai?) Resposta: **Ixé xá çó, ãna: reçarú xínga ixé** (Eu já vou, espere-me um pouco).

CAPÍTULO V

LENDAS E EPISÓDIOS

1. A LENDA DA PEMBA

A pemba é um material freqëntemente utilizado nos terreiros de Umbanda, em festas, reuniões e cerimônias. Os pontos dos orixás são riscados com pemba. Diz-se que o pó da pemba, espalhado na casa, evita a entrada de elementos malfazejos. Mistuado ao pó de arroz, e pôsto nas faces das moças, atrai simpatias. Um pedido escrito com pemba, atrás da porta, é atendido.

Qualidades da Pemba

A pemba legítima deve possuir as seguintes qualidades:
1ª deve ser bem lisa e macia;
2ª deve ser leve e riscar fàcilmente sôbre qualquer superfície, menos envernizadas ou vidros;
3ª é frágil e fàcilmente quebradiça.

A pemba é preparada com o pó extraído dos Montes Brancos Kabanda e água do Rio Divino U-Sil, e conduzida ao mercado de Lagos, na África do Sul.

Origem da Pemba

Um dos maiores exportadores da pemba é Ali-Bem-Itah, descendente de Li-U-tab, da Tribo de Umbanda. Em um dos seus folhetos, assim descreve a lenda da Pemba:
"M. Pemba era o nome de uma gentil filha do Soba Li-U-Thab, soba poderoso, dono de grande região e exercendo sua autoridade sôbre um grande número de tribos.
M. Pemba estava destinada a ser conservada virgem, para ser oferecida às divindades da tribo; acontece, porém, que um jovem estrangeiro audaz conseguiu penetrar nos sertões da África e se enamorou perdidamente de M. Pemba.
M. Pemba, por sua vez, correspondeu fervorosamente a êste amor e durante algum tempo gozaram as delícias que estão reservadas aos que se amam.

Porém não há bem que sempre dure. O soba poderoso foi sabedor dêstes amôres, e, em uma noite de luar, mandou degolar o jovem estrangeiro e jogar o seu corpo no rio sagrado U-Sil, para que os crocodilos o devorassem.
Não se pode descrever o desespêro de M. Pemba; e, para prova de sua dor, esfregava tôdas as manhãs o seu lindo corpo e rosto com o pó extraído nos Montes Brancos Kabanda. À noite, para que seu pai não soubesse dessa sua demonstração de pesar pela morte de seu amante, lavava-se nas margens do Rio Divino U-Sil.
Assim fêz durante algum tempo, porém, um dia, pessoas de sua tribo, que sabiam desta paixão de M. Pemba, e que assistiam ao seu banho, viram com assombro que M. Pemba se elevava no espaço, ficando em seu lugar um grande quantidade de massa branca, lembrando um tubo.
Apavorados, correram a contar ao soba o que viram; êste, desesperado, quis mandar degolar a todos, porém como êles houvessem passado nas mãos e corpo o pó deixado por M. Pemba, notaram que a cólera do soba se esvaía e êle se tornava bom, não castigava os seus servos.
Começou a correr a fama das qualidades milagrosas da massa deixada por M. Pemba, e, com o nome simples de PEMBA, atravessou muitas gerações, chegando até nossos dias, prestando grandes benefícios àqueles que dela se têm utilizado."

2. A LENDA DO PAI MANUEL DA LUZ

Pai Manuel da Luz foi um africano vindo da África nas primeiras levas aqui chegadas. Arrematado em leilão, seguiu ruma à cidade de Sâo paulo. Em sua pátria, tinha o nome de **Abuetê**, de Congo, e desembarcou no Brasil com 30 anos de idade.
Os seus senhores eram nobres. O Visconde Manuel, muito bom cristão, mandava ensinar o catecismo aos escravos, obrigando atodos a se confessarem.
Na senzala, como Abuetê era um quibandeiro curador e conhecia profundamente as virtudes das ervas, desfrutava grande prestígio entre os seus irmãos de raça.
Quando algum escravo estava agonizante, Abuetê, na sua qualidade de sacerdote africano, ia falar com o Visconde Manuel para lhe comunicar a notícia. O Visconde respondia-lhe sempre: “Dá luz, Abuetê”.
Ora, antigamente os escravos tomavam o nome de seu senhor. Abuetê passou a chamar-se “Manuel Abuetê”. E como êle acendia a vela aos agonizantes, todos o chamavam: “Pai Manuel da Luz”, porque era sacerdote.
Mas um dia, Abuetê foi arrolado no inventário dos seus senhores e coube a outro senhor, Guilherme, um homem mau, ajudado por um capataz ainda pior. Poucos escravos suportatram as perversidades do novo capataz. A maioria foi fugindo, abandonando a senzala, e Abuetê acompanhou os seus irmãos de sofrimento.
Afinal, foi prêso e levado à presença do senhor, que lhe perguntou: “Negro, tu não sabes que me pertences? Não sabes o que acontece com os escravos que fogem?”
Abuetê respondeu corajosamente: “O meu corpo torturado pertence a Vossa Mercê, mas a minha alma pertence ao Criador”.
Enfuraceu-se o malvado e disse: “Prêto feiticeiro, vou mostrar o que posso te fazer”. Aí, chamou o capataz e ordenou: “faça com êsse negro o que entender”.
O capataz cumpriu rigorosamente as ordens recebidas. Como se tratasse de um escravo com as pernas defeituosas pelas torturas sofridas, resolveu queimá-lo vivo, amarrado a um tronco de árvore, sôbre um monte de capim **marombé**. Nauqlea noite lavrou um grande incêndio. Nesse lugar, o tronco do suplício de Pai Manuel da Luz nunca deixou de fumegar durante muitos anos.

Certa ocasião, o fazendeiro e o seu capataz passavam pelo local do martírio, quando assombrados, viram o tronco fumegante. Então o capataz relembrou: “Foi aqui que eu queimei aquêle maldito negro feiticeiro”.
Imediatamente, ouviu-se um grande estrondo e apareceu o espírito de Pai Manuel da Luz, com a coroa de **dandá (*)**
Todos fugiram. Mas os escravos cantaram logo:

> “Pai Manuel da Luz, coitado
> Que morreu queimado”.

Outros responderam em côro:

> “Pai Manuel da Luz, que foi curador,
> Hoje o seu **canzó** é a Casa do Senhor.”

Reverenciando a memória do sacerdote mártir, existe agora em Caxias, no Estado do Rio de Janeiro, uma “Tenda Pai Manuel da Luz”, onde êste espírito de luz continua a cumprir sua missão de ajudar os que sofrem.
O fato acima narrado ocorrei precisamente no ano de 1835, nos domínios do Visconde Manuel Manrcondes, e foi narrado por D. Bela Marcondes, descendente do Visconde, no Estado de São Paulo, na localidade de João Menino, denominação da época.
O local do martírio ficou durante muitos anos servindo de guia para os tropeiros que por lá passavam.
Havia sempre um tôco aceso, onde acendiam seu charuto. O lugar ficou chamado **Quissamã** que quer dizer: cemitério ou sofrimento dos negros. Quissamã é que é o nome verdadeiro, e não Calunga, conforme dizem, pois Calunga é o Mar. Cemitério é o “Moedouro de Zâmbi”, ou Quissamã.

3. A LENDA DA GAMBÁ

É um dos animais que os africanos consideram de grande virtude, pois sustenta seus filhos na bôlsa abdominal.
Faziam um **breve** da gambá, que respeitam como animal sagrado e abençoado por Nanãburuquê. O filho da gambá nasce naquela bolsa, que é fechada e sòmente se abre quando os filhos nascem e aí se criam.
Quando as mulheres estão grávidas, davam-lhes **breves** fabricado com o pêlo da gambá e faziam fumigações com a gordura dêsse animal, para que o parto se realizasse sem dor.
A gambá é um bicho de hábitos noturnos,que só anda à noite, alimentando-se de frutas. Se se colocar parati em lugar por onde andem muitas gambás, elas bebem a cachaça e rodam, embriagadas. Mas se alguém rir delas, ficam logo curadas e fogem a grande velocidade.
Considerando as virtudes da gambá, e a pedido de Pai Manuel da Luz, a Confederação Espírita Umbandista adotou-a como símbolo da entidade. Como os filhos da gambá são gerados na bôlsa abdominal, assim os filhos de santo são feitos no terreiro, que os protege. Daí surgiu a gambá como símbolo de pureza e bondade.

4. EPISÓDIOS DIVERSOS

Estávamos em 1927, quando, para dirigir **macumba** ou **candomblé**, era preciso que o babalaô fôsse muito competente e tomasse conta de sua **gira**, para evitar a invasão do terreiro por elementos indesejáveis, que depredavam e prendiam violentamente.

---

* **Dandá** é uma raíz que fica perfumada quando é ferida. É utilizada pelos umbandistas do ritual Omolocô, para banhos sulfurosos.

Preliminarmente, jogavam os búzios para confirmação de que podiam brincar em paz, a salvo de qualquer perseguição policial. As **macumbas** eram em pequeno número e sempre situadas em subúrbios longínquos.
Em certa ocasião, um dos autores dêste livro foi convidado para assistir uma macumba em Sapê, hoje Rocha Miranda. Partiu a caravana, tomando o trem na antiga estação da Linha Auxiliar e o companheiro perdeu o trem, seguindo no último da noite. Uma noite fria de junho.
Nas estatção de Sapê, hoje um lugar adiantado, não havia então nem luz nem bancos. Saltou sem saber a direção do terreiro. Mas, nesses casos, a orientação era dada pelo toque dos tambores.
E conseguiu ouvir, muito ao longe, o rumor distinto dos atabaques. Seguiu por aquêle enorme areal, nos caminhos estreitos da roça, com uma grande vontade de beber, devido à frialdade da noite. Nesses lugares, sempre se encontrava, aberta á noite, uma tendinha que vendia qualquer coisa.
De repente, surgiu um homem alto, de chapelão, fumando um grande charuto e caminhando em sua direção. Perguntou-lhe:
- Meu amigo, sabe onde mora o sr. Pedro Frio, que dá uma festa hoje?
- Ah, o senhor quer é ir a uma macumba? Então, segue nesse ruma, que não haverá êrro. Eu sai de lá agorinha mesmo. Estão esperando pelo senhor – respondeu o homem do charuto.
Tornou a perguntar:
Por aqui não se encontra uma tendinha para beber alguma coisa?
Êle respondeu novamente:
- Você está vendo aquela encruzilhada ali? Passe na 1ª encruzilhada, a 2ª e na 3ª encontrará o que beber.
O companheiro pensava que fôsse alguma tendinha. Mas encontrou um despacho, com parati, vela acesa, etc.
Julgou que fôsse alguma brincadeira do homem do charuto. Mas assim mesmo não quís seguir adiante e abriu a garrafa de parati, serviu-se e salvou Exu e foi-se embora.
Tomou o caminho que o estranho indivíduo lhe indicara. Quando chegou ao terreiro, ninguém sabia explicar o que acontecera, admirando-se todos por haver acertado o caminho e plo encontro com o homem do charuto.
Nesse momento, Exu baixou no terreiro, mandou chamar o visitante e perguntou-lhe se estava satisfeito com o parati que tomara. Disse mais que o pessoal havia se esquecido de abrir a garrafa de parati, tarefa que o visitante concluíra.
O estranho do charuto era o compadre Exu.

5. FÉ E IGNORÂNCIA

O mecanismo psicológico, em matéria de fé, é muito complexo. Por êsse motivo, as seitas antigas punham especial cuidado no ingresso de novos adeptos. Era preciso experimentá-los, verificar até aonde ia a sua confiança no poder da divindade e até que ponto estavam dispostos a sustentar suas idéias religiosas.
Acontecia que, não raramente, pessoas influenciáveis ou apenas curiosas pediam ingresso em determinada seita, visando agradar a amigos ou a poderosos do momento. Em caso de emergência, poder-se-ia contar com a dedicação e o sacrifício de tal elemento?
Assim, condicionavam aceitação do novo adepto a numerosas provas, algumas das quais bem perigosas. E assim faziam o recrutamento dos novos sacerdotes.
Nem todos têm fé. Freqüentemente, confundem ignorância com a verdadeira fé, aquela que não vacila e resiste a tudo. Contaremos alguns episódios ilustrativos.

Em 1924, fomos convidados para assistir a uma reunião de babalaôs, convocada para o fim de salvar um grande babalaô que se achava muito doente, já sem falar. Feito o jôgo de búzios, foi escolhido o cemitério de Irajá para uma obrigação a Omolu. Tudo correu normalmente, mas na hora de despachar o **ebó**, houve algum receio, pois se tratava de um trabalho de responsabilidade, com pipoca, bife, galo carijó, etc.
Então, o babalaô que dirigia o serviço declarou que o **ebó** não podia ficar sem o destino conveniente, e assim ia jogar o delogum para escolha dos cambonos de ebó. Um nosso companheiro prontificou-se e logo um outro também se ofereceu, declarando que tinha fé e coragem.
Ora, quando se faz um serviço dessa natureza, ninguém fala. Seguiu o nosso companheiro na frente, com um embrulho, e ou outro mais atrás, com o segundo embrulho. Ao entrarem no cemitério, o nosso companheiro arriou o "despacho" e cumpriu a obrigação, porém, quando se voltou para apanhar o segundo embrulho com o seu ajudante, não viu mais êste, que havia sumido. Assombrado com o desaparecimento do ajudante, o nosso companheiro saiu correndo rumo ao terreiro. Mas a casa estava fechada.
No dia seguinte, o nosso companheiro foi saber o que havia acontecido. O ajudante vira no cemitério um **fogo fátuo**, vapor azulado, proveniente da decomposição de cadáveres. O rapaz perdera a cabeça e correra para o terreiro, onde chegara transfigurado, gritando em altas vozes: "Fujam, que ai vêm as almas, botando fogo pela bôca". O pânico foi geral. Todos fugiram. Mas... o doente ficou bom.
A conclusão dêsse episódio é que o ajudante não possuia a verdadeira fé, mas sim a vaidade de ser valente, enquanto o doente, babalaô de fama, confiava na proteção dos orixás.

Há anos, fomos convidados para uma visita a um famoso quimbandeiro do subúrbio da Central, chamado Pai Olímpio. Lá, encontramos muita gente, alvoroçada com a notícia de que Pai Olímpio mostrava em um espelho tudo o que se quisesse ver, mesmo o Diabo. Fomos atendidos pelo quimbandeiro, pagamos a consulta e entramos finalmente no consultório, onde Pai Olímpio perguntou o que se queria. O nosso amigo disse que queria ver o Diabo.
Pai Olímpio levou-o a um quarto onde sobressaía um enorme espelho, sentou o curioso numa cadeira e deixou-o com uma campainha, para ser tocada quando o Diabo aparecesse. Após alguns minutos, êle tocou a campainha. O quimbandeiro atendeu. O curioso disse que não havia visto o Diabo. Pai Olímpio, então, ordenou: "olhe para o espelho". O rapaz olhou e ficou assombrado: "mas sou eu próprio". Tio Olímpio encarou-o severamente e resondeu: "Pois é, o senhor é que é o diabo, que veio do Rio para estragar a minha vida". E assim terminou a consulta...

6. O MISTÉRIO DA GRUTA DE PESHAWUR

Conta Chiang Sing, que é uma moça brasileira muito culta, reencarnação de uma chinesa: "Um dos fatos mais surpreendentes que presenciamos, alguns dias após nossa chegada, foi realizado por uma menina de uns sete anos (*) de idade chamada Dzorozamo, considerada

---

* Na filosofia religiosa hindu, as crianças até 7 anos de idade ainda dispõem de grandes poderes de vidência do sobrenatural. Por êsse motivo, às vêzes são consideradas "mentirosas" ou "imaginativas" pelos adultos. O episódio acima é narrado pelo "avatar" da princesa Chiang Sing, que viveu realmente há muitos séculos. Ao reencarnar-se, o espírito humano perde a consciência das vidas anteriores. Excepcionalmente, e fugaz como um sonho, às vêzes uma ou outra pessoa recorda uma existência anterior. Um nosso amigo, Coema Piranga, sabe que viveu na França há 3 séculos, o aimbiente e os amigos que então o rodeavam, além de outros sinais

pelo povo como sendo a “avatar”, ou melhor, a reincarnação de um santo Bodhisatva. Em plena luz do dia, apenas formulando uma oração secreta, Dzorozamo fêz com que um pedaçõ de giz escrevesse sòzinho na calçada da rua resposta às nossas perguntas mentais. Ficamos ainda mais surpreendidos quando ela pediu uma fôlha qualquer de um bloco que trazia consigo e deu-o à menina. Dzorozamo coloco-a no chão diante dela, sob a ação dos raios solares. Depois, sentou-se com as pernas cruzadas e rodeando-as com os bracinhos roliços, apoiuou a cabeça sôbre os joelhos e cerrou os olhos. Ficou nessa posição durante alguns mmentos, durante os quais vimos que a fôlha estremecia e aos poucos enchia-se de caracteres sanscritos perfeitamente traçados. Quando a menina ergue a cabecinha escura como a flor do jacinto, a fôlha de papel estava cheia de frases filosóficas traçadas com tinta fresca. Sorrindo, a menina ergueu-se e sem que pudéssemos detê-la, correu em direção a um beco e aí desapareceu. Que maior exemplo de mediunidade psicográfica podíamos desejar?”

7. AS TRAVESSURAS DOS BEIJI
(Cosme e Damião)

Em uma festa de terreiro, encontramos, manifestados, os Beiji, os erês, Cosme e Damião. Estávamos em companhia de um amigo, que nunca havia gostado de conversa com os **meninos,** apenar de procurar agradá-los.

Quase na hora de fechar o terreiro, o amigo, depois de muito bater os tambores, se achava naturalmente cansado. Os Beiji chegaram manifestados em uma senhora que nunca vira o nosso amigo. Beiji dirigiu-se ao rapaz, dizendo: “Chi! vem cá, sinhá pai, vem cantá e bater tambor pra mim”. Êle esquivou-se, mas os outros cantaram e brincaram. Já se esquecera do assunto, quando Beiji foi buscá-lo e lhe disse: Ô sinhá pai, num sabe aquêle burro que o sinhô monta nêle todo dia antes de chegar em casa? pois olha, vou fazer cócegas na barriga dêle e você vai ver o que êle vai fazer”.

O amigo não ligou importância à ameaça. Passaram-se dois ou três meses e já ninguém se lembrava mais do caso, quando, uma bela noite, encontrou no caminho de casa o burro que sempre montava. Ao vê-lo, o animal relinchou, coisa que nunca fazia, e nosso amigo resolveu montá-lo. Qual não foi, porém, a sua surpresa quando o burro possuído de um impulso estranho, saiu em disparada, entrando por uma cêrca de espinho arranha-gato, deixando-o estirado no chão, todo machucado e arranhado, e saiu pelo outro lado da cêrca, relinchando alegre, como que a zombar do tombo. Ajudado por uma pessoa que passou pelo local, conseguiu chegar em casa, sem, no entanto, ligar o fato ao que ocorrera no terreiro. Ficou em casa, tirando os espinhos do corpo, com pinças.

Um belo dia, entrou em outro terreiro. Estava cantando e batendo, quando Beiji baixou na cabeça de um médium e lhe perguntou: “Como é, tio, quer bater e cantar pra mim? Gostou de montar no burro?”

Recorsou-se, então, de tudo e tratou de bater e cantar com entusiasmo, pedindo a Beiji que o perdoasse e que não lhe fizesse outra brincadeira dessa.

Nesse terreiro, ninguém sabia dos fatos anteriores.

É, por isso que afirmamos: zombar do que não conhece é próprio de louco.

---

dessa vida passada. Os adeptos da seita dos Rosacruzes são detentores de segredos para desenvolver a memória das vidas anteriores.

8. CASOS DA UMBANDA

A cidade de Lagos, na África, fornecia todos os apetrechos dos cultos africanos no Brasil: obí, orobô, ori, pemba, guias, sabão da Costa, etc. Há anos, existia na Rua Uruguaiana, no Rio de Janeiro, uma casa especializada no ramo, a “Garrafa Grande”, que vendia garrafadas para as senhoras, inclusive.
Êsse intercâmbia de objetos do culto ainda se nota entre o Brasil e continente africano. Na parte Pròpriamente espiritual, a ascendência dos chefes religiosos de além Atlântico continua a se fazer sentir. Muitos candidatos ao grau de babalaô não medem sacrifícios para serem confirmados na África, e, para isso, atravessam o Oceano, partindo da Bahia. Esta solidariedade moral e cultural possui a sua beleza impressionante. Assim como, no passado, os orixás contavam aqui, manifestados nos médiuns, o que acontecia na mãe-pátria distante, assim também, hoje, vivendo em melhores condições, cidadãos livres de uma nação livre que ajudaram a construir, os filhos de Umbanda não esquecem a sua origem e se orgulham de uma religião antiga e verdadeira, que detém os mistérios da Terra e os segredos da Natureza!

Os prêtos **cacarucai** de Lagos é que fumavam cachimbo e defumavam as macumbas, conforme fazem hoje os “velhos” sem origem.
Hoje, os “Pai Joaquim” têm até ficha para consultante ser atendido. Os “velhos” têm horário para baixar. Já não mandam nos médiuns, mas os médiuns é que mandam nêles.
No Nagô, a coisa é diferente. Quando um Exu baixa no terreiro, cantam 3 ou 7 pontos. Êle cumprimenta os presentes, pega seu cacete, bebe a sua cachaça e vai embora. É o criado da seita.
No Omolocô, quando um Exu está baixando e desce outro, o primeiro vai embora; se, porém, há manifestado algum orixá, os dois podem ficar, com licença do orixá.
Entretanto, atualmente, em certos terreiros, vêm-se numerosos Exus baixados ao mesmo tempo, discutindo, brigando, sem respeitar o orixá. Cuidado! Não são Exus, mas **kiumbas**, com os quais se deve ter muito cuidado.
Às vêzes, verificam-se até mortes no terreiro, explosões de pólvora, etc., provocado tudo por êsses espíritos maus.
Chefes de terreiro improvisados não sabem o que estão cantando e o resultado é lamentável, conforme temos verificado. Os **kiumbas** aproveitam a oportunidade para fazer misérias.
Em um terreiro, estavam arriados muitos Exus, Um dêles mandou uma moça abrir os braços em cruz e começou a lhe jogar punhais. Um punhal foi atingir um ôlho da moça. Houve então grande confusão. Tudo trabalho de **kiumbas**, espíritos atrasados de mortos que aproveitam a ocasião para praticar o mal.
Um terreiro bem organizado é muito bonito, com a sua hierarquia sacerdotal, o ritual das cerimônias, as vestes do culto. Aventureiros ignorantes pensam mesmo em entronizar um Papa da Umbanda. Nada disso deve ser encorajado. O que é necessário é fortalecer o Supremo Conselho Nacional de Umbanda, autoridade máxima em matéria religiosa, mas sem interferência na vida interna dos terreiros, e criada pela Confederação Espírita Umbandista.

9. UMA VIAGEM PELAS TERRAS DOS INCAS

Dizia Laureano Ijeda, o "Profeta da Gávea", que o orgulho intelectual é o inimigo do progresso do espírito humano. Chegou-nos às mãos um extraordinário folheto intitulado "Recordação", de autoria de uma homem sem nome, que se chama "Filósofo da Selva". Não sabemos quem é êle, ou por outra, conhecemos o seu iluminado espírito, mas não sabemos qual o seu nome civil. Realizou êle o ideal, de Pontes de Miranda, da instituição do anonimato. Com o anonimato, só seriam publicados livros que ensinassem alguma coisa à humanidade. A vaidade, o orgulho intelectual seriam banidos dos meios litero-científicos.

O Filósofo da Selva adeverte-nos:

Cupy mi cani, caro mata jamuni
Puriasdme jemi Yana paguanqui.

Isto que dizer em língua inca:

Aqui estou, venho de longe, se você me ajuda, seguirei caminhando.

Cheios de fraternal amizade pelo Filósofo da Selva, não nos poupamos ao esfôrço de transcrever a seguinte parte de seu folheto:

"**Uma Viagem pelas Terras dos Incas**

"Baixamos aos Andes Peruanos, às vêzes a cavalo, outras a pé e umas tantas em caminhão. Ficamos maravilhados com o Lago Titicaca, sagrado para os indígenas, porque quando o vêem tiram o chapéu. É o lago mais elevado do mundo, com uma altitude de 3.830 metros. A sua vegetação rara é única no mundo e fascina e encanta o nosso espírito. Ali se encontra o **COGNI**, variedade de árvore pequena que circunda o lago, aformoseando-o assim como a **TOTORA**, da qual os habitantes da região fazem canoas. A raíz dessa planta é comestível e serve ainda como planta medicinal. Integra ainda a vegetação da zona do Titicaca o **TOLA**, arbusto usado para fazer fogo, em face da escassez de madeiras lenhosas na região.

A côr das águas do lago, bem como a da atmosfera que a rodeia apresentam uma tonalidade azul da Prússia. Estão sempre iluminadas pelo **INTI** (sol) e engalanadas pelas formosas nevadas bolivianas. Por tôdas as bandas do lago se encontra uma grande cópia de plantas medicinais mais acentudadas.

As **lhamas**, animais característicos do Peru e Bolívia, são curiosos pelo seu sistema de luta entre si. Quando vão lutar enrolam o pescoço um no outro e quando se afastam cospem-se às caras. Em regra a peleja é decidida pela fôrça.

A coca é uma planta prodigiosa e tem grande valor terapêutico. Um indígena pode passar três ou mais dias sem comer e sem beber, sòmente mastigando a coca.

Os indígenas são muito supersticiosos. Quando vêem uma **PACHETA** (lugar onde foi sepultado alguém), cospem em cima, para que a felicidade os acompanhe. Dos remotos tempos incas se encontram montes de pedras, que chamas **PASCANAS**. Pois todo índio que passa perto, atira uma pedra ao monte já feito, acreditando que nunca se cansará durante a viagem. É que imaginam deixar ali, com a pedra que atiram, tôda a fadiga ou cansaço.

... .

Nas intermináveis alturas andinas vemos restos incaicos, sombras de um civilização qu epassou, edificados em pedras que pesam milhares de toneladas. Ficamos confusos, sem saber de onde foram para ali transportadas, tal o seu pêso e a distância de inde foram tiradas. São blocos gigantescos superpostos uns aos outros. Nos instertício, não cabe uma unha, tal o ajustamento de umas às outras."

10. INVOCAÇÃO DO ESPÍRITO DE PESSOAS VIVAS

Em 1920, quando os trabalhos dos terreiros estavam sujeitos a perseguições, observamos um espírito da matéria viva. Na estação da Piedade, havia um terreiro cruzado na Linha das Almas com os Kardecistas. Chamava-se "Perna de Pau" o chefe do terreiro. Em uma das sessões, estava presente Mme. X, doente, pálida, queixando-se de que em sua casa havia um grande transtôrno. O chefe do terreiro invocou a pessoa, viva ou morta, que estava prejudicando a queixosa. Após alguns minutos, caiu em transe uma das médiuns, dizendo: "Aqui estou. O que é que há?"

O espírito, interrogado, afirmou conhecer Mme. X, sua antiga patroa, que lhe fizera muito mal e que haveria de pagar tudo. Disse mais que não tinha tempo a perder.

Então, o chefe do terreiro pediu-lhe que desfizesse o trabalho contra Mme. X. O espírito respondeu que só o faria se a antiga patroa lhe pagasse tudo, mas não podia perder mais tempo, pois, fôra comprar para a nova patroa e o seu corpo se achava caído em uma quitanda, cercado de curiosos, na Rua Pedro Américo, esquina da rua do Catete. Precisava ir logo embora, pois se desencarnasse, a culpada seria Mme. X. – Assim, o chefe do terreiro lhe deu ordem para se retirar.

Saindo do terreiro, cheios de curiosidade, fomos realizar investigações no local citado. E, com efeito, soubemos que ali, na quitanda, estivera caída inexplicàvelmente uma moça de côr. Chamada a Assistência, a moça voltara a si, declarando residir à rua Andrade Pertence. Testemunhamos êsses fenômenos.

Há, porém, outros processos mais demorados de invocar o espírito de pessoa viva, com a prática de determinado ritual à beira da praia. É necessário que o chefe de terreiro tenha muito poder, par anão prejudicar o espírito invocado, sujeito a uma "passagem" irremdiável.

11. RESPEITO AOS CADÁVERES

Um professor, de tendência filosófica materialista, possuía em seu gabinete um esqueleto, há muitos anos.

No intuito de encorajar os alunos medrosos, dizia-lhes que aquilo era uma coleção de ossos. Certo dia, desarmou o esqueleto e ficou a corrigir provas de exame. De repente, sentiu uns passos, e, levantando a cabeça, viu o esqueleto de pé, falando fanhoso:

- Professor, muito respeito comigo, que sou uma moça.

O professor, apavorado, saiu a correr, pronunciando frases incoerente...

12. REMINISCÊNCIA DO PASSADO

A Umbanda, nestes últimos tempos, tem desenvolvido bastante a sua influência, porém necessita estar vigilante, a fim de manter suas tradições, ora ameaçadas de um retrocesso desagradável, por parte de pessoas ainda não completamente esclarecidas sôbre as **mirongas da seita**.

Alguma culpa cabe aos pais, que não orientam os seus filhos com o devido cuidado, esquecidos de que êstes são os herdeiros da doutrina religiosa que receberam de seus antepassados.

Impossibilitados, outrora, da pregação de sua crença religiosa, os umbandistas adotaram os santos do catolicismo, como se fôssem seus orixás, com a mesma missão espiritual. Sòmente com êsse recurso, conseguiram a sobrevivência de seus ritos e preceitos.

Assim, por exemplo, no mês de outubro, os adeptos do Omolocô (Angola) assistiam, em romaria, à missa de Nossa Senhora da Penha, usando suas melhores roupas.

Para êles, Nossa Senhora da Penha seria **Oxun da Cobra Coral**. Lá, no santuário famoso, exclamavam em altas vozes: **Ojaréu, Mamãe Cinda da Cobra Coral**. Com essas palavras, faziam seus pedidos e, logo após, se retiravam do templo. Nos terreiros, realizam as cerimônias do culto Omolocô para Oxun da Cobra Coral e todos coreavam (comiam). Atualmente, não é fácil perceber-se o cerimonial da Cobra Coral.
Estamos cansados de ver, às portas dos cemitérios, ou nas encruzilhadas, **despachos** com farofa amarela.
Isso provoca críticas dos incrèdulos, críticas que têm muito fundamento, infelizmente. Antigamente, os filhos de Umbanda se limitavam apenas a fazer obrigações nos terreiros, onde mantinham as "casinhas" destinadas à colocação das obrigações. Sòmente se colocava **ebó** nas encruzilhadas, isto é, coisas que não prestam.
Na Bahia, por exemplo, o costume é colocar o despacho no pó do **locô** (munguengue).
Um verdadeiro omolocô não dá farofa a Exu na porta do cemitério. Os iniciados conhecem quando os animais são sacrificados por "curiosos" ou por **oxôguns**.
Já que estamos evocando as reminiscências do passado, desejamos relembrar alguns personagens notáveis da seita. Citemos, com todo o acatamento que merecem: - Manoel Bertolino, Manuel Carambola, Chica do Prêto Fôrro, Maria Damastor, Maria Bombochê, José Espinguelo, Miguel Babochê, Ricardina, Alexandrina Rôxa, Pedro Frio, Cláudio da Ilha dos Velhacos, Severo (do Corpo de Bombeiros). Como **ogâns**: - Mistura, que tirava pontos cantados em qualquer dialeto africano (em Engenho de Dentro); **Tomate**, ótimo tirador de pontos, no terreiro do falecido Sizenando, em oswaldo Cruz; Osvaldão, em Irajá e Costa Barros; **Estafeta**, em Madureira.
Citemos, como "mães de santo", as ialorixás Marta, Branja, Tia Benedita, Elvira da Bôca do Mato, etc. Como "pais de santo": - Benedito dos Santos, Nilópolis, do Terreiro "Zazezagemambembe"; Mingóte, em Duque de Caxias; Hilário, do Morro da Mangueira; Massurimí e Herique Antônio da Silva. E assim por diante. Vivos ou mortos, os chefes de terreiros, formados na seita, serão sempre lembrados, pelo poder espiritual de que dispunham ou dispõem e pela caridade que praticaram e praticam. Aos mortos, o preito de nossa saudade. Aos vivos, o penhor de nossa amizade respeitosa.

13. A RODA DE CAXAMBU

No Estado do Rio, duas nações africanas se aclimataram muito bem: Cabindas e Congos. Os Cabindas tinha uma especialidade de dança, o **caxambu**; os Congos, o **jongo**.
Um ex-soldado da Polícia Militar fluminense, Alcides Pereira, contou-nos haver sido, há tempos, destacado para manter a ordem nas **rodas de Caxambu**, no município de Itaperuna. Essas rodas eram famosas pela beleza de seus ritmos e a valentia de seus cantadores. Não raro, irrompiam brigas tremendas, especialmente se aparecia algum polícia novato.
Certa vez, Alcides chegou a uma roda de Caxambu. A festa estava **enfezada**, com muita gente e um entusiasmo contagiante. Era na noite de São João e uma grande fogueira iluminava o recinto. Quando o soldado se aproximou, tiraram êste ponto:

Nêgo de fora, o que faz com êle?

O ponto fôra tirado por uma senhora. O côro respondeu:

Bota no chão e pisa nêle.

Desconhecendo as manhas do caxambu, ingênuamente Alcides ainda ajudou a bater palmas. Foi quando um senhor idoso chamou-o de parte e avisou-o: “Ô filho, você tá metendo em lugar perigoso. Êsse ponto é desafio contra você. A coisa vai ficar feia. Mas eu vou lhe ensinar a desatar o ponto”.
Obedecendo às intruções do inesperado amigo, Alcides pulou no centro da roda, armado de faca e garrucha e cantou:

Prá barriga de homem e de mulher.
Prá barriga de homem e de mulher.

A faca de Alcides relampejava,. Sinistra, ao clarão da fogueira. Foi um alvorôço, pois ninguém esperava aquilo. Todo mundo, atemorizado, repetiu o ponto tirado por Alcides. E diziam: “Cruz, credo! Isso é o diabo que chegou aqui”. Não fôra o aviso amigo, e o soldado teria sido arrebentado, como acontecia com seus colegas de farda.
O caxambu é uma espécie de prova para medir as fôrças dos quimbandeiros. Havia quimbandeiros tão fortes que, na roda de caxambu, plantavam bananeira.
Esta, à vista de todos, crescia imediatamente, e na mesma noite todo mundo comia as bananas. Realizado o feito extraordinário, o quimbandeiro catava:

Ô gente, tudo come babana
Casca é meu
Cuide, ô gente.

E distribuía as frutas, crescidas em poucas horas.
Outros quimbandeiros atravessavam fogueiras descalços, à meia noite.
Quando alguém cantava um ponto sem graça ou desentoado, respondiam-lhe:

Caruru de criôlo não tem sá
Bota fóra, moleque
Eu porovô, porovô, não tem sá
Bota fóra, moleque.

Na Exposição do Centenário da Independência do Brasil, em 1922, apresentou-se um quimbandeiro famoso, o “Pisa-Brasa”, que dançava descalço sôbre uma chapa de ferro ardente, para mostrar sua fôrça espiritual. Os jornais da época comentaram muito o caso.

14. A LENDA AMAZÔNICA DAS YARAS

Só mesmo quem percorreu a região do Amazonas ou suas proximidades é que pode avalaiar a enorme fôrça da Natureza ali acumulada. Um grandioso sistema fluvial e marítimo desenha o inesquecível panorama do mundo em gestação. Milhares e milhares de “furos”, “igarapés”, canais e ilhas formam um labirinto gigantesco.
Não é de estranhar, portanto, que nesse imenso lençol d´água pairem espíritos elementais ligados ao ambiente aquático. Numerosas lendas sôbre entidades aquáticas surgiram assim, enriquecidas pela fértil e patética imaginação dos índios brasileiros. Mais afastado do centro geográfico da região amazônica, mas participando ainda de seu esplendor líquido, o Maranhão possui, em seus cultos populares, a “pagelança”, de origem ameríndia, e na qual domina o “Rei do Fundo”, Itacolomi.
Passamos, agora, a transcrever a seguinte lenda, recolhida, no Amazonas, por Leandro Tocantins:

- “É o furo Aturiá um dos mais sortunos e solitários do complicado labirinto. Há uma volta chamada “Vira-saia”, onde a gente local costuma dedicar às divindades autóctones todo o sortimento de roupas e trapos, jogados na vigetação ribeirinha. A estranha oferenda secular tem sua história contada através de gerações: uma canoa subia o furo em primiticos tempos da conquista, e, ao dobrar a volta do Vira-saia, surgiu-lhe pela proa, em ronda sinistra, uma centena de botos fungando e ameaçando a pequena embarcação, que ficou paralisada, sem poder prosseguir a derrota ou retroceder. Então, um “côco” entoado por belas jovens nuas e provocantes, que afloravam das águas encantadas, se fêz oubir maviosamente. As lindas yaras pediam roupas para cobrir a sua nudez, e tão logo as peças eram jogadas pelos caboclos atemorizados, as estonteantes visões desapareceram, e a canoa pôde continuar a viagem...”

CAPÍTULO VI

PONTOS CANTADOS E RISCADOS

1. **Pontos cantados dos Orixás.**
2. **Pontos cantados diversos.**
3. **O Padre-Nosso.**
4. **Correção de pontos errados.**
5. **Pontos cantados em diversas nações.**
6. **Pontos riscados.**

1. PONTOS CANTADOS DOS ORIXÁS

OXALÁ

I

Oxalá, meu Pai
Tem pena de nós, tem dó
A volta do mundo é grande
Seu poder é ainda maior

II

Cacarucai
Perengô minha cananda
Cacaruca-ê

III

Eu sou filho do Alamin
Alamin sinsin, ó Alá

OGUN

I

Ogun Yára, Ogun Megê
Ogun Rompe Mato, auê
Ogun Yára, Ogun Megê
Ogun Rompe Mato, auê

II

Ianga-mê
Caica angomá
Ianga-mê
Como de Angola

III

Ogun Dilê lê-lê
Ogun Dilá lá-lá
Ogun Dilê
Da costa do mar

IV

Saravá, Ogun
Saravá!
Saravá Ogun, meu Pai
Saravá minha coroa
Saravá!

V

Pisa em Umbanda, ó cangira
Pisa em Umbanda, ó cangira
Mungongo em Umbanda

VI

No campo de Humaitá
Venceu-se aguerra,
Meu Pai Ogun
Com seu cavalo de côr
Ogun Megê, Ogun Yára

VII

Funda agulha no mar
Funda agulha no mar
Com seus cavalos, meu Pai
Funda agulha no mar

VIII

Ogum Timbiti ô Mana Zambi
Zambi é cuemba
Quando vem lá da Aruanda
P´ra salvar filhos de Umbanda
Auê
Japonês tá nas costas do mar

IX

Ó gente, capitão de Uaia
Êle se chama comandante Uaia

YEMANJA

I

Yemanjá
Ai-eu-eu

II

Olha docemopé
Yaraorou
Olha docemopé
Yaraorou
Yemanjá cumarou
Yaiá sinsin

III

Sereia, sereia
Sereia como nada no mar
Sereia, auê.
Sereia, sereia
Sereia é dona de gongá
Sereia, auê.

OXUN

I

Oxun mariou
Oxun mariou
Ariarou, ariará
Ariará, ariarou

II

Quiguelê, Quiguelê
Mamãe gira munguê
Quinguelê, Mamãe gira em Umbanda
Quinguelê, Mamãe gira em Umbanda

III

Cinda da Cobra Coral
Ó Cindê
Mamãe Cinda da Cobra Coral
Ó Cindê

YANSAN

I

Pombo ê
Gira me pombo
Pombo de Sansaguaia
Pombo ê
Gira me pombo
Pombo de Sansaguaia

II

Oê ô Yansan
Ô Yansan oê

III

Amanguala samba sinhá
Ô mirondê mamãe auê
Auê Zambo canguerê
Amanguala samba sinhá
Auê Zambo canguerê

1.

Iapopô mina tuiá gangá
Santa Bárbara, dona do zacutá

2.

Guena, guena
Iapopô
Guen, guena
Orirá
Guena, guena
Iapopô
Banguela mina Oiá

NANÃ

I

Saravituê, eu vi Nanã
Eu vi Nanã
Auê, Nanã Buruquê
Na macaia.

II

Cacarucai de cambugica
Auê, au-au-au-au.

III

Sacatraca ei vi Nanã
Vango vangurê
Sacatraca eu vi Nanã
Auê
Sacatraca eu vi Nanã
Vango vangurê
Perengô sacarango
Eu vi Nanã
Orerê
Ô Nanã Buruquê.

OMOLU

I

Omolu é acaraé
Bom-bom-bom-bom
Omolu é passageiro
Bom-bom-bom-bom
Omolu é acaraé
Bom-bom-bom-bom

II

Era, mas não era
Mas não era a pintassilva
Êle mora na pedra furada
Mas não é a pintassilva.

III

Omolu, ê
Omolu, ê
Omolu babá
Omolu, ê
Omolu, ê
Omolu babá

POMBA GIRA

I

Tala Tala-tá de Pomba Gira
Pomba Girê p´ra que eu caio

II

Ganga no ganga
Malelê
Pomba Girê
Ó quinganga
Canga no ganga
É malecô
Pomba Girê
Ó quinganga

III

O galo cantou, cacarejou
Ó Pomba Gira, ó quinganga

IV

Tala Tala-tá na Pomba Gira
Tala Tala p´ra que não caia

EXU

I

Pisa no tôco, pisa no galho
Segura a pemba, senão eu caio
Pisa no tôco de um galho só
Marimbondo pequenino
Botou fogo na paiara
Mas eu não caio, ô ganga

II

Que matôco era
Que matôco era
Que matôco era
Em Umbanda
Zambará

III

Olha ganga com ganga amalecô
Olha ganga com ganga amalecô

IV

Pisa no tôco, pisa no galho
Ó ganga
Exu pisa no tôco
De um galho só

BACA-TUIA
(Ponto de Fogo)

Tuia, tuia
Tatalecô
Tuia, tuia
Tatalecô

2. PONTOS CANTADOS DIVERSOS

OXUN
(Em Cabinda)

Ê cunguêcô
Cabinda rebôlo
Manatará
Ê cunguêcô
Cabinda rebôlo
Manatará

OXUN
(Em Omolocô)

Mamãe Cinda
Mina Angola
Quibôco mãe
Quibôco mãe

OXALÁ GUIAN
(Em Omolocô)

Felimã, felimã
Felimã de babá-ô
Felimã, felimã
Felimã de babá-ô

OGUN
(Em Gêge)

Pombo de cangira
Gêge é pombo
Au-au
Pombo de cangira
Gêge é pombo
Au-au

OGUN
(Em Nagô)

Afu lé-lé
Ôdé-ô
Afu lé-lé

OGUN
(Em Omolocô)

Olha minha terra, mungongomá
Auê, seu cangira mungongo
Olha minha terra, mungongomá
Auê, Auê

OXUM-MARÉ
(Em Omolocô)

Cinda carêrê
Cinda iô cocá
Cinda eu corôbiné
Cinda carêrê
Cinda iô cocá
Nhóca, Nhóca.

OXUN
(Em Cabinda)

Ê guanguá
Guamguá mi cuta mê
Mi cuta ecô
Guanguá mi cuta mê

GUIAME
(Corimba para subir)

No Omolocô, quando o orixá deseja se retirar e agradecer os serviços da **cota**, despede-se com êste ponto cantado:

Cota, cota, que vai s´imbora
Cota, cota, vai com Zambiaponguê
Olha dua com dua
Cota, cota.

Eis um **guiame** para Oxôssi:

Oê midunruê
Oê midunruê
Sua terra lhe chama
Midunruê
Oê midunruê

Guiame para Xangô (nagô e omolocô):

> Okun ô é de bochê ô
> Okun ô é de bochê ô
> Xangô vai oló
> É de bochê ô.

Guiame para Oxun:

> Como guiamê, mamãe
> Como guiamê, mamãe
> Como vai oló.

Pontos cantados, dados pelo orixá Oxôssi Cachoeirinha Cassuté de Ourucai, em 15 de setembro de 1952, no Centro Espírita Africano Nossa Senhora da Glória, em Caxias:

Para falsos umbandistas:

1.

> Pia no mato,
> Tem dendê
> Olha pia no mato
> É passarinho.

Confirmação do nome de orixá

2.

> Gente,
> Quando eu chagé no reino,
> Todo mundo quer saber
> Minha nome.
> É quizua Mamãe Perê,
> Zacutara maleme
> Tem mironga
> Tem mironga.

3.

> Trabalhava Deus nas horas
> Nesse ponto eu curimava
> Cachoeirinha é um pássaro velho
> Olha Zâmbi no Calunga é hora.

IBEJI

I

Formiguinha de Angola
Como brinca.
Formiguinha de Angola
Como brinca.

II

Vou contá a vovó
Camaradinha chegou
Doum sem merecer
Doum merecedor

III

Maria macumbêra
Lavadêra de sinhá
Lavar roupa de chita
Não é dela, é de imberá
Rê, rê
Rê, rê
Rê, rê
Rê, rê
Lavar roupa de chita
Não é dela, é de imberá

3. O PADRE-NOSSO

Ao começar o trabalho, o crente bantu pedia a Deus e a Nossa Senhora que abençoassem o seu serviço e a sua comida. O ponto é êste:

Solo

Otê! Padre-Nosso cum Ave-Maria, securo camera
Qui t´Angananzambê, aiô...

Côro

Aiô!... T´Angananzambê, aiô!
Aiô!... T´Angananzambê, aiô!
É a calunga qui tom´ossemá
É calunga qui tom´Anzambi, aiô!...

4. CORREÇÃO DE PONTOS ERRADOS

Freqüetemente, encontramos livros contendo pontos cantados adulterados. É uma tristeza. Trechos de pontos de um orixá são misturados com os de outros orixás. Isso é resultado da improvisação. Cada ponto tem seu significado próprio.
Hoje, os pobres prêtos que eram espancados, torturados, queimados, hoje dançam na cabeça de senhoras elegantes, falando na sua linguagem característica: "Ê, ê, nêgo, eu quero marafo".
Em compensação, hoje aparecem em certos terreiros "**santos"** que se dizem Ogun de Pedra, Ogun Corcovado, etc.
Se falarmos na linguagem da tribo a que dizem pertencer, nem uma palavra dessa linguagem sairá dos lábios de "caboclos" africanos ou índios, que nada compreendem. O mesmo não acontece com os verdadeiros santos africanos ou os verdadeiros caboclos ameríndios.
Quando "arreia" qualquer orixá ou caboclo, canta-se um ponto perguntando de onde é:

Londé, londé
Me diga que banda é (*)

A resposta deve vir dentro do vocabulário de sua língua.

Quando os orixás baixavam em um terreiro, os babalaôs, depois de os salvarem, perguntavam "o que êles trouxeram da Aruanda para seus filhos" ou "qual a novidade que havia na Angola" ou "o que era preciso fazer". Então o orixá respondia de acôrdo com as circunstâncias, ou diziam que apenas vinham brincar.
Quando houve uma guerra no Oriente com o Japão, nas costas da África, Ogun Megê cantou:

Ogun, Ogun
Ó Tibiri
Mano Zambi
Auê
Zeme quemba
Quando vem da Aruanda
P´ra salvas filhos de Umbanda
Auê
Jaçonês tá na costa do Mar.

Queria dizer: "Meu mano Ogun Tibiri me avisou, quando vinha da Aruanda p´ra salvar filho de Umbanda, que viu japonês nas costas do Mar". Isto era mensagem do orixá, para avisar os filhos de Umbanda.
Certa vez, quando perguntaram a Xangô o que havia na Angola, cantou:

Na Angola, ê
Na Angola, á
Mucamba
Como grugunha
Como na Angola á

---

* Tradução: - Me diga de que nação é.

Queria dizer, “Na Angola, as mulheres falam dos parentes que para cá vieram”.
Às vêzes, chamava-se um orixá e vinha outro da mesma falange e cantava:

Tá na Angola, ê
De Carangolá,
Papai de Umbanda
De Carangolá

Queria dizer que o orixá invocado estava na África, em missão.
Se havia festa, comida para Oxôssi, porco para Oxôssi, cantavam:

Vamo saravá
Papai de Umbanda
Mina quiná

Queria dizer: “Vamos brincar, que é Mina quem dá”.
Numa Umbanda, que chamam Umbanda “de branco”, cantavam assim um bonito ponto de Xangô:

Pererá-Xangô
Pererá-Xangô
Pererá nossa Pai
Toma conta de filhos, caburé (bis)

Ora, caburé é um bicho que os africanos consideravam agoureiro, azarento. Como iam mandar o caburé tomar conta dos filhos de Umbanda? O verdadeiro ponto é êste:

Quererá Xangô
No Paranga
Toma conta de mim (bis)
Tambulê
(côro)
Quererá Xangô
Auê
Quererá Xangô
No Paranga
Toma conta de mim
Tambulê

Queria dizer: “Quero Xangô aqui na terra; toma conte mim, tamburim”.
Outro ponto errado de Xangô:

João Banguré, ré, ré
Veio de Angola
Descobre mironga
Com a pemba na mão
No reino, auê.

O verdadeiro é êste:

João Bangurin
Rin, run
Jão Bangurin tá na Angola
Olé
Jão Bangurin
Papai de Umbanda
Jão Bangurin
Tá na gome (bis)

Chama-se Xangô, que está na gome, na Angola.
Não continuamos na análise, por ser longa. Em nossa **banda** quando a pessoa não entende do assunto, canta-se-lhe:

Periquito de Angola
Não sabe lê
Quer ser mestre-escola
Papai de Umbada (côro)
Não sabe lê
Vai aprendê
No terreiro de Umbanda
Se ensina gonguê.

Nada, porém, de demandas. Só desejamos abrir os olhos dos que estão errados. É nosso dever de caridade.
Tôda seita tem de obedecer à tradição de onde nasceu.
Não se pode deturpar uma língua. A **corimba**, cantada em português, não é de Umbanda, assim como a missa católica deve ser cantada em latim, e não em português.
O que os kardecistas dizem em português é a prece espírita. Se a língua não ajuda a falar em africano, o interessado deve procurar aprender com quem sabe.
Na Linha das Almas, tudo é **tata**, quer dizer **maior**.
Não se conhece orixá, e sim os **tata**, ou espíritos desencarnados, porém, evoluídos. O espírito de qualquer quimbandeiro ou babalaô pode vir na Linha das Almas, mas cada um representando sua seita, seu culto. Todos passam a chamar-se tata, isto é, maiores no seu assunto.
Hoje, os terreiros da Linha das Almas estão desaparecendo do Rio de Janeiro. O povo prefere os terreiros de Angola, onde há mais liberdade que nos de Nagô.
Antigamente, quando morria um **camba**, chefe de terreiro na Linha das Almas, faziam oferenda de mingau, de fubá de arroz sem sal, comiam um pouco de mingau, sentados em volta, de branco, com velas acesas; depois, despachavam a comida predileta do falecido e a sua roupa em um campo.
Cada um chegava nos cantos da casa e gritava pelo nome do falecido, dizendo que os seus pertences iampara o campo e que êle acompanhasse a comida e o mingau que pertenciam à sua alma.Ao voltarem do campo, cada um bebia um copo d´água e jogava o resto para trás. Serviam uma garrafa de vinho verde (“Sangue de Cristo”) e a comida predileta do falecido em intenção à salvação de sua alma.
Hoje, êsse costume, que veio do Congo, está desaparecendo do Rio de Janeiro.

5. PONTOS CANTADOS EM DIVERSAS NAÇÕES

Banguela

OXUN

Cori, cori, cori Cinda
Mina gongô
Cori, cori, cori Cinda
Banguela Mina Oiá

*

Toquê, tôco
Sala Banguela
Olha macumba orirá
Banguela

*

Olha mussanguê
Guana Zambi
Gonguê, auê
Olha mussanguê
Guana Zambi

Moçambique

OXUN

Cinda Mina
Angolá
Pombo Moçambique
Cinda ê
Cinda Mina
Angolá

Nagô

OGUN

Ogun ajô
E mariou
Sale, sale
Ogum Megê

Congo

(Chegada do orixá)

Povo de Congo
Povo valente
Sua pai chegou
Quando vem lá de Aruanda
Prá salvar filho de Umbanda

*

Congo. Orôcongo
Auê
Congo. Orôcongo
Auê
Sale povo de Congo
Auê

*

Angola

Querer bem, ganga zumbá
Querer bem, sassananguá
Querer bem, ganga zumbá
Querer bem, sassananguá

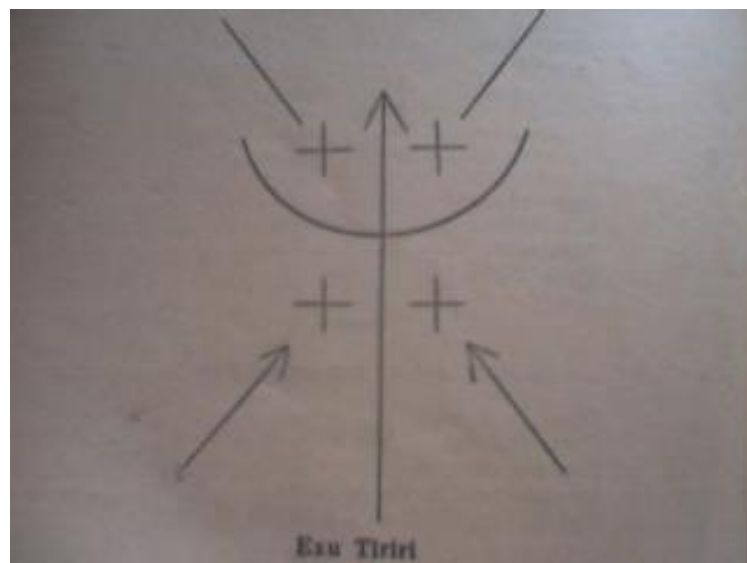
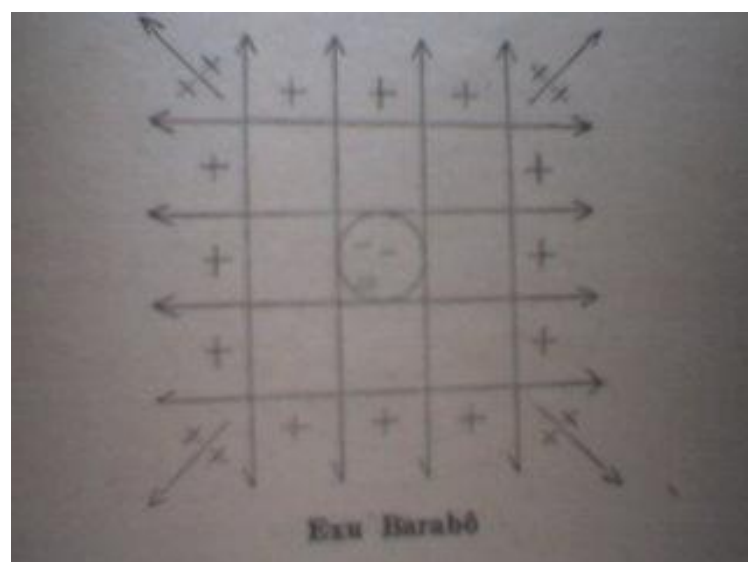
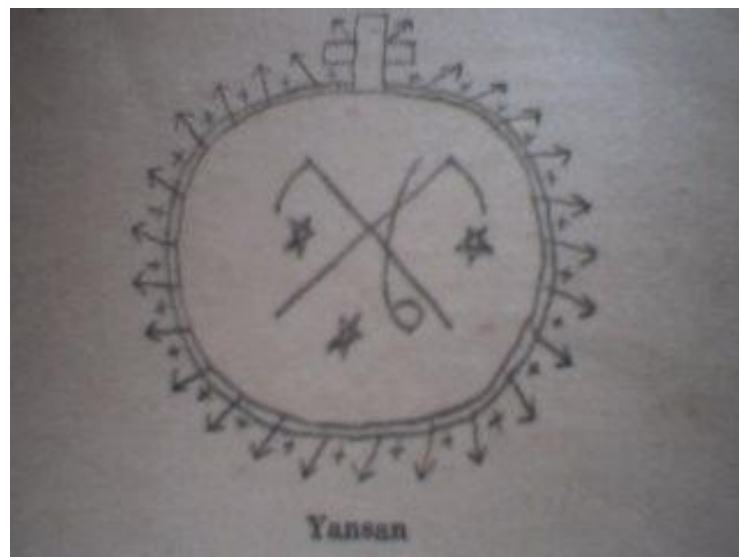
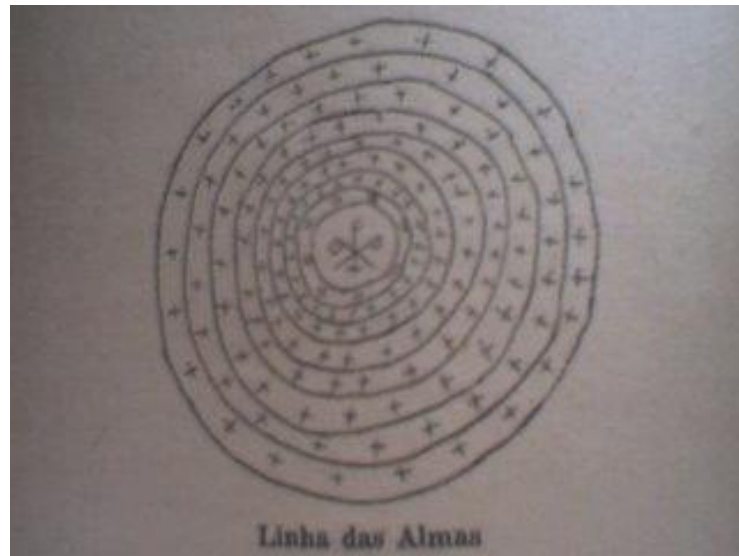
Oxôssi

Exu Barabô

Oxalá Guian

Linha das Almas

Yansan

Ibeiji

CAPÍTULO VII
LINGUAGEM DOS CULTOS DE UMBANDA

1. **Língua Geral Africana.**
2. **Pequeno vocabulário dos povos bantus.**
3. **Pequeno vocabulário nheêncatu**
4. **Vocabulário especializado lunda-quioco (angolense)**

1. LÍNGUA GERAL AFRICANA

Africano	Português
nironga ou mironga	segrêdo, mistério
ilubê	cabrito
edê	caranguejo
logosé, lanzoé, quinlanzoé	tartaruga – o cavalo marinho de Yemanjá
quipongo	sapo
agbô	carneiro, velho
calumba	menina
caiumba	meninota
banguelê	briga, desordem
macaia	erva
bonga	mesa farta, banquete
bongo, pongo	triste
mutamba	moça casadoira
zabelê	sujeito que se enfeita para namorar
mango	mentiroso
gunga	chefe, maioral
ngunga	sino
ibá	pó de ervas, raízes, ossos, cabelos, penas, etc.
quenga	vasilha
efifá	pó de besouros torrados
malamba	muitas desventuras ou dificuldades
matombo	montículo
samba	dança de invocação ao orixá
quitute	o bom e agradável
sarango, sambango	toleirão
cambuto	mão
quizonga	reunião, ajuntamento
calundu	tristeza, aborrecimento, resguardo de mulher parturiente
maconga	cantiga
cafunge	moleque sem vergonha
ongolê	arco-íris
bengo	rua estreita e tortuosa
muzambê	forte, vigoorso
axêxê	exéquias, ofício fúnebre
ocaia	mulher que já conheceu homem
guso	fôrça, compasso

Africano	Português
mangalô	feijão vondo da costa d´África
bamba	valente, forte
bambê	rebento de bambú
gôlo	forte
tontôlo	franco
mabáças	gêmeos
numbo	música, músico
agogô	sino
banda	barrete
chingo	pescoço
cuchica	tocar instrumento
cubabá	bater palmas
muxinga	açoite
bambará	bodoque, arco
bambaré	zoada, ruído
orobô	fruto de cola pequena
quiba	peludo, corpulento
sungar	puxar o catarro do nariz
gombo	advinho
camba	camarada, amante, amiga
eru	mêdo, terror
alabô	protetor, defensor
abatá	feira, mercado
ori	cabeça
batá	sapato
abilocó	mulher casada
ocó	marido
padê	despacho de Exu
mtumbí	cadáver
olorim	cantor
ialê	favorita, mestre de cerimônias
zungú	cova, buraco
quichinge	fonte
hochi	tirano, déspota
quicúsa	gago
gunocô	trovão, coisa ou pessoa que aparece de repente
quelé	gente à-tôa
keró	quiteto
farioló	falta de união
banan-banan	sujeito orelhudo, que quer saber de tudo
calundú	mal humorado
ucaiara	sem vergonha
mungongo	povo reunido, multidão
obomim	menino
balguidar	alguidar
adejá	campainha
epô	azeite de dendê
efun	farinha

Africano	Português
masa	água
oti	cachaça
ponche	charuto
coité	cuia
adulfo	pandeiro
atabaque	tambor
omelê	tambor pequeno
aiá	toalha bordada
axóte	saia
nanga	blusa
ôniban	polícia civil
matalungo	polícia montada
corimá	cantar
corimba	povo cantando
corimã	vento
kiumba	espírito perturbador
egun	espírito de morto
zumbi	espírito mau
camutuê	cabeça
fumulucá	saber, ver, olhar
umbirim	moço
dumba	mulher
matôco	homem
oiô	ôlho
ojô kokorô	ôlho grande (inveja)
amendundun	café
zara	fome
zara mi cota	estou com fome
cambira	perna
agô	licença
agô iá	licença tem
iabá	cozinheira do culto
tuiá	pólvora
ganga	valente
cacarucai	velho ou velha
jocô	sentar
êkê	mentira
dakê	calar a bôca
adidé	levantar
gira	rua, caminho
aruanda ou aruana	céu
vichê	comer
coreá	filho (Mina-Gêge)
quizilia	o que não se pode comer ou fazer
pepelê	altar de orixá
roncó	santuário, gongá, estado
jocô sibele	senta e cala
zacutá	casa

Africano	Português
canzuá	casa
canzó	casa
paranga	país, terra, estado
bacuro	orixá, santo
vumbi	morto recente
piu-piu	porco
candongueiro	tambor pequeno
goma-puita	tambor grande (caxambu)
orucungo	arco e cabaça, tocado com vareta
adiká	deitar
ominhô	água da chuva
sibarré	burro
kuziká	ato sexual
uamba	cuidado
quimbôto	sapo
quendá	morrer
cindolocá	quando eu voltar...
obé	punhal

2. PEQUENO DICIONÁRIO DOS POVOS BANTUS

Bantu	Português
acrepú	mão
anduro	fogo
alume	homem
angana	senhor, senhora
Angana-nzambi ou ambia-pongo	Deus
angana-iangue	patrão dono do serviço
aquenje	menino
araposse-arapossi	descanso, repouso
arengá	tarefa
arirê	canto
atanhara	alto (adjetivo)
atundá	alto (advérbio)
barundo	senhor, patrão
cambambe	veado, cabrita
calunga	mar
camuquengue	moleque
camundá	morro, monte
candamburo	galo
candimba	coelho
candonga	arenga, intriga
canguru	porco
canjira-canjerê	dança
canjonjo	beija-flor
capungo, túria	gente ruim

Bantu	Português
caqui	valente, feiticeiro, mestre
carimbamba	coruja
catiça	ajudar
catita	pequeno
caxicovera	doença, moléstia
combaro	lugar habitado
comboero	grota
conga	garrafa
congembo	morte, morrer
coropeca	dormir
copequera	pessoa ruim, imprestável
covicanda	conversar, escrever
cuata	pegar
cuendê	entrar
curiacuca	cozinheiro
curiandamba	velho
curima	serviço
itaco	assento, coxas
injara	fome
imbanda	feitor
jambá	ouro
jambi	capim
jambó	lama preta
lamba	desgraça, trabalho pesado
macuco	mulher velha e feia
manganguera	sem gordura
manjangue	irmão
maravir	terra
matombô	mandioca
mbambe	frio
mbanga	membro viril
mbembo	feitor, moço branco
mbungururu	estrêla
meprá	roça
mossoroca	chuva grossa
ndimba	cantador
nganga ou uganga	padre, feitceiro, curandeira
ngombe	boi
nguenda	pressa, pequena fuga
nhorrã	cobra
npuco	rato
njequê	capanga (sacola)
obingá	chifre
ocará	café
ocaiá	fumo
ochito	carne
ombera	chuva
ombingá	magro

Bantu	Português
ombiá	cigarro
omboá	cachorro
oique	rapadura
oenda	entrar
omenhá	água
omindes	eu
omerá	salgua
omungá	fogo
ondara	(em branco)
onga	alavanca
ongira	caminho, estrada
ongoró	cavalo, égua
oninga	mau cheiro
onjó	casa, rancho, cafua
ongombe	boi
onguro	porco
onjequê	milho
onjerê	cabelo
onjundo	marrão
oputá	parceiro, companheiro de serviço
onumuquachoangu	angu
oquepá	osso
orerá	toucinho
oringá	poeira
orononga	roupa
oronganga	soldado
oronganje	cachaça
orongoia	diamante
orongombe	boi
oropumgo	bateia
orossanje	galinha
orosimba	gato
orovanga	lenha
oroní	baeta
ossenhê ou senhê	a lua
ossemá	fubá
otatã	pai
otequê	dia
otiça	cativeiro
otombô	farinha de mandioca
ovê	você, o senhor
oviango	foice
ovicaiá	piçarra
oviní	mãe
pamba	valentão, poderoso
parongo	carneiro
pupiá ondaca	conversar na lingua africana
quimboto	sapo

Bantu	Português
quimbundo	negro
quipungo	chapéu
quissama	cemitério
rubudú	moinho
senguê	mato
tiadiambe	dia santo
tiapossoca	coisa boa
uandá	rêde
uanga	feitiço, coisa-feita
uanga de sincorá	feitiço de mulata
ungundo	pó
urundungo	pimenta
ouneme	grande
vigongo	torresmo
vinganga	arroz
vissepa	palha
vissungo	cantigas
bambazuó	provocações, insultos
cacimba	poço de água potável
calundú	aborrecimento, melancolia
cariá-cariapemba	o Diabo
gungunar	resmungar
malungo	da mesma idade, companheiro
sumbanga	João-Ninguém

OBSERVAÇÃO – Êsse dicionário, como já dissemos, foi recolhido por um escritor de folclore, em Minas Gerais. Muitas dessas palavras são conhecidas não só entre os Benguela como entre os Congos e os Angolas, todos do tronco Bantu.

3. PEQUENO VOCABULÁRIO NHEÊNCATU

Português	Tupi
homem	apgáua
mulher	cunhã
criança	taina
menino	curumi
pai	paia
filho	raüra
irmão	mú ou queuüra
irmã	rendera
avô	samunhã
sogra	raichó
alma	anga
Deus	tupã
Diabo	yurupary
casa	oca

Português	Tupi
mundo	uêra
terra (país)	retáma
capitão	tuxáua
governador	murucháua
rei	tupycháua
mato	caá
branco	tinga
prêto	pixúna
homem branco	cariua
mulher bonita	cunhã poranga
gente, povo	mirá
vila	tauá
terra (planeta)	Icuú
pote	camuti
alguidar	nheé
fogo	tátá
tabaco	pitima
flor	putira
panela	nhaé
espelho	miruá
sangue	tuhy
mão	pú
cabeça	acanga
gato	pixáua
rato	guabirá
cão	iauéra
môsca	merú
pomba	pecaçú
papagaio	parauá
pato	ipéca
porco	tanhaçú
cajú	acaiú
fava	comandá
cipó	xépô
tribo	mundurucú
dente	ránha
barriga	marica
barriga cheia	marica púra
mentira	poité
tripa	xié
espuma	xiriry
sopa de farinha e água	xibé
calça	chirúra
partes genitais da mulher	samatiá
membro viril	sacunha
eu	yché ou cha
tu	iné ou rê
êle	ahé ou hu

Português	Tupi
nós	yané ou yá
vós	penhê ou pe
êles	aitá
meu	sê
teu	nê
seu	rê (ou aitá)
nosso	iané
vosso	penhê
bom, boa	catú
mau	puxi
êste, esta, isto	quaá
aquêle, aquela, aquilo	nhaá
rêde	quis-áua
em, no	opé
dentro	pupé
ontem	quicê
hoje	uihy
depressa	curutê
cedo	cuité
então, naquele tempo	coité
sim	heén
não	inti
pão	müapé
sal	iukira
farinha	uhí
mel	ira
batata	iutica
algodão	amaniú
vinho	cauin piranga
dinheiro	cuiára
ouro	itajubá
cordão, corda	tupácãma
corda do arco	uirapará xãma
saquinho	matiri
tanga de pena	kuá xãma
anzol	piná
parente	anama
calor	çacú
frio	rui
mêdo	cekié
bengala ou porrete	miráçanga
ornato de cabeça	akãitar
carvão	tatá puinha
cesto	panacú
caixa	patuá
mesa	mirá péua
caixinha	patuá-mirim
prego	itapuã

Português	Tupi
fome	iúmaci
sêde	I cei
vergonha	ti
manteiga	ikáua
galinha	sapucáia
barco, navio	maracati
milho	auati
arroz	auatii
mandioca	maniáca
vassoura	tapixáua
pássaro	uirá
pé	pi
ôlho	ceçá
escravo, criado	miaçuá
árvore	iua
esteira	tupé
erva	capïi
tesoura	piranha
canoa	igára
valor (coragem)	piá uaçú
valor (valentia, fôrça)	kirimáua-çauá
pimenta	kiinha
vinagre	içái
coração	piá
braço	iiuá
mês	iaci (lua)
obra	munhançáua
tempo	ara
carne	coóquéra
quando?	mairmaé?
amanhã	uirandé
hoje	oiii
ontem	kuecé
ante-ontem	amukuecé
caminho	pé

---

do nascer do sol às 9 horas	coema
das 9 horas ao meio-dia	coaraci iuaté
meio-dia	çaié ou iandára
do meio-dia às 17 horas	ára
(Em branco)	carúca
das 19 horas à meia-noite	pitúna
meia-noite	piçaié
da meia-noite às 4 horas	pitúna pucú
das 4 horas às 6 horas	coema piranga
das 6 horas às 9 horas	coema

Português	Tupi
cotovêlo	iiuá penaçáua
costa	cupé
palma da mão	po pitéra
palma do pé	pi pitéra
louco	Aknaga aiua
amarelo	tauá
vermelho	piranga
azul	çuikira
verde	iakira
pardo	tuira
mestiço, mulato	cariuoca
espôsa	remirecó
cinza	tanimuca
jaboti	iáuti

4. VOCABULÁRIO ESPECIALIZADO LUNDA-QUIOCO (ANGOLENSE)

Lunda-Quioco	Português
raposa (gambá)	micura
espôso	mena
gavião	inaié
Zambi	Deus, o grande Deus
Cacimbo	Primavera, tempo fresco, de maio a agôsto
Mucanda	ritual de circuncisão
Mucanda	tratado, papel escrito
Mucho-iá-quimbongo	impôsto de trânsito
Chota	lugar de reunião para debate de problemas, Casa do Povo
Quimbanda	curandeiro, feiticeiro
Soba	chefe da aldeia e do povo
Marufo	vinho de palmeira
Muxito	pequena floresta
Gomas, puitas, chinguvos	instrumentos, tambores
Bamba	local da mucanda
Mulengues	pequeninos tambores
Ovindandas	meninos de 8 a 18 anos, candidatos à circuncisão
Muquixes	símbolos dos espíritos que velam pela mucanda
Mucanda-cangongo	os mistérios da Terra
Bemba	calmante de sabor agradável
Macólo	laranja azêda de Lunda, cuja polpa é poderoso cicatrizante
Muelas	celas de bamba
Muchos	pequenos cestos cônicos usados nas pescarias
Pemba	barro branco

Lunda-Quioco	**Português**
Muana	criança
Pô	mulher
Mucundu	barro vermelho
Chitange	prostituta
Mutópa	cachimbo d´água para fumante
Liamba	diamba, maconha
Mahambas	santuários
Ualecula	dança dos circuncisados
Atabaques	tambores
Banza	palácio do govêrno local, residência de soba

ANEXOS

I – A iniciação de Jesus Cristo
II – Oxún-Marê
III – Entrevistas
IV – Por que cresce a macumba no Brasil?
V – Lenda de Itaguaí

I

Ensinavam os Essênios:

> "A alma, descida do mais sutil éter, e atraída ao corpo por um certo encanto natural, nêle habita como umaprisão; liberta dos laçoes do corpo como de uma longa escravidão, ela alegremente via."

Quem eram os Essênios? Uma seita israelita que guardava a tradição esotérica e tinha dois centros principais: uma na Palestina (Ásia) e outro no Egito (África).

Os Essênios – diz Josefo – eram duma moralidade exemplar; esforçavam-se por reprimir tôda a paixão e todo movimento de cólera; sempre benevolentes nas suas relações, pacíficos, de boa fé. A sua palavra valia mais do que um juramento: assim, na vida ordinária, o juramento era por êles considerado supérfluo e como um perjúrio. Suportavam com uma admirável fôrça de alma e com o sorriso nos lábios as mais cruéis torturas, de preferência a violar o menor preceito religioso.

Jesus, no cumprimento de sua missão, procurou os Essênios, entre os quais passou muitos anos, exatamente aquêles sôbre os quais a Bíblia silencia. " Submeteu-se à sua doutrina, estudou com êles os segredos da Natureza, exercitou-se na terapêutica oculta e, para desenvolver o seu espírito, dominou inteiramente os sentidos. Nenhum dia se passava sem que ÊLE meditasse sôbre os destinos da humanidade e não se interrogasse a si mesmo."

Mostrou-lhe o patriarca dos Essênios esta passagem do livro de Henoc (capítulos XLVIII e LXI): "Desde o princípio, o Filho do Homem existia no mistério. O Eterno guardava-o à beira do seu poder e manifestava-o aos seus eleitos... Mas os reis ficarão aterrados e prostarão sua face contra a terra e tomá-los-á o espanto quando virem o **filho da mulher** assentado sôbre o trono da sua glória... Então, o Eleito chamará tôdas as fôrças do céu, todos os santos do alto e o poder de Deus. Então, os Querubins, os Serafins, os Ofanins, todos os anjos da **fôrça**, todos os anjos do Senhor, isto é, do Eleito, e da **outra** fôrça, que servem sôbre a terra e ao de cima das águas, levantarão suas vozes."

O Senhor dos espíritos é o Pai, Deus; o Eleito é o Filho, Jesus Cristo, e a outra fôrça é o Espírito Santo.
Em linguagem africana: Zâmbi, Oxaguian, Ifá.

A cerimônia da iniciação de Jesus Cristo, na seita dos Essênios, é assim descrita pelo grande escritor religioso Eduardo Schuré:

-“Foi uma noite memorável para a ordem dos Essênios e para o seu novo adepto aquela em que recebeu, no mais profundo segrêdo, a **iniciação superior do quarto grau**, aquela que não se concedia senão no caso especial de uma missão profética, desejada pelo irmão e confirmada pelos Anciães. Reuniram-se numa gruta, talhada no interior da montanha, grande como uma vasta sala, tendo um altar e cadeiras de pedras. O chefe da ordem presidia acompanhado de alguns Anciães. A revêzes, duas ou três essênias, profetisas iniciadas, eram também admitidas à cerimônia misteriosa. Empunhando fachos e palmas, saudavam o novo iniciado vestido de linho branco, como o “Espôso e o Rei” que elas haviam pressentido e que viam talvez pela última vez! Em seguida, o chefe da ordem, ordinàriamente um velho centenário (Josefo diz que os Essênios viviam muitos anos) apresentava-lhe o **cálice de ouro**, símbolo da iniciação suprema, que encerrava o **vinho da vinha do Senhor**, símbolo da inspiração divina. Alguns diziam que Moisés com os setenta bebera dêle. Outros faziam-no remontar até Abraão, que recebeu de Melquisedeque essa mesma iniciação, sob as formas do pão e do vinho. Nunca o Ancião apresentava a taça senão a um homem no qual tivesse reconhecido com certeza os sinais de uma missão profética. Mas esta missão, ninguém lha podia definir: êle devia por si mesmo encontrá-la, visto que tal era a lei dos iniciados: nada pelo exterior, tudo pelo interior. Doravante, era livre senhor das suas ações, liberto da ordem, êle próprio hierofante, entregue ao vento do Espírito, que podia arremessá-lo ao abismo ou elevá-lo aos cimos, superior à zona das tormentas e vertigens.

Quando após os cânticos, as orações, as palavras sacramentais do Ancião, o Nazareno tomava o cálice, um clarão lívido da aurora, deslizando por uma anfratuosidade da montanha, passou num tremor sôbre os fachos amarelecendo as compridas túnicas brancas das moças essênias. E elas estremeceram quando êle poisou sôbre o pálido Galileu. Então o seu belo rosto foi envolvido por uma grande tristeza. O seu olhar, perdido no vago, dirigir-se-ia aos doentes de Siloé, e acaso, no fundo dessa grande dor sempre presente aos seu espírito, entreveria êle já o seu destino?”

Na caverna de Engandi, Jesus teve uma visão. Perguntou êle “Por que sinal vencerei as potências da terra?” – Pelo Sinal do Filho do Homem – respondeu uma voz do alto. “Então uma constelação brilhante surgiu no horizonte. Ela tinha quatro estrêlas em forma de cruz. O Galileu reconheceu o sinal das antigas iniciações, familiar ao Egito e conservado pelos Essênios.”

A vida pública de jesus consta dos Evangelhos. Mas o seu ensino secreto, reservado aos Apóstolos, êsse penetrava até à raíz das verdades esotéricas dos Essênios. As curasque operou têm sua explicação na terapêutica oculta, ajudada pela sua missão divina. “A medicina ordinária combate os males do corpo acionando sôbre o corpo. O adepto ou o santo, sendo um foco de fôrça espiritual e fluídica, opera diretamente sôbre a alma do doente, e, pelo seu corpo astral, sôbre o seu corpo físico. A cura física torna-se assim a contraprova de uma cura moral.”

O ensino esotérico de Jesus Cristo, Oxalá Guian, concorda com a doutrina pura da Umbanda. Cristo aperfeiçoou e renovou a tradição esotérica universal, que constitui o fundamento de tôdas as seitas religiosas.

II

OXÚN-MARÊ

Neste céu azul e lindo de nossa terra, parece que o Arco-Íris ganha maior beleza quando os raios luminosos do Astro-Rei atravessam o ar cheio de partículas de água das chuvas recém-caídas. Não lhe apreciamos apenas as maravilhas do colorido multicor, assim como as crianças dizem levar o “Arco da Velha”, água, para os desertos, no fim do mundo onde termina o Arco-Íris. Para os africanos, porém, êsse fenômeno tem um nome e significação diferentes. Seu nome é **OXUM-MARÊ** e sua incumbência é transportar água da Terra para o “Palácio Ardente” das nuvens, propriedade de Xangô. Ali, naquele Palácio, o grande Orixá reside com suas irmãs Obá, Oxum e Oiá, que foram conduzidas à mansão encantadas nas asas do poderoso Afefê, do Vento!
É assim que a mitologia negra da África dos “babalaôs”, dos rituais cerimoniosos dos ebós, das lendas dos Marabus e dos orixás define o “Arco-Íris, ou o “Arco da Velha”. Está aí porque os negros-brancos nascidos sob os céus da sagrada Yorubá, quando vêem no firmamento a faixa recurva das 7 côres, prostam-se e entoam respeitosamente o seu “hino a **OXUN-MARÊ**.

OLINDA VALLE

A LENDA DO ARCO-ÍRIS
Página folclórica de ROGÉRIO NASCIMENTO

Oxun-Marê – ô!
Oxun-Marê – ô!
Servidor do Palácio Real
De Xangô
De oxun
De Obá
E Oiá, eh!...

Quando Oxun-Marê
Leva água da Terra a Xangô
Vê passar Afefê
Que Oiá pras alturas levou!
Oxun-Marê – ô!
Oxun-Marê – ô!
Oxun-Marê – ô!

III

ENTREVISTAS

Julgamos útil transmitir aos leitores algumas opiniões de umbandistas, que seguem a tradição antiga da lei de Umbanda.
O nosso primeiro entrevistado foi

JOSÉ ALCIDES

José Alcides, fundador da Confederação Espírita Umbandista, é conhecido como um elemento que se bate pela restauração do ritual verdadeiro. Disse-nos êle: - "A Umbanda, sendo uma religião primitiva, no sentido de antiga, necessita de que nós, descendentes dos africanos, trabalhemos pelo restabelecimento da tradição religiosa de nossos maiores.

Os africanos muitos fizeram pela nossa Pátria, em todos os setores de atividade. Segundo revela o escritor Alberto Rangel, até mesmo o grande Duque de Caxias trazia em suas veias de nobre do Império o generoso sangue africano. Aqui estamos para auxiliar, por todos os meios honestos, os nossos irmãos e patrícios, sem demagogia multicor. O que nos interessa, a nós que amamos profundamente o Brasil, é a união sagrada de todos os umbandistas, não só brasileiros, mas de todo o universo. O sentimento religioso é necessário para elevar a humanidade ao ideal da perfeição."

ELISIÁRIO JORGE

Conhecido chefe de terreiro, Elisiário Jorge não se recusou a declarar: - “Sou **filho de santo** do Velho Pedro, que hoje baixa nos terreiros como **cacarucai**, para instruir os umbandistas. A propaganda do centro era resultante dos “trabalhos” efetuados. Vinha gente de São paulo e até do estrangeiro, atraída pela fôrça espiritual do babalaô. Em homenagem ao Velho Pedro, funciona agora em Caxias, no Estado do Rio, o “Centro S. Pedro”, em Embariê, onde o “cacarucai” costuma baixar, quando encontra médium apropriado.

CAPICHABA

Capichaba é como se chama, nos terreiros, Francisco da Silva Lourenço, chefe do terreiro “Ogun Megê”, em S. João de Meriti, “filha de santo” do babalaô Fuquêdo. Declarou-nos Capichaba: “O meu terreiro é de Omolocô. Tenho especial cuidado com o treino dos ogans, que devem conhecer todos os pontos cantados e riscados dos orixás. Conservamos ainda êste costuma antigo: quando entra alguém no terreiro, ou um orixá arria sem dar o nome, o ogan tira êste ponto:

Umbanda peregunta sua nome
Umbanda peregunta sua banda

A manutenção de um terreiro dá muito trabalho. Como os senhores sabem, há orixás que só arriam de meia noite em diante. Outros só aparecem de 6 em 6 meses, ou de ano a ano. Exu, porém arria em qualquer dia e a qualquer hora. Mas os orixás de grande fôrça não arriam de dia. Está claro que não me refiro aos “santos de gabinete”, que se submetem a horários certos, dia tal, hora tal, até mesmo pelo telefone. Enfim...”

LEANDRO

Leandro Barbosa conhece a lei antiga. Disse-nos: “Devemos levantar a tradição da Umbanda, como era praticada pelos velhos babalaôs, como Miguel Bomboche, Sodré, leocádia, Tia Ximba, etc. Nessa época, havia o respeito, a união, o acatamento aos cabeças maiores. Vou contar o que aconteceu em um terreiro. Duas senhoras procuraram o centro no intuito de se desenvolver, mas queriam horário certo. Ora, o médium que deseja se desenvolver se entrega à sua missão. Quando recebe o orixá, êste pode ficar o tempo que entender. Como desejavam se desenvolver, com horário marcado? Conhcei terreiros famosos, como, por exemplo, o de Sinhá, freqüentado por Manoel Bertolino, Jão Macuco e outros. Todavia, observei casos, em outros terreiros, de auto-sugestão, ou fingimento inconsciente... A Umbanda tem muitas **mirongas”.**

RESENDE

José de Souza Resende sente-se satisfeito com os progressos da Umbanda. Prefere a Linha das Almas. “Acho a Confederação Espírita Umbandista muito necessária. A Umbanda só pratica o bem. Conforte o espírito e abre os caminhos para vencer as dificuldades. Quem tiver vocação para a vida religiosa, deve segui-la. Dou todo o meu

apoio à Confederação Espírita Umbandista". E assim falou o policial da Vigilância da prefeitura do Distrito Federal.

MANUEL GERVÁSIO

Velho baiano, manuel Gervásio Nicásio já viu muita coisa. No Recôncavo, em Santo Amaro, na Bahia, conheceu a velha Umbelina, que cuidava das pedras de Xangô e de Iansan. No quintal do terreiro, havia um monte de pedras polidas, de vários formatos e côres. Pedras de Iansan e pedras de corisco. Depois de visitar centenas de terreiros, acha que a tradição deve ser restaurada.

ERNESTO SILVA

1º Secretário da Federação Espírita Umbandista do Estado do Rio de Janeiro. Umbandista firme, companheiro leal e dedicado, Ernesto Lourenço da Silva muito tem trabalhado no sentido de elevar socialmente a Lei de Umbanda. Pensa êle que os membros da seita devem aperfeiçoar seus conhecimentos religiosos e seguir fielmente a tradição antiga.

LUIZ FREITAS DA ROSA

(presidente da Federação Espírita Umbandista do Estado do Rio Grande do Sul)

A Confederação Espírita Umbandista, de âmbiro nacional, e que segue as instruções do **SUPREMO CONSELHO NACIONAL DE UMBANDA**, credenciou, a pedido de muitos centros, o irmão Luiz Freitas da Rosa para organizar a Federação Espírita Umbandista do Rio Grande do Sul.
O representante da C.E.U. encontrou a melhor e mais fraternal acolhida, por parte das autoridades, dos jornais, das emissoras e dos espíritas umbandistas, em geral.
Assim, a Confederação sente-se no dever de agradecer o elogiável espírito cooperativo dos jornais "Saravá", "Diário de Notícias", "Correio do Povo", das emissoras "Rádio Gaúcha" e "Rádio Farroupilha", do exmo. Sr. Chefe de Polícia de Pôrto Alegre, dos srs. Delegados de Polícia de Novo Hamburgo e de São Leopoldo.
Ressaltou ainda Luiz Freitas da Rosa, a atitude do conhecido locutor Guerra, da popular Rádio Gaúcha, do dr. Romero e de d. Ermelinda, diretores do "Centro Luz Astral", de Pôrto Alegre, e de centros de grande fôrça espiritual, como o "Centro Tupaíba". O "Centro Tupinambá", o "Centro São Sebastião", etc.
Disse-nos Luiz Fretias da Rosa: - "Ingressei na Umbanda por ser uma doutrina verdadeira e que traz o bem estar espiritual aos crentes que se congregam para a prática da caridade. **A Umbanda é o caminho mais curto e luminoso que conduz ao nosso Pai Eterno."**

BABALAÔ RAIMUNDO MORENO

Encontra-se no Rio de Janeiro, procedente da Bahia, o conhecido babalaô Raimundo Moreno, entendido nos rituais Kêtu e Angola, e que instalou o seu terreiro à rua Ramiz Galvão nº 6, na estação de Anchieta. O terreiro tem a denominação de "Caítumba".
Disse-nos Raimundo Moreno: - "Estou plenamente de acôrdo em tudo fazer pelo progresso e expansão dos cultos africanistas na América. Encontro grande diferença entre

as práticas da antiga “cabala” africana e os mistificadores do Espiritismo racional. Na minha opinião, apresento os três pontos a debate: 1º - os nomes dos orixás devem ser traduzidos em português; 2º - quando se apresentar a necessidade de cura espiritual, o paciente deve ser levado a um médium consciente; 3º - o chefe de um terreiro deve saber como abrir e fechar os trabalhos. Desejo contribuir para o entendimento do Nagô, do Omolocô, do Kêtu, do Ijexá, do Gêge, etc. Por outro lado, dou meu inteiro apoio à Confederação Espírita Umbandista, que está tomando providências para a realização do Congresso Espírita Umbandista.”

CANUTO SILVA

O jornalista Canuto Silva, filho espiritual da famosa “Casa das Minas”, maior esteio do culto Mina-Gêge de São Luiz do Maranhão, disse-nos:

- Infelizmente, até hoje, no Brasil, gente boa contitua a pensar como aquêles pobres de espírito, condenados à eterna escuridão, que a Umbanda é uma crendice de bárbaros, de negros inferiores, como eram considerados os escravos aqui trazidos. Mas a História demonstra que a Umbanda é, ao contrário, a matriz de muitas religiões espiritualistas agora existentes. E assim repetimos: Saravá Olôrun, Saravá oxalá, Saravá todos os orixás, para a proteção e defesa de todos os filhos de Umbanda, a fim de que, ao invés de vencermos ou derrotarmos os nossos inimigos, para todos êles possamos ter sempre piedade, para ajudá-los nas provações que trouxeram, no caminho da purificação espiritual que, através das gerações, um dia hão de obter, por amor da Terra e da Humanidade.”

OS FILHOS DA “LINHA DAS ALMAS”

No texto dêste volume, tratamos resumidamente, da Linha das Almas. Os instrumentos usados nessa Linha são típicos, não havendo atabaque (tambor), mas o reco-reco (conhecido por “macumba”). Nessa Linha, dança-se ora de joelho, batendo no peito, ora em roda do Cruzeiro.
Conforme explicamos, é uma legião de espíritos dos antigos babalaôs, gangas e tatas, sacerdotes da Umbanda.
Entre êsses **tatas**, destacam-se Napoleão José do Nascimento, Benedita do Nascimento, Hortênsia Maria da conceição e outros, que nunca admitiram mistificações na zona onde trabalahram, em Madureira e Oswaldo Cruz. Foi o pessoal da Linha das Almas que criou a famosa Escola de Samba da Portela.
Procuramos ouvir, além dos filhos dêsses **tatas** falecidos, o **tata** vivo, Ilidio José dos Santos, que nos dis-disseram:

- Hoje a maioria dos terreiros não passa de casas de exploração legalizada, pois qualquer um, sem ter conhecimento da seita, registra seu terreiro, com o nome de Centro ou Tenda dêste ou daquele santo ou caboclo, sem ao menos saber o significado do patrono escolhido. Abusando da liberdade religiosa, assegurada pela Costituição, instalam casas bonitas, bem organizadas materialmente e atraem freguesia de pessoas de tôda categoria. Êsses clientes procuram lenitivo para sua alma ferida, mas deixam dinheiro bem sonante nesses centros luxuosos de exploração.

Sabemos que a Confederação Espírita vem trabalhando para que essa irregularidade desapareça, pois concorre para o descrédito da seita. Para acabar com êsses mistificadores e com a atuação de falsos umbandistas, será necessário que todo o chefe de terreiro faça prova de ser iniciado nos cultos umbandistas. Pode alguém abrir um templo católico ou protestante, sem autoridade eclesiástica competente? Evidentemente, não.
Todavia, qualquer sujeito esperto, sem conhecer a religião de Umbanda, sem ter o grau de sacerdote, reconhecido por um conselho de sacerdotes (que no caso, pode ser o Supremo Conselho Nacional de Umbanda, já criado) entende de abrir um terreiro de Umbanda e o consegue. Daí a confusão estabelecida entre a verdadeira Umbanda, o baixo espiritismo e o curandeirismo.

O tempo vem modificando o nosso ritual, com a entrada dêsses intrusos. Antigamente, as grandes festas consistiam no fechamento do terreiro antes, e na sua reabertura depois, da Quaresma.

Passada a Quaresma, depois da festa de reabertura, vinha a do santo protetor do terreiro e, a seguir, a do orixá do dono da casa. Festas extraordinárias, deslumbrantes, dando ensejo à apresentação de ricas **urunangas** (vestes do ritual) eram as de inidiação de **iaôs e iabaôs** ou de **coroados** (na Linha das Almas). As cerimônias de iniciação atraíam a fina flor da Umbanda. O desenvolvimento, depois, do novo "filho de santo" era de caráter secreto, ao som da "macumba" e das palmas.

As reuniões públicas eram realizadas na primeira sexta-feira de cada mês, sendo atendidos primeiramente os filhos do terreiro e depois os demais presentes, entre os quais os necessitados, que nada pagavam pelos "trabalhos" que pediam, comprometendo-se a fazê-lo, quando melhorassem de situação.

Hoje, tudo está mudado para pior. Não obedecem mais à Quaresma nem a lei do silêncio. Terreiros há que batem tambores a qualquer hora e em qualquer dia. Não raro, vêem-se nas encruzilhadas farofa, animais prêtos e cachaça; as praias aparecem cheias de velas, dando motivos a piqueniques noturnos; nas cachoeiras, pessoas bem intencionadas tomam banho e depois se embrenham nas matas sujeitas a mordeduras de cobra e afogamentos, como já tem acontecido.

Essa deturpação do ritual da seita é obra de fanáticos, que obedecem a ordem de "kiumbas" (espíritos maus), que se fingem de "pais velhos" na cabeça fraca de inconscientes.

Aliás, essa deturpação atinge também à Linha das Almas.

Tendo percorrido numerosos centros, vimos em muitas casas pessoas mal intencionadas, que se infiltram no recinto para fins de propaganda do credo suspeito de Moscou, e procuram, com astúcia, a intervenção da polícia no fechamento do terreiro. Algumas autoridades policiais ainda não compreenderam tôda a sordidez da manobra dêsses inimigos de tôdas as religiões. Fechado o centro ou a organização religiosa, preparado o "escândalo" nos jornais, o comunista descarado recomeça a sua tarefa maldita e sopra nos ouvidos incautos a insinuação de que a nossa seita não goza de prestígio nem de amparo social e de que mais vale não ter religião alguma.

Os umbandistas verdadeiros devem repelir de seu meio êsses inimigos de Deus, que vêm com o sorriso nos lábios e amaldade no coração. Êsses escravos de Moscou enganam os simplórios, mas não os protetores de luz, que já nos avisaram da aproximação dêsses malfeitores.

O nosso povo não desconhece o valor das nossas matas, de nossas florestas e de nossas águas, onde há lendas que bem traduzem a fôrça que temos, sem precisar da orientação de povo estranho, orientação que visa destruir tamamnha riqueza.

Acompanhar as idéias satânicas dêsses impatriotas, é querer apagar das páginas da história de nossa Pátria os nomes dos heróis, nossos antepassados, que muito fizeram pela libertação desta terra abençoada. Reverenciemos a memória sagrada de Ararigibóia e Cunhambebe, Kiva e Laiá (município de Itajaí), no Estado do Rio; a tribo de Camorim, em Jacarepaguá; Vital de Negreiro, Henrique Dias, Felipe Camarão e tantos outros, que, salvaguardando o ideal da liberdade, lutaram pela nossa soberania. Como prova de lealdade, aniquilados uns, fugitivos outros, não trocaram a sua bandeira nem renegaram seus costumes.

IV

POR QUE CRESCE A MACUMBA NO BRASIL?

Em reportagem sob o título acima, o jornalista Carlos Galvão Krebe examina, no nº 50 (28 de março de 1953) de **MANCHETE**, as causas principais da disseminação da macumba no Brasil.

O autor, com muita honestidade científica, constata que, enquanto cresce o prestígio da macumba, diminui o anafalbetismo. Pedimos vênia ao ilustre confrade para transcrever, em seguida, um trecho de seu magnifíco trabalho:

- "Há várias causas, segundo pudemos compreender em estudos que vêm durando cinco anos. Estudos que vão, desde a bibliografia especializada, até o conhecimento, e de presença, de várias casas de culto em Pernambuco, na Bahia, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul.

A primeira delas, e que nos parece fundamental, é o contato direto com a divindade, proporcionado pelo culto fetichista. Nas outras religiões, monoteistas de maneira geral (*), êste contato da criatura com o Deus único é muito remoto, estabelecendo-o através da prece e da comunhão em algumas. Sem dúvida, na elevação, o sacerdote católico – por exemplo – diz "êste é o meu corpo, êste é o meu sangue", referindo-se à hóstia e ao vinho. Não obstante, mesmo que o milagre da transubstanciação se verifique, a hóstia e o vinho continuam aparecendo como tais aos olhos físicos de todos. Ainda que o crente comungue com Deus, esta comunhão exteriormente é sem manifestações sensíveis.

---

* Não concordamos com a classificação de "fetichismo" à religião de Umbanda, que tem todos os característicos de uma religião evoluída, com sua antiga doutrina, seu ritual, sua hierarquia sacerdotal. Além disso, a Umbanda não é politeísta e sim monoteísta. Aliás, a quando ainda os povos da Europa se achavam mergulhados no politeísmo, já o continente africano conhecia o monoteísmo. Deus é o Supremo, Olorun entre os Nagôs, Zâmbi entre outras nações bantus. Na Umbanda, só há um Deus.

Ora, no fetichismo brasileiro, herdado dos africanos, tudo se passa ao contrário. O crente, se é “feito”, isto é, se é “filho”, “mãe” ou “pai de santo”, pode receber – e recebe geralmente – no seu próprio corpo a visita da divindade: é o fenômeno do transe, da possessão, da baixa do santo. Todos os circunstantes vêem com os seus olhos, e no sentido mais estrito, um deus baixar ao corpo de um fiel, abençoar a um e outro dos presentes ou mesmo fazer oráculos.

Já pensaram alguma vez, os que não têm intimidade com o assunto, na fôrça convincente dêste fato? Sabem o que significa para o mortal beijar as mãos do corpo humano no qual está visivelmente, por maior ou menor espaço de tempo, o deus seu protetor? Imaginam o valor da possibilidade real de dizer-se a deus, de viva voz os problemas de angústia, e de viva voz dêle o consôlo e o conselho?
No Rio Grande do Sul ainda subsiste a crença de que o possuído, o “cavalo de santo” não deve saber que recebe a divindade, sob pena de morrer ou de – na melhor das hipóteses – endoidecer. Mas do Rio de Janeiro para cima êsse velho preconceito africano vai desaparecendo gradativamente ou já está quase extinto de todo.
Neste caso, o crente **SABE**, com a maior naturalidade, que o seu deus protetor baixa e se apodera de **SUA** cabeça, de **SEU** corpo. Neste caso, a comunhão da criatura com a divindade é total, absoluta, como nenhuma outra religião pode oferecer, salvo o espiritismo, com relação aos “espíritos guias”.

Outra razão da pujança crescente do fetichismo está na atração do sobrenatural, do mistério por assim dizer tangível, do milagre que a possessão é. E não milagre que tenha ocorrido há séculos, ou que aconteça em lugar onde não estamos. Não. É milagre que acontece debaixo do nosso nariz, tôdas as noites, aos montões. E essa atração do sobrenatural, para o homem, que vive sempre prêsa da angústia do “outro lado” da vida terrena é quase irresistível.

Outra causa que explica a vitalidade do fetichismo é um sentido para a vida, uma garantia contra os males e as necessidade que êle oferece ao crente, uma vez atendidas as prescrições rituais e as determinações dos “santos”, como acentua Melville J. Herkovits, tudo pode ser resolvido.

Ainda é Herskovits quem aponta outra razão para a fôrça das “casas de nação”; a necessidade profundamente humana de uma posição de prestígio social, desfrutado pelas chefes de culto, prestígio êste ao qual se ajustam, inconscientemente, todos os adeptos. A criação de valores estéticos, também para Herskovits é outra causa de atração dos “terreiros” fetichistas. O ritmo, o canto, a dança, as vestimentas coloridas, as grandes festas públicas com uma assistência vibrante, isso se combina para proporcionar o prazer e a tensão emotiva de que em outras culturas, se encarregam o teatro e o cinema, os concertos e a ópera”.

Uma causa sutil, mas muito ponderável, da disseminação do fetichismo, é a fusão crescente, o sincretismo tendente a uma aglutinação completa de tôdas as crenças existentes no Brasil. Já Arthur Ramos denuncia isso. Em Pôrto Alegre, no Abrigo Espírita São Francisco de Assis, culto umbandista chefiado até a morte pelo irmão maior Laudelino de Souza Gomes, encontramos misturados (1948) elementos bântus, gêges, iorubanos, católicos, ameríndios, protestantes, espíritas e exotéricos.
Cada elemento dêsse sincretismo é um ponto de contato entre o fetichismo e os crentes de culturas diferentes e de outras religiões. Desta forma aumenta fabulosamente as

possibilidades de proselitismo: não é como pescar à linha, mas sim – pescar com espinhel.”

V

LENDA DE ITAGUAÍ

Itaguaí começou a existir, para a sua história, desde 3 de dezembro de 1670, quando ali chegaram cêrca de 400 índios, trazidos do território do Espírito Santo pelos padres jesuítas Nóbrega, Cruz e um outro cujo nome se perdeu. Para sede da aldeia, escolheram o morro denominado “Cabeça Sêca”, situado entre os rios Itingaçu e entre o monte mais alto ao Norte e ao mar ao Sul.

Nesse local de panorama maravilhoso, oferecendo na linha do horizonte matizes de côres variegadas, foi que estabeleceram a sede da Aldeia do Itinga. No mesmo dia 3 fincaram a cruz, onde ainda hoje resplandece a igreja de São Francisco Xavier.

Havia mister de outra cerimônia, muito cara aos corações indígenas: a escolha do chefe de tribo, e de sua companheira. Venceu o índio mais forte e audaz, **Quiva,** e a índia mais bela e jovem, **Laiá**. Em seguida, os padres batizaram a terra, cerimônia também procedida pelo casal reinante da tribo.

Após essa última solenidade, Quiva e Laiá ausentaram-se da tribo por onze sóis e onze luas, percorrendo as terras que lhes haviam sido doadas. Assim, subiram pela margem esquerda do rio Itingaçu, foram até o alto do Pouso Frio, a 1.036 metros de altitude, quebraram para a direita, chegaram até ás nascentes do rio dos Macacos, desceram pela margem direita até o rio Gandu, daí até à margem direita do rio Gandu-Mirim. Daí, voltaram para a direita até a margem esquerda do rio Itaguaí, desceram em direção ao mar, passando para as ilhas de Itapuca, Itapuca Poronga, Socó Mirim e Sapiavera. Daí regressaram à foz do rio Itingaçu, demarcando para o atual Município de Itaguaí a área de 725 km2.

Na aldeia, foram recebidos com grandes festejos.
Achava-se Laiá narrando as peripécias da longa viagem – a luta de Quiva com uma onça no alto do Pouso Frio, o assalto de um enorme jacaré no ri Gandu, as pescarias nas Ilhas – quando chega correndo uma sentinela anunciando que homens brancos, maus, estavam invadindo as terras da Aldeia. Então, pela primeira vez, Quiva lança o seu grito de guerra – **Itaguaí!** Imediatamente reúne os seus guerreiros e parte ao encontro dos invasores, travando-se feroz combate às margens do rio Itaguaí, durante dois dias. Os invasores, sentindo qaue seriam derrotados batem em retirada, perseguidos logo pelos guereriros de Quiva até à Fazenda de Santa Cruz, que foi submetida ao cêrco dos índios.

Nesse interim, chega um emissário da tribo, comunicando que Laiá estava à morte. Quvia levanta o cêrco e regressa à Aldeia de Itinga, onde, de fato, encontra Laiá desmaiada. Quiva ordena ao **pagé** (sacerdote e curandeiro) que salve a moça. Então o pagé falou:

> - Laiá está envenenada. Para salvá-la, é preciso que um índio ou uma índia beba o sangue de Laiá de mistura com uma erva que conheço. Quando êle ou ela se sentir tonto, tem de rasgar uma veia para dar seu sangue, de

mistura com outra erva, para Laiá beber. Laiá ficará boa, mas quem beber seu sangue morrerá."

Incontinenti, Quiva se prepara para o sacrifício. O seu sangue generoso jorra no **cuité**. Tonto, pressentindo a morte, ajoelha-se e êle mesmo leva o cuité aos lábios de Laiá. Depois tenta falar, mas cambaleia, lança pela última vez seu grito de guerra e tomba morto ao solo. E assim morre o herói.

Daí a minutos, Laiá desperta, já restabelecida. Sabendo de tudo o que acontecera, abraça o seu amado, levanta-se, entra na mata próxima e volta com uma braçada de papoulas brancas e com elas cobre o cadáver de Quiva. A seguir, entoa um cântico em que promete à Natureza guardar virgindade eterna. Despede-se da tribo e se embranha na mata. Todos querem detê-la, mas o pagé intervém dizendo: "Deixem que Laiá cumpra o seu destino. Quando estas flôres se tornarem da côr da flor do maracujá, Laiá morrerá".

Prosseguem pela noite a dentro os rituais do funeral de Quiva. Pela manhã, quando o Sol surgia no horizonte, todos gritaram: Laiá está morta.

E o pagé falou pela última vez: "Morto Quiva, morta Laiá. Não mais existirá a tribo dos Itingas. Brancos maus a invadirão, destroçarão tudo, matarão todos os índios. Só daqui a muitos sóis e muitas luas será cantada a história da tribo dos Itingás".

Sentiram os índios que o pagé estava profetizando, atemorizados, duspersaram-se pela mata. Mas, no combate de Quiva com os invasores, ficara ferido um índio de 10 anos de idade. Recolhido, tratado e educado pela família Souto Mayor Rendon, recebeu o nome de José Pires Tavares. Aos trinta anos, sentiu saudades da terra. Obteve permissão das autoridades para restabelecer a sua tribo dispersa. Já a Aldeia prosperava a olhos vistos, quando começaram a circular rumores de que o pessoal da Fazenda Santa Cruz tramava trucidaros habitantes da aldeia. José Pires Tavares, apesar de já casado com uma índia e tendo uma filha, resolvei aceitar a luta.
Para isso, vendeu quanto possuía, atravessou São Paulo a pé, chegou à Bahia e de lá embarcou rumo a Portugal.
Recebido no Paço Real, conseguiu da rainha D. Maria I uma carta de proteção aos índios da Aldeia de Itinga, em Itaguaí.

Na ausência de José Pires Tavares, cumprira-se a profecia do pagé. Achavam-se os índios, em uma noite soturna, reunidos em tôrno da capela da Aldeia, quando de surprêsa, surgiram os homens da Fazenda Santa Cruz, acompanhados de fôrça policial. Foi uma chacina hedionda. Nada respeitaram os bárbaros invasores, nem sexo nem idade. Os índios e as índias foram amarrados, embarcados em canoas e jogados na praia de Mangaratiba.

Quando José Pires Tavares regressou de Portugal, mada mais encontrou na antiga Aldeia dos Itingas. Nem amigos, nem a espôsa, nem a filha. Profundamente abalado pela tremenda injustiça, deixou-se morrer de inanição, de fome e de sêde. Eassim foi extinta a tribo dos Itingas.

Correm os tempos... Itaguaí foi erigida em Vila, por Alvará do magnânimo monarca D. João VI, em5 de julho de 1818. Mais tarde, foi elevada à categoria de cidade.

Hoje, Itaguaí prospera a passos largos. Ràpidamente está se tornando um parque industrial, com fábricas de tecidos, de cerâmica, de aço laminado, dispondo, para isso, de muitas quedas d´água. Possui fazendas de lavoura e de gado, estabelecimentos de ensino, clubes recreativos, escolas de samba, enfim, uma vida muito variada em seus aspectos. Em Itaguaí nasceram, entre outros vultos notáveis, o Conde de Itaguaí, o marechal Olímpio da Silva, o almirante Barão de Teffé, o conselheiro Andrade Figueira, o Conde da Motta Maia, Luiz Murat, Francisco Braga, maestro, Zeferino da Costa, pintor laureado, Taciano Basílio, Sá Freire, Baronesa de Peixoto Serra, etc.

Em 1949, sendo prefeito de Itaguaí o dr. José Maria de Brito, êste determinou solenes festejos do 131º aniversário de fundação do Município, como a reconstituição histórica de Itaguaí, desfiles escolares e dos atletas do Arsenal da marinha, festas populares, etc., para cuja realização contou com uma comissão no Distrito Federal, constituída, entre outros, de Tancredo Silva, José Alcides, Ernesto Silva, Byron Freitas.

A lenda acima estampada devemos aos dr. José Maria de Brito.